

---

# A rocha 11 de Gardete (Vila Velha de Ródão) e os períodos terminais da arte rupestre do Vale do Tejo

MÁRIO VARELA GOMES\*

**R E S U M O** As mais de duas centenas de figuras reconhecidas na rocha agora estudada fazem com que ela constitua uma das mais importantes superfícies, para o estudo da arte esquemática do complexo do Vale do Tejo. Ali se identificaram antropomorfos esquemáticos, de diferentes formas, associados em pares ou a figuras circulares (imagens solares?), um bucrânio, serpentiformes, círculos isolados ou aos pares (sugerindo olhos), conjuntos de círculos concêntricos, idolíformes e/ou esteliformes, de várias formas, podomorfos, covinhas, etc..., não raro formando conjuntos cujo significado se tenta discutir. Foi possível atribuir aquele acervo iconográfico aos três grandes períodos finais da evolução crono-estilística, por nós proposta, para o ciclo artístico tagano, situados entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze Final ou, mesmo, os inícios da Idade do Ferro (períodos Meridional, Atlântico, Círculos e Linhas), embora se tenham, ainda, reconhecido algumas fases no seio daqueles. Conjunto de pequenos traços filiformes paralelos, podem fazer remontar a iconografia desta rocha ao Paleolítico Superior ou a momento de transição para a arte dos tempos holocénicos.

**A B S T R A C T** More than the two hundreds of recognized figures in the rock now studied make that it constitutes one of the most important surfaces for the study of the schematic art of the Tagus' Valley complex. There, schematic anthropomorphs had been identified, of different forms, some of them associated in pairs or to a circle (solar image), an isolated bucranium, serpentiforms, circles alone or in pairs (suggesting eyes), sets of concentric circles, idoliforms and/or steliforms, podomorphs, cup-marks, etc., constituting, not rarely, groups whose meant if it tries to argue. It was possible to attribute that iconographic quantity to the three main final periods of the chrono-stylistical evolution, proposed by us, for the artistic cycle of the Tagus' River, situated between the Late Neolithic and the Late Bronze Age or, exactly, the beginnings of the Iron Age (Southern, Atlantic, Circles and Lines periods), even so have, still, recognized some phases in the middle of those. Set of small parallel filiform traces, can make to retrace the iconography of this rock to the Upper Palaeolithic period or to a moment of transition for the Holocene times.

## 1. Revisitar Gardete

Conjunto de rochas gravadas do sítio de São Simão, imediatamente a jusante da barragem de Cedillo, núcleo disperso pela margem direita do rio Ocrea, afluente do Tejo, escassas gravuras junto à confluência da ribeira de Figueiró, na margem esquerda daquele rio e diferentes grupos de superfícies decoradas, na margem oposta, localizadas entre a barragem de Fratel e a foz do Ocrea, a que foi conferida a denominação de estação de Gardete, são os testemunhos da arte rupestre do Vale do Tejo ainda visitáveis, sobretudo durante o Verão, quando as águas do grande rio peninsular se encontram baixas (Fig. 1).

A estação rupestre de Gardete apresenta tanto rochas, com gravuras, dispersas ao longo de quase todo o sector do Tejo anteriormente assinalado, como constituindo núcleos que integram várias superfícies decoradas, destacando-se dois, pelo maior número de tais testemunhos; um, o maior, situado a cerca de 800 m a jusante da barragem de Fratel, enquanto outro fica próximo da confluência do Ocrea com o Tejo.

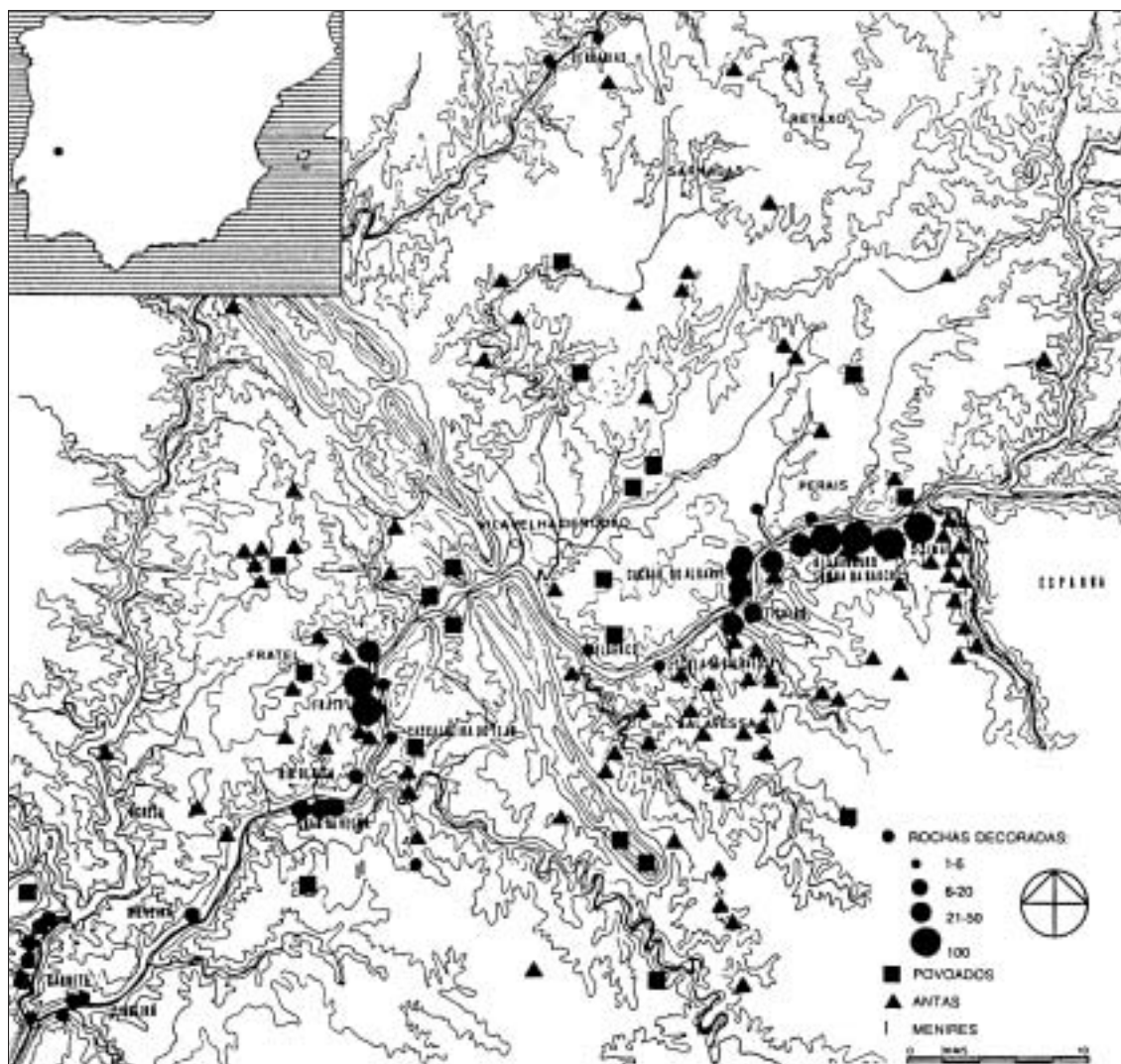


Fig. 1 O complexo de arte rupestre do Vale do Tejo (seg. M. V. Gomes).

As gravuras de Gardete, topónimo que advém da povoação situada a cerca de 1,5 km a norte do núcleo principal de rochas decoradas, foram descobertas em 1971, durante a primeira campanha de prospecções, tendo em vista determinar a extensão do complexo artístico tagano. Todavia, dado que tais vestígios arqueológicos não seriam submersos pelas águas da albufeira da barragem de Fratel, então não se procedeu à detecção exaustiva de gravuras, embora se tivessem moldado grande parte daquelas que foram identificadas, tendo-se, ainda, executado levantamento topográfico das mesmas.

Decorridas três décadas, perante o irremediável desaparecimento da grande maioria das gravuras que constituem o complexo de arte rupestre do Vale do Tejo, as gravuras de Gardete ganharam maior interesse, podendo agora ser estudadas a partir de registos obtidos com metodologia eficaz, tal como de análises mais profundas e seguras que, quando necessário, podem recorrer ao testemunho original.

Também as perspectivas com que se abordavam os estudos de arte pré-histórica, à data da descoberta do Complexo do Vale do Tejo, mudaram substancialmente nas últimas décadas, pelo que na actualidade se tem vindo a contemplar, sobretudo, duas vertentes; a da integração dos testemunhos artísticos no ambiente natural e na construção de paisagens culturais, como na indagação da vida sócio-religiosa e cognitiva das populações que nos legaram tais mensagens.

Voltar do Tejo, repetir gestos, esquecidos há milénios, através do decalque directo das suas gravuras, observar suportes, técnicas, sobreposições, associações, graus de desgaste, identificar pictogramas, ideogramas e psicogramas, perceber as relações com a corrente ininterrupta do rio civilizador ou com a paisagem envolvente, constituía desafio intelectual mas, também, resposta a alguma nostalgia dos tempos de juventude ali passados.

A pertinência das nossas razões científicas foi contemplada com a aceitação, pelo Instituto Português de Arqueologia, do projecto de investigação intitulado Arte Rupestre do Vale do Tejo (ARTEJO) que, ainda, decorre.

Ao projecto ARTEJO foi atribuída a classificação máxima, entre as propostas apresentadas ao concurso do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, pelo que foi, em parte, suportado financeiramente pela instituição pública acima mencionada, tendo-se obtido subsídios do Instituto Português da Juventude e da Fundação Calouste Gulbenkian, organismos a quem nos cabe, pública e reconhecidamente, agradecer.

As tarefas de campo iniciaram-se no ano 2000 mas foi, sobretudo, durante os meses de Julho e Agosto de 2001 que se elaboraram os decalques e as primeiras análises sistemáticas das gravuras, designadamente da rocha objecto do presente estudo. Os trabalhos têm continuado nos anos subsequentes.

## **2. Porquê a rocha 11?**

A superfície decorada agora dada a conhecer, é não só a maior de Gardete, contando com cerca de 8 m<sup>2</sup>, como aquela que maior número de gravuras apresenta, ascendendo tal acervo a mais de duas centenas de figuras. Trata-se, pois, do que podemos considerar uma rocha “central”, apesar da sua localização, debruçada sobre as águas do Tejo, rodeada por quase duas dezenas de outras superfícies oferecendo, de igual modo, gravuras e, por vezes, também densamente decoradas.

O elevado número de gravuras registado na rocha 11 de Gardete confere-lhe o aspecto de palimpsesto, dado que ao longo de sucessivas gerações, ela foi sendo utilizada como suporte de tais manifestações, decorrentes de actividades sócio-religiosas ali ocorridas e, por certo, em estreita

ligação com a presença do rio Tejo. Todavia, para além de pequeno conjunto de incisões filiformes paralelas que, com reservas, podemos atribuir ainda aos finais do Paleolítico Superior, o restante repertório iconográfico corresponde à denominada “arte esquemática”, tendo-se desenvolvido em período compreendido entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze Final ou, quiçá, os inícios da Idade do Ferro.

Tal cronologia, conforme adiante argumentaremos, integra os períodos meridional, atlântico e dos círculos e linhas, conforme a evolução crono-estilística por nós proposta para o ciclo de arte rupestre do Vale do Tejo. Não detectámos, pois, as representações sub-naturalistas ou semi-naturalistas, como as que tão bem caracterizam os três períodos iniciais de arte holocénica do Vale do Tejo (períodos Sub-Naturalista, Estilizado-Estático, Estilizado-Dinâmico) e já melhor conhecidos, dada a existência de algumas publicações sobre tal matéria, nomeadamente de carácter monográfico (Baptista, 1981; Gomes, 1987, 1989, 1990, 2000a, 2001; Gomes e Cardoso, 1989).

### 3. Localização

O núcleo de superfícies gravadas, de que faz parte a rocha 11, aproveita extenso afloramento de xisto grauváquico, medindo quase quarenta metros de comprimento por dez metros de largura máxima, que se desenvolve em paralelo às águas do Tejo e sobranceiro àquelas. Ele situa-se quase frente à foz da ribeira de Figueiró e, conforme registámos, a 800 m a jusante da barragem de Fratel (Fig. 2).

As coordenadas geodésicas Gauss do núcleo assinalado são: N 275 862 (seg. a *C. M. P.*, n.º 323, Amieira, a esc. 1/25 000, I. G. E., 1994).

A cota absoluta da rocha decorada mais alta é de 50,37 m.

O local indicado pertence à freguesia de Fratel, ao concelho de Vila Velha de Ródão e ao distrito de Castelo Branco.

O acesso ao sítio que temos vindo a referir faz-se, a pé, a partir de pequeno paradoro, situado no lado norte da barragem de Fratel, daí seguindo vereda que desce até junto da via-férrea da Beira Baixa e conduz a caminho de sirga que bordeja o Tejo.

### 4. Metodologia e meios

Apesar do nosso projecto de investigação sobre a arte do Vale do Tejo ter sido superiormente autorizado, quando, no Verão de 2001, chegámos a Gardete, verificámos que equipa dirigida pelo arqueólogo espanhol Hipólito Collado Giraldo, integrada no projecto TEMPOAR, da responsabilidade de Ana Rosa Cruz e de Luiz Oosterbeek, tinha ali procedido a diversos trabalhos arqueológicos não autorizados, o mesmo tendo acontecido no rio Ocrea, ao que parece devido a enganos e desencontros.

As rochas decoradas encontravam-se limpas, sem terra, algas ou outra vegetação, o mesmo acontecendo a algumas cujas superfícies, bem polidas e regulares, sugeriam poder conter gravuras.

A primitiva numeração das superfícies gravadas, efectuada nos inícios dos anos setenta da passada centúria, tinha desaparecido, tanto apagada pela erosão das águas fluviais ou da chuva, como por acção antrópica recente, pelo que deparámos com nova numeração, a tinta, nas cores branca e negra. Todavia, foi, ainda, possível reconhecer novas superfícies com gravuras.

Conforme nos foi solicitado pelo Centro Nacional de Arte Rupestre, não procedemos a qualquer marcação das rochas decoradas e limitámo-nos a seguir a numeração que encontrámos.

Efectuámos levantamento topográfico, às escalas 1/400, 1/200 e 1/100, do sector da margem do Tejo onde se encontra a rocha 11, assim como cortes transversais, naquelas mesmas escalas, pois julgamos que o correcto posicionamento das superfícies gravadas, entre si e em relação com o rio, constitui informação imprescindível para o seu estudo integrado (Fig. 3).

Nos levantamentos das rochas decoradas registaram-se não só as gravuras, como os contornos precisos daquelas e os principais acidentes que oferecem, como fissuras, estalamentos, fracturas, covinhas naturais ou, ainda, outros testemunhos da acção antrópica. Foram, também, anotadas tanto a inclinação das zonas centrais dos painéis, como as cores dominantes dos mesmos e outros atributos julgados pertinentes.

Para se conseguir a visualização perfeita da totalidade das gravuras, optou-se, de acordo com o CNART, utilizar o “método bicromático”, com colorantes inócuos (lactose e negro de fumo). Este procedimento teve em conta o facto de nos anos setenta do passado século se ter ali aplicado o mesmo preparado, como de as rochas não serem absorventes e de ele desaparecer totalmente através de uma simples lavagem, utilizando a água do rio que, afinal, ciclicamente as cobre.

Procedeu-se ao decalque directo das gravuras, à escala 1/1, em plástico polivinilo transparente, tendo os documentos assim obtidos sido passados, a tinta-da-china, para papel vegetal de 110 g e, em seguida, reduzidos fotograficamente, para acetato transparente, à escala 1/5.

Nos levantamentos efectuados, os negativos correspondentes às gravuras apresentam cor negra, tendo-se figurado os contornos das rochas através de traço contínuo, com 1,2 mm de largura, e as fissuras, tal como os estalamentos internos, através de linhas ponteadas, executadas com ponteira de 0,8 mm.

Foi elaborado catálogo das gravuras detectadas em cada rocha, sendo descritas a partir de dez unidades analíticas, tendo em vista a sua atribuição cronológica e cultural, assim como a interpretação corológica ou funcional. Tal trabalho pautou-se pela utilização de metodologia uniforme, servida por atributos descritivos e conceitos, prévia e claramente definidos.

Nos trabalhos de campo colaboraram, com entusiasmo e eficiência, Luís Campos Paulo, Sónia Duarte Ferreira, Carla Lemos Estrela, Ana Vieira, Teresa Costa, Elisabete Barradas e Paulo Botelho, então alunos do Curso de História-Variante de Arqueologia, da F. C. S. H. da U. N. L., hoje todos licenciados. Nas tarefas de gabinete participaram a Dr.<sup>a</sup> Ana Machado Nunes, assim como Ana Ferreira, Ana Fazendeiro e Marlène Jordão, estudantes do ensino superior. As reduções das rochas decoradas, para acetato, foram realizadas, fotograficamente, por Adolfo Veríssimo Silvestre, especialista em fotocartografia dos Serviços Cartográficos do Exército, e o levantamento topográfico deve-se a Armando Guerreiro.



Fig. 2 Localização da estação de arte rupestre de Gardete (seg. a C.M.P., n.º 328, Amieira, 1994).

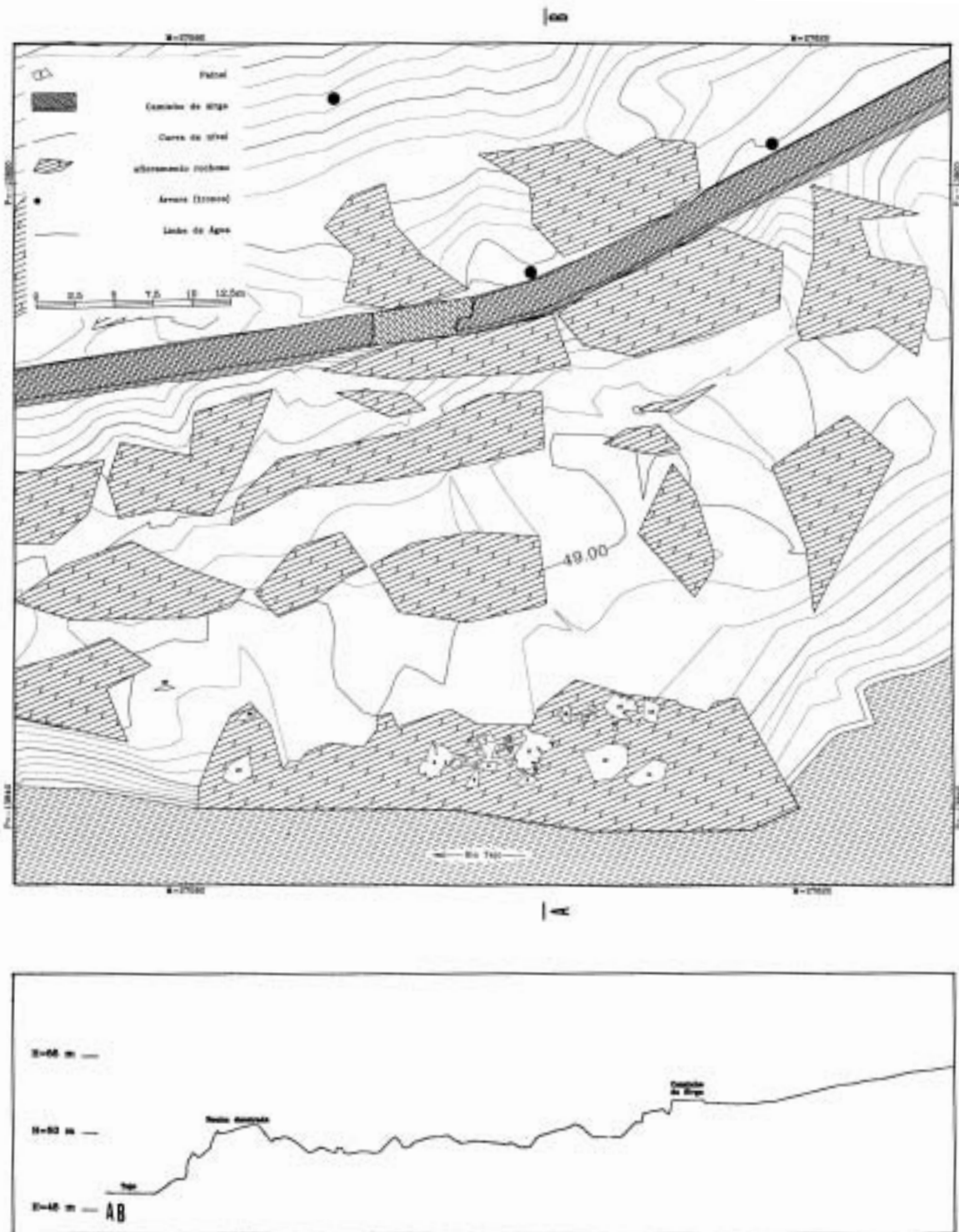


Fig. 3 Planta e corte na zona da rocha 11 de Gardete (lev. A. Guerreiro).

Os decalques das gravuras foram executados pelo signatário, que também procedeu à cobertura fotográfica das mesmas, assim como a reportagem sobre os trabalhos. Estes foram aprovados pelo IPA, com elogio pela qualidade dos registos efectuados.

## 5. A rocha 11

Corresponde a enorme superfície sub-horizontal, com contorno subtrapezoidal, medindo 3,30 m de comprimento máximo e 2,50 m de largura média, apresentando na zona central cerca de 11° de inclinação (Fig. 4).

A sua maior dimensão encontra-se orientada no sentido sudoeste-nordeste, sendo, portanto, quase perpendicular ao sector do Tejo a cujas águas é sobranceira.

Apresenta cor castanha avermelhada, de tom escuro (10R 3/6)<sup>1</sup>.

Mostra profundas fracturas, designadamente ao centro, que a subdividem em painéis, tal como numerosas fissuras. Considerámos como pertencentes a esta rocha pequenas superfícies situadas no seu lado nascente.

No seu ponto mais alto, no lado norte, oferece 49,70 m de cota e no lado contrário, mais próximo do rio, 49,46 m. O nível médio das águas do Tejo, agora controladas através de barragens, a montante e a jusante, situa-se, normalmente, entre 2,00 e 3,00 m abaixo da sua cota média.

A nascente encontram-se duas rochas gravadas (13 e 14), também com grandes dimensões, embora a cotas inferiores e contendo menor densidade de insculturas, enquanto a poente foram registadas dez rochas com pequenas dimensões, mas algumas delas profusamente decoradas. A nordeste situam-se as restantes cinco rochas deste núcleo de gravuras, que conta com uma vineta de superfícies decoradas.



Fig. 4 Aspecto da rocha 11 de Gardete, vista de sudeste (foto M. V. Gomes, R V / 01 - 37 ).

## 6. Catálogo das gravuras (Fig. 5)

**Fig. 1 - Linha.** Foi gravada através de picotagem directa, com negativos contínuos, de contorno circular e dimensões médias. Mede 0,055 m de comprimento.

**Fig. 2 - Antropomorfo.** Apresenta braços em forma de arco, com aspecto quase circular, e corpo reduzido a segmento rectilíneo. Foi gravado com picotagem directa, que produziu negativos de contorno circular e de dimensões médias, constituindo linhas quase contínuas. Encontra-se orientado no sentido sudeste-noroeste. Mede 0,080 m de altura e 0,080 m de largura máxima.

**Fig. 3 - Oval.** Foi executada através de picotagem directa, formada por negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias, constituindo linha larga e quase contínua. Mede 0,140 m de comprimento máximo.

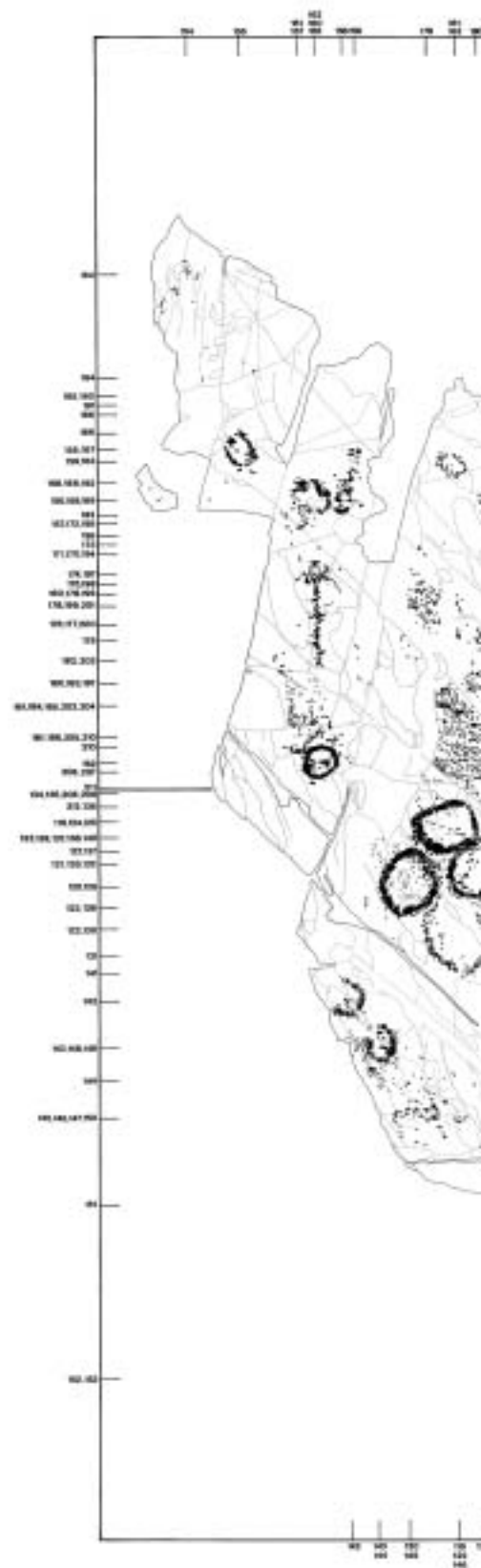
**Fig. 4 - Mancha circular.** Foi gravada por picotagem directa, com negativos de contorno oval, de grandes dimensões e descontínuos. Mede 0,060 m de diâmetro.

**Fig. 5 - Círculo.** Constituído por linha descontínua e com largura variável, produzida por picotagem indirecta, formada por negativos de contorno circular ou oval, com dimensões pequenas a médias. Foi sobreposto pelo círculo n.º 191. Mede 0,100 m de diâmetro.

**Fig. 6 - Covinha.** Gravada por picotagem directa, mostra conjunto de negativos, com contorno circular ou oval e de dimensões pequenas a médias. Em seu torno surge nuvem de picotados dispersos. Mede 0,025 m de diâmetro.

**Fig. 7 - Antropomorfo.** Representação esquemática, com cabeça de forma subcircular, tronco quase rectilíneo, braços abertos na horizontal e pernas em V invertido. Foi gravado através de picotagem indirecta, com negativos de contorno circular, de pequenas dimensões, constituindo linhas contínuas. Pode encontrar-se associado à figura anteriormente mencionada e, de igual modo, à que mencionaremos em seguida, como aos círculos descritos com os n.ºs 5 e 9. Mede 0,130 m de altura e 0,100 m de largura máxima (nos braços).

**Fig. 8 - Linha.** Obtida por picotagem directa, oferece forma ligeiramente arqueada, sendo formada por negativos de pequenas dimensões, com contorno circular e descontínuos. Mede 0,120 m de comprimento máximo.





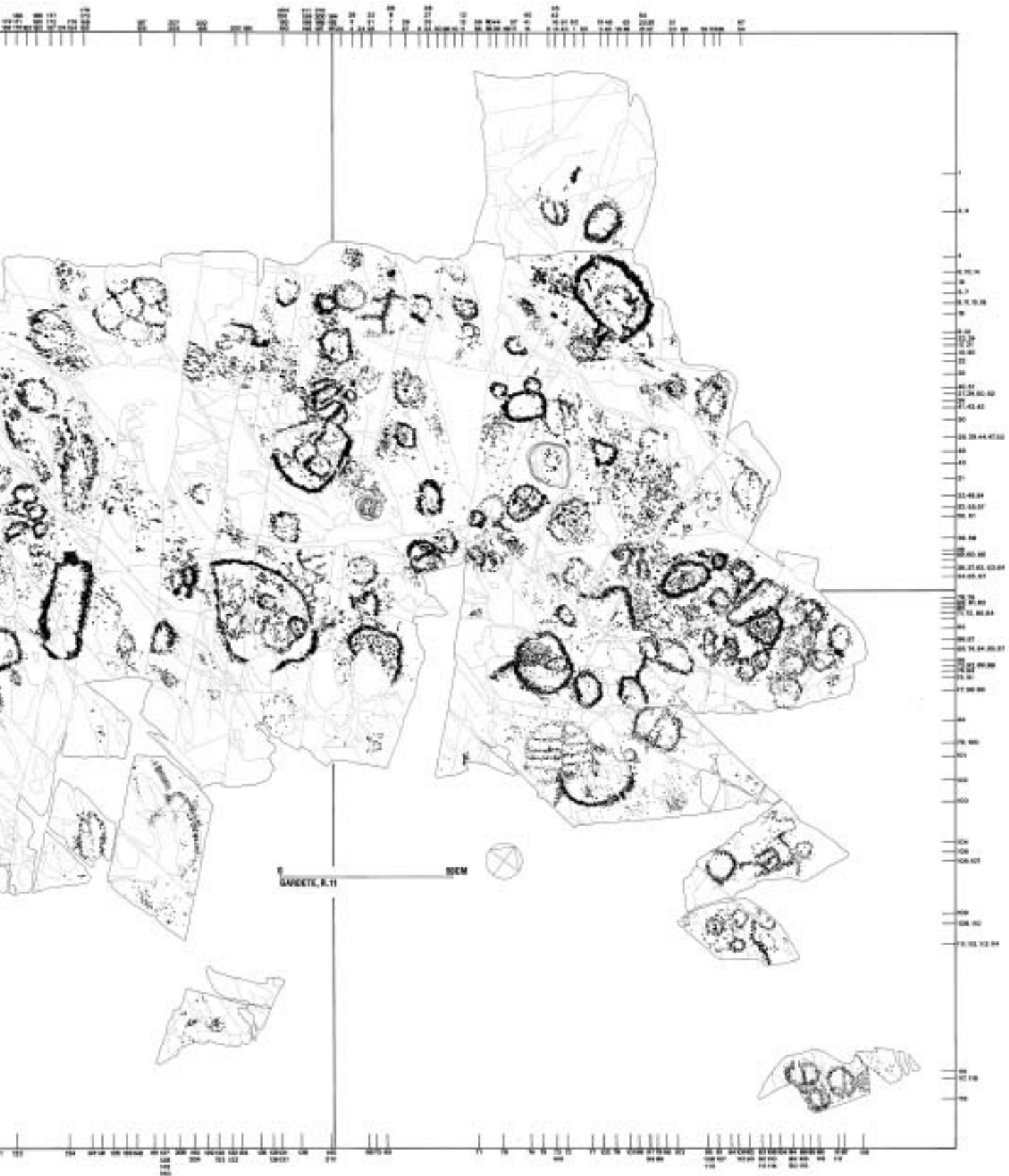


Fig. 5 Decalque da rocha 11 de Gardete (seg. M. V. Gomes).

**Fig. 9 - Círculo.** Representado através de picotagem directa, mostra negativos com contorno circular ou oval, de dimensões médias, formando linha descontínua. Encontra-se sobreposto por picotados de maiores dimensões, claramente ulteriores. Mede 0,060 m de diâmetro.

**Fig. 10 - Oval.** Foi figurada por picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval e de dimensões médias, constituindo linha descontínua. Mede 0,060 m de comprimento máximo.

**Fig. 11 - Oval.** Gravada através de picotagem directa, oferece negativos com contorno circular ou oval, de grandes dimensões, formando linha quase contínua. Mede 0,085 m de comprimento máximo.

**Fig. 12 - Oval.** Figurada através de picotagem directa, mostra negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias a grandes, formando linha descontínua. Mede 0,085 m de comprimento máximo.

**Fig. 13 - Mancha.** Conjunto de negativos dispersos, obtidos por picotagem directa, com contorno circular e de pequenas dimensões. Mede 0,045 m de comprimento máximo.

**Fig. 14 - Mancha.** Constituída por conjuntos de negativos dispersos, produzidos por picotagem directa, com contorno oval e de grandes dimensões. Parece contemporânea da figura 19. Mede 0,170 m de comprimento máximo.

**Fig. 15 - Mancha.** Gravada através de picotagem directa, encontra-se formada por negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias. Mede 0,170 m de comprimento máximo.

**Fig. 16 - Covinha.** Oferece contorno oval, tendo sido gravada através de picotagem directa, com picotados pouco profundos. Mede 0,020 m de comprimento máximo.

**Fig. 17 - Semicírculo.** Foi gravado com picotagem directa, oferecendo negativos de contorno circular ou oval, com grandes dimensões e formando linha quase contínua. Mede 0,060 m de diâmetro.

**Fig. 18 - Círculo.** Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular e de dimensões pequenas a médias, formando linha descontínua. Mede 0,125 m de diâmetro.

**Fig. 19 - Oval.** Foi gravada com picotagem directa e apresenta negativos de contorno circular ou oval, de grandes dimensões, constituindo linha contínua, larga e profunda. Envolve a figura anteriormente descrita e sobrepõe tanto a mancha correspondente à figura n.º 14, como o círculo com o n.º 21. Mede 0,260 m de comprimento máximo.

**Fig. 20 - Círculo com ponto central.** Foi obtido por picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval e de dimensões médias, não formando linha contínua. Apresenta, ao centro, conjunto de picotados, sendo rodeado por outros dispersos. Mede 0,080 m de diâmetro.

- Fig. 21 - Círculo (?).** Gravado por picotagem directa, mostra negativos de contorno circular, com pequenas dimensões, constituindo linha descontínua. Encontra-se sobreposto pela oval n.º 19. Mede 0,060 m de diâmetro.
- Fig. 22 - Linha.** É constituída por negativos, obtidos por picotagem directa, com contorno circular ou oval, descontínuos. Mede 0,200 m de comprimento.
- Fig. 23 - Mancha.** Pequeno conjunto de negativos dispersos, produzidos por picotagem directa, de contorno circular e de reduzidas dimensões. Mede 0,035 m de comprimento máximo.
- Fig. 24 - Círculo.** Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de dimensões médias e formando linha descontínua. Mede 0,100 m de diâmetro.
- Fig. 25 - Círculo.** Parece tratar-se de esboço, obtido por picotagem directa, constituído por negativos com contorno circular e de dimensões médias, formando linha descontínua. No seu interior observam-se picotados dispersos, idênticos aos referidos. Mede 0,075 m de diâmetro.
- Fig. 26 - Oval.** Foi gravada a partir de forma pré-existente, com picotagem directa, mostrando negativos de contorno circular e de dimensões médias, formando linha contínua. Mede 0,045 m de comprimento máximo.
- Fig. 27 - Círculo com ponto central.** Constituído através de picotagem directa, apresenta negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias e formando linha descontínua. No interior observam-se picotados dispersos e, ao centro, pequeno aglomerado, originando pequeníssima covinha. Mede 0,100 m de diâmetro.
- Fig. 28 - Mancha.** Formada por negativos dispersos, obtidos por picotagem directa, com contorno circular ou oval, embora alguns sejam alongados, em forma de bago de arroz, com dimensões médias a grandes. Mede 0,120 m de comprimento máximo.
- Fig. 29 - Trapézio.** Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno oval e de dimensões médias, mas profundos, formando linha quase contínua. No interior encontram-se picotados dispersos. Mede 0,060 m de comprimento máximo.
- Fig. 30 - Mancha.** Conjunto de negativos dispersos, obtidos por picotagem directa, com contorno circular e pequenas dimensões. Mede 0,100 m de comprimento máximo.
- Fig. 31 - Mancha.** Conjunto de negativos dispersos, produzidos por picotagem directa, com contorno circular ou oval e de pequenas a médias dimensões. Mede 0,160 m de comprimento máximo.
- Fig. 32 - Mancha subcircular.** Ocupa o interior de depressão com contorno oval, sendo formada por negativos circulares, dispersos e de médias dimensões, executados através de picotagem directa. Mede 0,075 m de comprimento máximo.

**Fig. 33 - Oval.** Foi figurada através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, alguns de grandes dimensões e em forma de bago de arroz, constituindo linha larga e quase contínua. Mede 0,105 m de comprimento máximo.

**Fig. 34 - Círculo.** Definido por picotagem directa, mostra levantamentos de contorno circular ou oval, com médias dimensões, formando linha descontínua. Mede 0,090 m de diâmetro.

**Fig. 35 - Antropomorfo.** Apresenta braços em forma de arco, com aspecto quase circular, e corpo reduzido a segmento rectilíneo. Foi gravado com picotagem directa, que produziu negativos de contorno circular ou oval, de grandes dimensões, constituindo linhas largas, mas nem sempre contínuas. Encontra-se orientado no sentido norte-sul. Mede 0,085 m de altura máxima e 0,100 m de largura.

**Fig. 36 - Círculo.** Trata-se de esboço, gravado com picotagem directa, oferecendo negativos de contorno circular e com pequenas dimensões, formando linha descontínua. Mede 0,025 m de diâmetro.

**Fig. 37 - Oval.** Definida através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval e de dimensões médias, formando linhas descontínuas. Mede 0,095 m de comprimento máximo.

**Fig. 38 - Círculo.** Produzido com picotagem directa, com negativos de contorno oval e de grandes dimensões, formando linha descontínua. Mede 0,080 m de diâmetro.

**Fig. 39 - Círculo.** Gravado através de picotagem directa, mostra levantamentos com contorno oval, em forma de bago de arroz, de grandes dimensões, constituindo linha descontínua. Mede 0,050 m de diâmetro.

**Fig. 40 - Círculo.** Foi constituído por negativos de contorno oval, com grandes dimensões, alguns em forma de bago de arroz, formando linha descontínua, obtida por picotagem directa. Mede 0,055 m de diâmetro.

**Fig. 41 - Oval.** Foi gravada com picotagem directa, com negativos de contorno oval e de grandes dimensões, formando linha larga e contínua. Sobrepõe a figura anteriormente descrita (Fig. 40) e a que mencionaremos em seguida (Fig. 42). Mede 0,135 m de comprimento máximo.

**Fig. 42 - Antropomorfo.** Mostra forma subcircular com segmento central. Trata-se de esboço, obtido através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de dimensões médias a grandes e constituindo linhas descontínuas. Encontra-se orientado no sentido noroeste-sudeste, sendo sobreposto pela figura antes descrita (Fig. 41), tal como pela que a seguir se menciona (Fig. 43). Mede 0,110 m de comprimento máximo.

**Fig. 43 - Semicírculo.** Foi gravado através de picotagem directa, com levantamentos de contorno circular ou oval e de dimensões médias, constituindo linha descontínua. Sobrepõe a figura anteriormente descrita (Fig. 42). Mede 0,040 m de diâmetro.

- Fig. 44 - Mancha.** Constituída por negativos dispersos, obtidos por picotagem directa, com contorno oval, do tipo bago de arroz, e de grandes dimensões. Mede 0,160 m de comprimento máximo.
- Fig. 45 - Círculo.** Trata-se de esboço, executado através de picotagem directa, formado por negativos com contorno oval e de grandes dimensões, gravado no interior de depressão sub-circular. Mede 0,065 m de diâmetro.
- Fig. 46 - Mancha.** Conjunto de levantamentos dispersos, produzidos por picotagem directa, com contorno circular ou oval e de dimensões médias. Mede 0,150 m de comprimento máximo.
- Fig. 47 - Oval.** Foi gravada com picotagem directa, através de negativos de contorno circular ou oval e de dimensões médias, formando linha descontínua. Mede 0,070 m de comprimento máximo.
- Fig. 48 - Trapézio.** Representado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias e grandes, constituindo linha contínua e, por vezes, larga. Mede 0,090 m de comprimento máximo.
- Fig. 49 - Mancha.** Grande conjunto de levantamentos dispersos, obtidos por picotagem directa, com contorno circular ou oval, alguns em forma de bago de arroz, e de dimensões médias a grandes. Mede 0,300 m de comprimento máximo.
- Fig. 50 - Mancha.** Grupo de negativos dispersos, produzidos por picotagem directa, com contorno circular e pequenas dimensões. Apresenta 0,090 m de comprimento máximo.
- Fig. 51 - Círculo.** Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, com médias dimensões, formando linha descontínua. Encontra-se preenchido por picotados dispersos. Mede 0,060 m de diâmetro.
- Fig. 52 - Idoliforme.** Apresenta forma trapezoidal, contendo duas pequenas manchas picotadas, figurando olhos, e segmento longitudinal (nariz?). Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval e de dimensões médias, formando linhas descontínuas. Mede 0,125 m de altura máxima e 0,100 m de largura.
- Fig. 53 - Linha.** Formada a partir de picotagem directa, mostra negativos com contorno circular ou oval, de dimensões médias e descontínuos. Apresenta inflexão, sensivelmente a meio, e sobrepõe a figura a seguir descrita (Fig. 54). Mede 0,300 m de comprimento máximo.
- Fig. 54 - Antropomorfo.** Mostra corpo reduzido a pequena linha e braços em forma de arco, conferindo-lhe contorno oval. Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de pequenas e médias dimensões, formando linhas descontínuas. Encontra-se sobreposto pela linha anteriormente referida (Fig. 53). Mede 0,120 m de altura e 0,090 m de largura máxima.

**Fig. 55 - Oval.** Gravada com picotagem directa, oferece negativos de contorno circular ou oval, de pequenas e médias dimensões, formando linha descontínua. Encontra-se sobreposta pelas duas figuras a seguir descritas (Figs. 56 e 57). Mede 0,080 m de comprimento máximo.

**Fig. 56 - Círculo.** Representado através de picotagem directa, com negativos de contorno oval, alguns longos, do tipo bago de arroz, de grandes dimensões, formando linha larga e quase contínua. Mede 0,050 m de diâmetro.

**Fig. 57 - Idoliforme ou escutiforme (?).** Apresenta forma ovalada, com o interior dividido por dois eixos perpendiculares e dois outros traços. Foi figurado através de picotagem directa, que produziu negativos com contorno circular ou oval e de dimensões médias a grandes, formando linhas descontínuas. Sobrepõe, tangencialmente, a oval descrita com o n.º 55. Mede 0,115 m de altura e 0,090 m de largura máxima.

**Fig. 58 - Mancha.** Corresponde a conjunto de negativos dispersos, produzidos por picotagem directa, com contorno oval, alguns do tipo bago de arroz e de grandes dimensões. Mede 0,115 m de comprimento máximo.

**Fig. 59 - Oval.** Produzida através de picotagem directa, mostra levantamentos de contorno circular, com dimensões médias, formando linha descontínua. Mede 0,070 m de comprimento máximo.

**Fig. 60 - Círculos concêntricos.** Trata-se de esboço, realizado através de picotagem directa, enformado por negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias, constituindo linhas descontínuas. O círculo maior mede 0,060 m de diâmetro e o menor, apenas, 0,020 m.

**Fig. 61 - Círculos concêntricos.** Foram gravados através de picotagem directa, apresentando negativos de contorno circular e, sobretudo, oval, alguns de grandes dimensões e em forma de bago de arroz, formando linhas descontínuas. O interior encontra-se picotado. O círculo maior mede 0,135 m de diâmetro e o menor, apenas, 0,050 m.

**Fig. 62 - Oval.** Figurada através de picotagem directa, com negativos de contorno circular, de médias dimensões, formando linha descontínua. Mede 0,085 m de comprimento máximo.

**Fig. 63 - "Báculo".** Figura formada por segmento rectilíneo e com uma das extremidades encurvadas, voltada para poente. Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular e de pequenas dimensões, não formando linha contínua. Mede 0,110 m de altura e 0,060 m de largura máxima (extremidade distal).

**Fig. 64 - Círculo.** Foi gravado com picotagem directa, oferecendo negativos de contorno circular, com pequenas dimensões, sendo sobreposto por outros, longos e profundos, do tipo bago de arroz, constituindo linha descontínua. Mede 0,040 m de diâmetro.

**Fig. 65 - Oval.** Representada através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de dimensões médias a grandes, formando linha larga e contínua. No seu interior

observam-se picotados dispersos, alguns sugerindo formar dois círculos, o que conduziria a classificarmos esta figura como “máscara”. Mede 0,165 m de comprimento máximo.

**Fig. 66 - Círculo.** Figurado com picotagem directa, mostrando levantamentos de contorno circular ou oval, de dimensões médias a grandes, constituindo linha larga e contínua. Mede 0,055 m de diâmetro.

**Fig. 67 - Círculo.** Oferece picotagem directa, mostrando negativos de contorno circular ou oval, de dimensões médias a grandes, enformando linha larga mas descontínua. Mede 0,075 m de diâmetro.

**Fig. 68 - Oval.** Mostra picotagem directa, com negativos de contorno oval, a maioria de grandes dimensões e do tipo bago de arroz, embora constituam linha descontínua. Mede 0,100 m de comprimento máximo.

**Fig. 69 - Trapézio (?).** Apresenta picotagem directa, com levantamentos de contorno oval e de grandes dimensões, alguns do tipo bago de arroz, formando linha contínua. O seu interior foi preenchido com negativos dispersos, semelhantes aos acima mencionados. Encontra-se parcialmente amputado, devido a fractura do suporte. Mede 0,190 m de comprimento máximo.

**Fig. 70 - Mancha.** Pequeno conjunto de negativos dispersos, obtidos por picotagem directa, com contorno oval e dimensões médias. Mede 0,070 m de comprimento máximo.

**Fig. 71 - Mancha.** Pequeno núcleo de levantamentos dispersos, produzidos por picotagem directa, mostrando contorno circular e dimensões médias. Mede 0,045 m de comprimento máximo.

**Fig. 72 - Oval.** Gravada com picotagem directa, apresenta negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias a grandes, formando linha descontínua. Mede 0,070 m de comprimento máximo.

**Fig. 73 - Oval.** Representada através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval e de dimensões médias a grandes, constituindo linha descontínua. Foi sobreposta por grande figura oval (Fig. 75). Mede 0,070 m de comprimento máximo.

**Fig. 74 - Oval.** Foi gravada através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de pequenas e médias dimensões. Apresenta o interior preenchido por picotados dispersos. Foi sobreposta por grande figura oval (Fig. 75). Mede 0,100 m de comprimento máximo.

**Fig. 75 - Oval.** Constituída por picotagem directa, formada por negativos de contorno circular ou oval, de médias e grandes dimensões, que originaram linha larga e contínua. Sobrepõe as duas figuras descritas anteriormente (Figs. 73 e 74). Mede 0,180 m de comprimento máximo.

**Fig. 76 - Linha.** Mostra inflexão e foi obtida por picotagem directa, sendo constituída por levantamentos, contínuos, com contorno circular ou oval, de médias a grandes dimensões.

Sobrepõe a figura anteriormente mencionada (Fig. 75), assim como a oval correspondente à figura 74. Mede 0,150 m de comprimento.

**Fig. 77 - Oval.** Foi gravada a partir de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de dimensões médias a grandes, formando linha larga e quase contínua. Aproxima-se, em termos técnicos, tal como no grau de desgaste, da oval descrita como figura 75. Mede 0,110 m de comprimento máximo.

**Fig. 78 - Serpentina.** Representado através de picotagem directa, com negativos de contorno oval, de grandes dimensões, formando linha ondulada, larga e contínua na zona central e descontínua nas extremidades. Mostra enrolamento em uma das extremidades e a extremidade oposta parece figurar a cabeça do ofídio. Encontra-se orientada no sentido nascente-poente, sobrepondo o podomorfo n.º 96 e o bucrânio n.º 98. Sugere ainda ligação com o círculo n.º 97. Mede 0,350 m de comprimento.

**Fig. 79 - Linha de covinhas.** Foi gravada através de picotagem directa, sendo formada por catorze covinhas que descrevem arco de círculo em torno da oval acima referida (Fig. 65). As covinhas apresentam contorno oval e são pouco profundas, medindo cada uma cerca de 0,015 m de comprimento máximo. O comprimento da linha é de 0,300 m.

**Fig. 80 - Mancha.** Formada por numeroso conjunto de negativos dispersos, obtidos por picotagem directa. Mede 0,250 m de comprimento máximo.

**Fig. 81 - Círculo.** Foi executado através de picotagem directa e oferece negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias, formando linha descontínua. Uma curta linha liga esta figura ao círculo descrito como figura 67. Mede 0,080 m de diâmetro.

**Fig. 82 - Podomorfo.** Representação de pé esquerdo humano, em contorno, ou calçado. Foi gravado com picotagem directa, mostrando negativos de contorno circular ou oval e de dimensões médias a grandes, formando linha descontínua. Encontra-se orientado no sentido sul-norte. Sobrepõe a figura seguidamente descrita (Fig. 83). Mede 0,195 m de comprimento e 0,085 m de largura máxima (área mesial).

**Fig. 83 - Trapézio.** Mostra picotagem directa, com negativos de contorno oval, de grandes dimensões, formando linha larga e quase contínua. Apresenta o interior preenchido com negativos de menores dimensões que os anteriormente referidos. Encontra-se sobreposto pelo podomorfo (Fig. n.º 82) e sobrepõe figura oval (Fig. 84). Mede 0,110 m de comprimento máximo.

**Fig. 84 - Oval.** Definida através de picotagem directa, apresenta negativos com contorno circular e de dimensões médias, formando linha descontínua. Foi sobreposta pelas duas figuras anteriormente descritas, trapézio (Fig. 83) e podomorfo (Fig. 82), sobrepondo-se à que se menciona em seguida (Fig. 85). Mede 0,080 m de comprimento máximo.

**Fig. 85 - Antropomorfo.** Mostra contorno circular e segmento rectilíneo figurando o corpo. Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de dimen-



sões médias a grandes, constituindo linha descontínua. Foi sobreposto pela figura anteriormente descrita (Fig. 84). Mede 0,090 m de altura.

**Fig 86 - Mancha.** É formada por negativos de contorno circular ou oval, obtidos por picotagem directa, com dimensões médias. Mede 0,130 m de comprimento máximo.

**Fig 87 - Oval.** Foi gravada através de picotagem directa, com negativos de contorno oval, de grandes dimensões, formando linha descontínua. Mede 0,080 m de comprimento máximo.

**Fig 88 - Trapézio.** Figurado através de picotagem directa, apresenta negativos com contorno circular e de médias dimensões, formando linha descontínua. Mede 0,080 m de comprimento máximo.

**Fig 89 - Círculo.** Foi definido por picotagem directa, com levantamentos de contorno oval e de dimensões médias a grandes, constituindo linha descontínua. Mede 0,065 m de diâmetro.

**Fig 90 - Círculo.** Formado por picotagem directa, oferece sucessão descontínua de negativos, com contorno circular e de dimensões médias. É tangente ao círculo anteriormente descrito (Fig. 89). Mede 0,090 m de diâmetro.

**Fig 91 - Mancha.** Pequeno aglomerado de negativos dispersos, obtidos por picotagem directa, com contorno circular ou oval, e de dimensões pequenas a médias. Mede 0,050 m de comprimento máximo.

**Fig 92 - Oval.** Encontra-se representada através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval e de dimensões médias a grandes, constituindo linha descontínua. Mede 0,060 m de comprimento máximo.

**Fig 93 - Círculo.** Mostra picotagem directa, com levantamentos de contorno circular e de dimensões médias, formando linha descontínua. Mede 0,060 m de diâmetro.

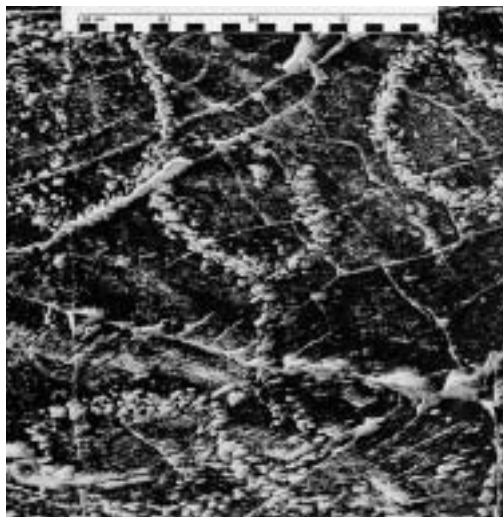
**Fig 94 - Oval.** Figurada através de picotagem directa, oferece negativos com contorno oval e de grandes dimensões, definindo linha descontínua. Mede 0,060 m de comprimento máximo.

**Fig 95 - Oval.** Oferece forma muito alongada e, talvez, diâmetro transversal, conferindo-lhe aspecto de *phi*. Foi gravada através de picotagem directa, com levantamentos de contorno oval, alongados ou em forma de bago de arroz, de grandes dimensões e formando linha descontínua. Mede 0,090 m de comprimento máximo.

**Fig 96 - Podomorfo.** Representa pé esquerdo calçado e em contorno. Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de grandes dimensões, constituindo linha descontínua. Encontra-se orientado no sentido poente-nascente. Sobrepõe a figura descrita com o n.º 98 (bucrânio) e é sobreposto tanto pelo serpentiforme n.º 78, como pelo círculo n.º 97. Mede 0,180 m de comprimento e 0,090 m de largura no terço mesial.

**Fig. 97 - Círculo.** Gravado com picotagem directa, mostra negativos de contorno oval e com grandes dimensões, formando linha descontínua. Sobrepõe as figuras 96 e 98. A técnica e a pátina são semelhantes às observadas na figura 78 (serpentiforme), que parece a ele ligada. Mede 0,070 m de diâmetro.

**Fig. 98 - Bucrânio.** É formado por armação semi-circular, embora com um dos ramos parcialmente inflectido, e corpo rectilíneo (Fig. 6). Foi figurado a partir de picotagem directa, oferecendo negativos com contorno circular e de dimensões médias, constituindo linhas largas e contínuas. Quase ao centro da armação observa-se pequeno aglomerado de picotados. Encontra-se orientado no sentido sul-norte, tendo sido sobreposto por podomorfo (Fig. 96) e por círculo (Fig. 97). Mede 0,160 m de comprimento máximo.



**Fig. 6** Bucrânio. Rocha 11 de Gardete (foto M. V. Gomes, RV/01-33).

**Fig. 99 - Antropomorfo.** Apresenta braços em forma de arco, constituindo oval, e corpo reduzido a dois segmentos rectilíneos. Foi gravado através de picotagem directa, mostrando negativos com contorno de forma circular ou oval, de pequenas a médias dimensões, constituindo linhas descontínuas. Encontra-se orientado no sentido sul-norte, tal como o bucrânio anteriormente descrito (Fig. 98). Mede 0,120 m de altura e 0,150 m de largura máxima.

**Fig. 100 - Idoliforme.** Mostra contorno oval e, no interior, eixo longitudinal interceptado por quatro eixos transversais, paralelos entre si, constituindo retícula. Foi gravado com picotagem directa, oferecendo negativos de contorno oval, de médias a grandes dimensões, formando linhas descontínuas. Encontra-se sobreposto pela figura descrita com o n.º 102. Mede 0,200 m de altura e 0,175 m de largura máxima.

**Fig. 101 - Círculo.** Representado através de picotagem directa, mostra negativos de contorno oval e de médias dimensões, semelhantes aos utilizados na figura anteriormente descrita, formando linha descontínua. Encontra-se sobreposto pela figura a seguir mencionada (Fig. 102). Mede 0,045 m de diâmetro.

**Fig. 102 - Oval.** Gravada com picotagem directa, apresenta negativos de contorno circular ou oval, alguns destes alongados, em forma de bago de arroz e com grandes dimensões, constituindo linha larga e contínua, em parte da figura e apenas em esboço na restante. Sobrepõe o pequeno círculo e o idoliforme descritos anteriormente (Figs. 100 e 101). Mede 0,225 m de comprimento máximo.

**Fig. 103 - Mancha.** Oferece forma subcircular e foi gravada através de picotagem directa, com negativos de contorno circular e de dimensões médias. Mede 0,080 m de diâmetro.

- Fig. 104 - *Serpentiforme*.** Foi gravado com picotagem directa, apresentando negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias a grandes, constituindo linha descontínua. Os picotados de grandes dimensões podem pertencer a uma segunda fase de gravação. Encontra-se orientado no sentido nascente-poente e parece associar-se a antropomorfo (Fig. 106). Mede 0,300 m de comprimento.
- Fig. 105 - *Círculo*.** Representado através de picotagem directa, oferece negativos com contorno circular ou oval, de pequenas dimensões, formando linha descontínua. Mede 0,050 m de diâmetro.
- Fig. 106 - *Antropomorfo*.** Representação esquemática, com corpo rectilíneo e dois pares de membros em forma de U invertido. Foi gravado através de picotagem, possivelmente indirecta, mostrando negativos de contorno circular, com pequenas dimensões, formando linhas quase contínuas. Encontra-se orientado no sentido norte-sul. Mede 0,120 m de altura e 0,060 m de largura máxima (na extremidade das pernas).
- Fig. 107 - *Círculo*.** Oferece picotagem directa, mostrando negativos de contorno circular, com pequenas e médias dimensões, formando linha descontínua apenas em pequeno sector. É possível que constitua, com as quatro figuras anteriormente descritas, composição. Mede 0,095 m de diâmetro.
- Fig. 108 - *Círculo*.** Apresenta picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de dimensões médias e constituindo linha descontínua, assim como picotados dispersos no seu interior. Mede 0,055 m de diâmetro.
- Fig. 109 - *Círculo*.** Foi realizado através de picotagem directa, com negativos de contorno oval, de dimensões médias, formando linha descontínua. Mede 0,055 m de diâmetro.
- Fig. 110 - *Espiral*.** Segmento de curva, gravada com picotagem directa, constituída por negativos de secção circular, de dimensões médias, formando linha descontínua, com direcção sinistorsa. Mede 0,100 m de comprimento.
- Fig. 111 - *Linha*.** Segmento, formando curva, constituído através de picotagem directa, com negativos de contorno oval, de grandes dimensões, enformando linha larga mas descontínua. Mede 0,150 m de comprimento.
- Fig. 112 - *Círculo*.** Gravado com picotagem directa, oferece negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias, formando linha descontínua. Mede 0,050 m de diâmetro.
- Fig. 113 - *Oval*.** Trata-se de esboço, formado por picotagem directa, com negativos de contorno oval e de grandes dimensões, constituindo linha descontínua. Mede 0,090 m de comprimento máximo.
- Fig. 114 - *Oval*.** Corresponde a esboço, formado por picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval e de dimensões médias, constituindo linha descontínua. Mede 0,060 m de comprimento máximo.

**Fig. 115 - Antropomorfo.** Muito esquemático, é constituído por elemento semicircular, representando os braços, e por segmento rectilíneo, figurando o corpo. Foi gravado através de picotagem directa, formada por negativos de contorno circular ou oval, de dimensões médias, constituindo linhas largas mas descontínuas. Encontra-se orientado no sentido sudeste-noroeste, conforme acontece com antropomorfo semelhante, correspondendo à figura 2 desta mesma rocha. Mede 0,080 m de altura e 0,100 m de largura máxima.

**Fig. 116 - Antropomorfo.** Tal como acontece com a figura anteriormente descrita, apresenta braços em forma de arco, quase circular, e corpo reduzido a segmento rectilíneo. Foi gravado por picotagem directa, com negativos de contorno circular, de dimensões médias, constituindo linhas descontínuas. Encontra-se orientado no sentido sudeste-noroeste e, muito possivelmente, associado ao antropomorfo antes descrito. Mede 0,070 m de altura e 0,075 m de largura máxima.

**Fig. 117 - Antropomorfo.** Apresenta braços circulares e o corpo reduzido a segmento rectilíneo, sendo muito semelhante às duas figuras anteriormente registadas. Foi gravado com picotagem directa, com negativos de contorno circular e de dimensões médias, constituindo linhas descontínuas. Encontra-se orientado no sentido sudeste-noroeste e, talvez, associado tanto aos antropomorfos antes descritos, como ao círculo a seguir mencionado. Mede 0,090 m de altura e 0,080m de largura máxima.

**Fig. 118 - Círculo.** Constituído por picotagem directa, oferece negativos dispersos, com contorno circular e dimensões médias. Encontra-se amputado, devido a fractura do suporte. Deve associar-se à figura antes descrita (Fig. 117). Mede 0,070 m de diâmetro.

**Fig. 119 - Oval.** Representada através de picotagem directa, oferece negativos com contorno circular ou oval, de médias a grandes dimensões, formando linha quase contínua. Mede 0,145 m de comprimento máximo.

**Fig. 120 - Círculo.** Figurado através de picotagem directa, mostra negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias a grandes, formando linha quase contínua. No interior contém alguns picotados dispersos. Mede 0,150 m de diâmetro.

**Fig. 121 - Oval.** Gravada através de picotagem directa, oferece picotados de contorno circular ou oval, com médias a grandes dimensões, constituindo linha quase contínua. Mede 0,145 m de comprimento máximo.

**Fig. 122 - Oval.** Representada através de picotagem directa, mostra negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias a grandes, formando linha descontínua. Mede 0,175 m de comprimento máximo.

**Fig. 123 - Mancha.** Conjunto de negativos dispersos, produzidos por picotagem directa, com contorno circular e de dimensões médias. Mede 0,050 m de comprimento máximo.

**Fig. 124 - Idoliforme.** Apresenta corpo sub-rectangular e cabeça quadrangular (Fig. 7). Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de grandes dimen-

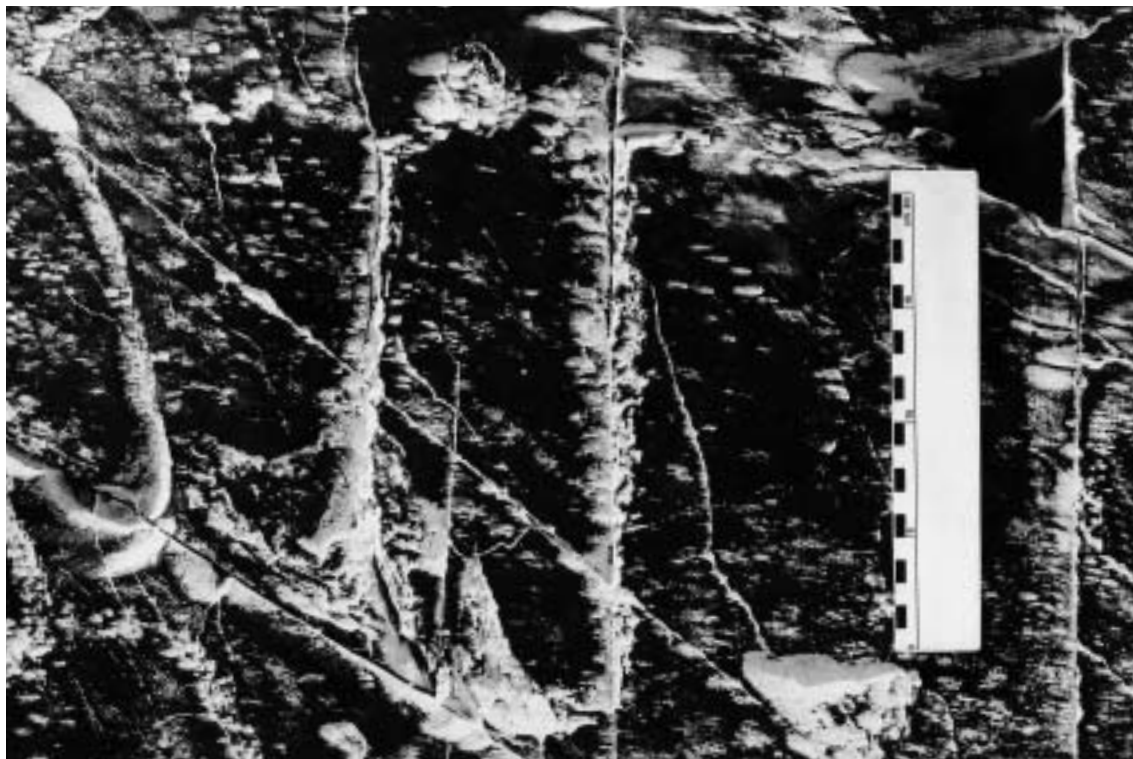


Fig. 7 Idoliforme. Rocha 11 de Gardete (foto M. V. Gomes, R V/ 01-23).

sões, constituindo linha larga, profunda e contínua. Encontra-se orientado no sentido noroeste-sudeste. Mede 0,310 m de altura e 0,130 m de largura máxima (terço inferior do corpo).

**Fig. 125 - Mancha.** Conjunto de negativos dispersos, obtidos por picotagem directa, com contorno oval e grandes dimensões. Mede 0,125 m de comprimento máximo.

**Fig. 126 - Círculo.** Parece tratar-se, apenas, de esboço, constituído por picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, e de pequenas a médias dimensões, formando linha descontínua. Mede 0,055 m de diâmetro.

**Fig. 127 - Círculo.** Gravado com picotagem directa, oferece negativos de contorno circular ou oval, com médias e grandes dimensões, formando linha larga e quase contínua. Mede 0,100 m de diâmetro.

**Fig. 128 - Mancha.** Conjunto de negativos, produzidos por picotagem directa, com contorno circular e dimensões médias. Mede 0,100 m de comprimento máximo.

**Fig. 129 - Mancha.** Pequeno grupo de negativos dispersos, obtidos por picotagem directa, com contorno circular ou oval e dimensões médias. Mede 0,065 m de comprimento máximo.

**Fig. 130 - Círculo.** Trata-se de esboço, formado por picotagem directa, que deu origem a negativos de contorno circular ou oval e com dimensões médias, formando linha descontínua. Mede 0,030 m de diâmetro.

**Fig. 131 - Mancha.** Apresenta forma subcircular e é constituída por negativos de contorno oval, de grandes dimensões, obtidos por picotagem directa. Mede 0,110 m de diâmetro.

**Fig. 132 - Esteliforme.** Definido por linha contínua, larga e profunda, de contorno trapezoidal. Na parte superior apresenta pequenos semicírculos adossados. Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno oval e de grandes dimensões, parte deles do tipo bago de arroz. A interrupção verificada no lado sul deve-se a fractura do suporte. Encontra-se orientado no sentido nordeste-sudoeste. É possível que esteja associado ao círculo n.º 138, que mostra técnica de gravação e pátina idênticas. Mede 0,360 m de altura e 0,350 m de largura máxima.

**Fig. 133 - Mancha.** Apresenta forma subcircular e foi gravada com picotagem directa, mostrando negativos de contorno oval, de grandes dimensões. Encontra-se parcialmente sobreposta pela figura antes descrita e no interior daquela. Mede 0,080 m de diâmetro.

**Fig. 134 - Mancha.** Mostra forma subcircular e foi gravada através de picotagem directa, com levantamentos de contorno circular ou oval, de dimensões médias a grandes. Mede 0,080 m de diâmetro.

**Fig. 135 - Mancha.** Conjunto de picotados dispersos, realizados por percussão directa que produziu negativos com contorno oval e de grandes dimensões, do tipo bago de arroz. Mede 0,100 m de comprimento máximo.

**Fig. 136 - Oval.** Foi gravada através de picotagem directa, com negativos de contorno oval e de grandes dimensões, do tipo bago de arroz, formando linha contínua. Parece contemporânea da mancha anteriormente descrita (Fig. 135). Mede 0,060 m de comprimento máximo.

**Fig. 137 - Círculos concêntricos.** Trata-se de dois círculos, produzidos por picotagem directa, com negativos de forma circular ou oval e de dimensões médias a grandes, constituindo linhas descontínuas. Encontram-se sobrepostos pela figura seguidamente descrita (Fig. 138). O círculo maior mede 0,110 m de diâmetro e o menor, apenas, 0,055 m, ou seja, metade daquela dimensão.

**Fig. 138 - Círculo.** Formado através de picotagem directa, com levantamentos de contorno circular ou oval e de dimensões médias, constituindo linha profunda e contínua. Sobrepõe a figura anteriormente descrita, mostrando técnica e pátina semelhantes ao esteliforme descrito com o n.º 132. Mede 0,065 m de diâmetro.

**Fig. 139 - Círculo.** Esboço formado por picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval e de dimensões médias, constituindo linha descontínua. Encontra-se adossado à figura n.º 137, podendo ser anterior àquela. Mede 0,035 m de diâmetro.

**Fig. 140 - Semicírculo.** Foi gravado com picotagem directa, mostrando negativos de contorno oval e de dimensões médias a grandes, formando linha descontínua. Mede 0,040 m de diâmetro.

- Fig. 141 - Mancha.** Pequeno núcleo de negativos dispersos, com contorno circular e de grandes dimensões, obtidos por picotagem directa. Mede 0,100 m de comprimento máximo.
- Fig. 142 - Antropomorfo.** Mostra os braços semicirculares e segmento recto representando o corpo. Apresenta negativos com contorno circular e de dimensões médias, constituindo linha contínua, produzidos por picotagem directa. Deve encontrar-se associado à figura seguidamente descrita (Fig. 143). Mede 0,070 m de altura e 0,075 m de largura máxima.
- Fig. 143 - Antropomorfo.** Oferece braços semicirculares e pequeno segmento figurando o corpo. Mostra negativos de contorno circular e de médias dimensões, formando linha contínua, produzidos por picotagem directa. Foi sobreposto por alguns negativos de contorno oval e de grandes dimensões, devendo encontrar-se associado à figura antes mencionada (Fig. 142). Mede 0,060 m de altura e 0,070 m de altura máxima.
- Fig. 144 - Mancha.** Conjunto de levantamentos dispersos, obtidos por picotagem directa com contorno circular ou oval e de grandes dimensões, alguns dos quais sobrepõem e alteraram a figura anteriormente descrita. Mede 0,200 m de comprimento máximo.
- Fig. 145 - Serpentina.** Trata-se de esboço, formado por picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de grandes dimensões, constituindo linha descontínua. Encontra-se orientado no sentido norte-sul. Mede 0,175 m de comprimento.
- Fig. 146 - Oval.** Esboço formado por picotagem directa, com negativos de contorno circular e de dimensões médias, formando linha descontínua. Mede 0,030 m de comprimento máximo.
- Fig. 147 - Antropomorfo.** Apresenta corpo de forma rectilínea e braços em arco de círculo. Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de médias a grandes dimensões, constituindo linhas descontínuas. Encontra-se orientado no sentido noroeste-sudeste. Mede 0,140 m de altura e 0,090 m de largura máxima, na zona mesial.
- Fig. 148 - Linha.** Esboço, formado por negativos descontínuos, com contorno circular e de dimensões médias, produzidos por picotagem directa. Mede 0,085 m de comprimento.
- Fig. 149 - "Raspagem".** Conjunto de curtas incisões filiformes, paralelas entre si. Encontra-se disposta no sentido noroeste-sudeste. Mede 0,100 m de comprimento e 0,025 m de largura máxima.
- Fig. 150 - Antropomorfo (?).** Trata-se de esboço, com corpo rectilíneo e braços arqueados, um deles incompleto devido a fractura do suporte. Foi gravado com negativos de contorno circular ou oval, de médias a grandes dimensões, constituindo linhas descontínuas, realizados por picotagem directa. No interior observam-se alguns levantamentos dispersos. Mede 0,200 m de altura e 0,150 m de largura máxima.
- Fig. 151 - Mancha.** Conjunto de levantamentos dispersos, com contorno circular ou oval e de dimensões médias, obtidos através de picotagem directa. Mede 0,200 m de comprimento máximo.

**Fig. 152 - Semicírculo.** Trata-se de esboço, constituído por picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de médias a grandes dimensões, formando linha descontínua. Mede 0,060 m de diâmetro.

**Fig. 153 - Círculo.** Esboço, formado por linha descontínua de negativos com contorno circular e de dimensões médias, produzidos por picotagem directa. Oferece linha no interior. Mede 0,040 m de diâmetro.

**Fig. 154 - Mancha.** Conjunto de negativos dispersos, obtidos por picotagem directa, com contorno circular ou oval e de médias dimensões. Mede 0,125 m de comprimento.

**Fig. 155 - Oval.** Gravada através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de grandes dimensões, constituindo linha quase contínua. Mede 0,075 m de comprimento máximo.

**Fig. 156 - Círculo.** Definido através de picotagem directa, com negativos de contorno oval e de grandes dimensões, formando linha descontínua. Mede 0,090 m de diâmetro.

**Fig. 157 - Círculo.** Esboço, formado por linha descontínua de negativos, com contorno circular ou oval, de médias a grandes dimensões e obtidos por picotagem directa. Mede 0,050 m de diâmetro.

**Fig. 158 - Oval.** Constituída por picotagem directa, com negativos de contorno oval e de grandes dimensões, alguns do tipo bago de arroz, formando linha descontínua. Mede 0,050 m de comprimento máximo.

**Fig. 159 - Mancha.** Conjunto de picotados dispersos, com contorno oval e grandes dimensões, produzidos por picotagem directa. Mede 0,090 m de comprimento.

**Fig. 160 - Antropomorfo.** Apresenta cabeça circular, tronco reduzido a segmento recto e braços em forma de arco. Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de médias a grandes dimensões, constituindo linhas descontínuas. Encontra-se orientado no sentido noroeste-sudeste. Mede 0,180 m de altura e 0,100 m de largura máxima, nos braços.

**Fig. 161 - Serpentina.** Trata-se de esboço, formado por linha descontínua de negativos com contorno circular ou oval e de dimensões médias a grandes, produzidos por picotagem directa. Encontra-se orientado no sentido sudeste-noroeste e rodeado por picotados dispersos. Mede 0,100 m de comprimento.

**Fig. 162 - Círculo.** Foi representado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval e de grandes dimensões, constituindo linha contínua, larga e profunda. Quase ao centro, apresenta concentração de negativos e deve encontrar-se associado à figura anteriormente descrita (Fig. 161). Mede 0,080 m de diâmetro.



- Fig. 163 - Oval.** Formada por picotagem directa, mostra negativos com contorno circular ou oval, de dimensões médias, constituindo linha descontínua. Mede 0,065 m de comprimento máximo.
- Fig. 164 - Mancha.** Apresenta forma subcircular e foi gravada com negativos de contorno circular ou oval, de grandes dimensões, produzidos por picotagem directa. Mede 0,090 m de diâmetro.
- Fig. 165 - Mancha.** Núcleo de levantamentos dispersos, com contorno circular e de dimensões médias, realizados através de picotagem directa. Mede 0,050 m de comprimento.
- Fig. 166 - Idoliforme (?).** Apresenta forma subtriangular e o interior subdividido por linhas subcirculares. Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de dimensões médias a grandes, formando linhas descontínuas. Mede 0,200 m de altura e 0,225 m de largura máxima.
- Fig. 167 - Círculo.** Trata-se de esboço, realizado através de picotagem directa, formada por levantamentos de contorno oval, alguns do tipo bago de arroz e com grandes dimensões, embora não constituam linha contínua. No interior observam-se picotados idênticos. Mede 0,140 m de diâmetro.
- Fig. 168 - Mancha.** Conjunto de negativos dispersos, obtidos por picotagem directa, com contorno circular e de dimensões pequenas a médias. Mede 0,140 m de comprimento.
- Fig. 169 - Círculo com ponto central.** O círculo encontra-se apenas esboçado e foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular e de dimensões médias, não formando linha contínua. Mede 0,060 m de diâmetro.
- Fig. 170 - Mancha.** Apresenta forma circular e foi gravada com picotagem directa, oferecendo negativos de contorno oval e de dimensões médias. Mede 0,040 m de diâmetro.
- Fig. 171 - Podomorfo.** Representa contorno de pé humano calçado. Mostra esboço e apenas parte com linha contínua. Foi gravado através de negativos com contorno oval e de grandes dimensões, obtidos por picotagem directa, alguns do tipo bago de arroz. Encontra-se orientado no sentido sudeste-noroeste. Mede 0,175 m de comprimento máximo.
- Fig. 172 - Oval.** Definida através de picotagem directa, mostra negativos com contorno circular ou oval e de médias dimensões, formando linha descontínua. Mede 0,125 m de comprimento máximo.
- Fig. 173 - Círculo.** Esboço, formado por linha descontínua, através de picotagem directa, oferece negativos com contorno oval e de grandes dimensões. Mede 0,060 m de diâmetro.
- Fig. 174 - Mancha.** Conjunto de picotados dispersos, com contorno circular e de grandes dimensões, obtidos por picotagem directa. Mede 0,100 m de comprimento.
- Fig. 175 - Círculo.** Constituído por picotagem directa, mostra negativos de contorno circular, com médias dimensões, formando linha quase contínua. Mede 0,040 m de diâmetro.

**Fig. 176 - Podomorfo.** Representa contorno de pé humano calçado. Foi gravado através de picotagem directa, apresentando negativos de contorno circular ou oval, de médias dimensões, constituindo linha descontínua, mas com diferentes densidades. O interior apresenta picotados idênticos aos mencionados. Encontra-se orientado no sentido sudeste-noroeste. Mede 0,235 m de comprimento e 0,110 m de largura, na área mesial.

**Fig. 177 - Mancha.** Conjunto de picotados dispersos, com contorno circular ou oval e médias dimensões, obtidos por picotagem directa. Mede 0,090 m de comprimento.

**Fig. 178 - Mancha.** Núcleo de negativos dispersos, com contorno circular ou oval, de médias a grandes dimensões, produzidos por picotagem directa. Mede 0,145 m de comprimento.

**Fig. 179 - Mancha.** Com forma oval, foi gravada através de picotagem directa, com negativos de contorno circular e de dimensões médias. Mede 0,080 m de comprimento máximo.

**Fig. 180 - Círculo.** Foi definido através de picotagem directa, com negativos de contorno circular e de dimensões médias, constituindo linha descontínua. Mede 0,050 m de diâmetro.

**Fig. 181 - Mancha.** Extenso conjunto de picotados, com contorno circular ou oval, de dimensões médias, realizados através de picotagem directa. Mede 0,300 m de comprimento máximo.

**Fig. 182 - Meandro.** Oferece forma de 8. Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval e de dimensões médias a grandes, constituindo linha quase contínua. Mede 0,100 m de comprimento por 0,080 m de largura máxima.

**Fig. 183 - Círculo.** Constituído por picotagem directa, mostra negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias a grandes, formando linha quase contínua. Encontra-se parcialmente unido à figura anteriormente descrita, oferecendo características técnicas e pátina idênticas. Mede 0,060 m de diâmetro.

**Fig. 184 - Oval.** Foi gravada com picotagem directa, oferecendo negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias a grandes, constituindo linha quase contínua. As especificidades técnicas e a pátina aproximam-na das duas figuras antes descritas. Mede 0,080 m de comprimento máximo.

**Fig. 185 - Círculo.** Produzido através de picotagem directa, oferece negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias a grandes, constituindo linha quase contínua. A técnica e a pátina permitem relacioná-lo com as três figuras descritas anteriormente. Mede 0,050 m de diâmetro.

**Fig. 186 - Círculo.** Trata-se de esboço constituído por negativos de contorno oval e de grandes dimensões, formando linha descontínua, obtida por picotagem directa. Mede 0,045 m de diâmetro.

**Fig. 187 - Mancha.** Conjunto de levantamentos dispersos, com contorno oval e de grandes dimensões, alguns do tipo bago de arroz, produzidos por picotagem directa. Mede 0,250 m de comprimento máximo.

- Fig. 188 - Mancha.** Extenso conjunto de negativos dispersos, com contorno oval e de grandes dimensões, alguns do tipo bago de arroz, realizados através de picotagem directa. Mede 0,200 m de comprimento máximo.
- Fig. 189 - Linha.** Foi gravada através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de grandes dimensões e quase contínuos. Apresenta dois ângulos rectos. Mede 0,175 m de comprimento total.
- Fig. 190 - Círculo.** Mostra picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de médias dimensões e formando linha descontínua. Mede 0,080 m de diâmetro.
- Fig. 191 - Círculo.** Constituído por picotagem directa, oferece negativos com contorno circular ou oval, de médias a grandes dimensões, formando linha larga e quase contínua. Sobrepõe o círculo descrito com o n.º 5. Mede 0,075 m de diâmetro.
- Fig. 192 - Mancha.** Conjunto de negativos dispersos, com contorno circular ou oval e grandes dimensões, produzidos por picotagem directa. Mede 0,127 m de comprimento máximo.
- Fig. 193 - Antropomorfo.** Apresenta corpo rectilíneo e braços de forma semicircular. Foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, de médias dimensões, formando linhas contínuas. Encontra-se orientado no sentido norte-sul e associado à figura a seguir descrita (Fig. 194). Foi sobreposto por covinha (Fig. 195). Mede 0,080 m de altura e 0,060 m de largura máxima, na extremidade dos braços.
- Fig. 194 - Antropomorfo.** Mostra corpo rectilíneo e braços em forma de arco. Foi gravado por picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval, com dimensões médias, formando linhas contínuas. Encontra-se orientado no sentido norte-sul. O corpo foi parcialmente sobreposto por idoliforme (Fig. 201) e por serpentiforme (Fig. 197). Esta figura deve associar-se à anteriormente descrita, com a qual evidencia afinidades, tanto de carácter estilístico como técnico e, ainda, em termos de grau de pátina, assim como a parte do círculo descrito com o n.º 26. Mede 0,080 m de altura e 0,080 m de largura máxima, na extremidade dos braços.
- Fig. 195 - Covinha.** Aglomerado de negativos, com contorno circular ou oval, de dimensões médias a grandes, produzidos por picotagem directa. Sobrepõe a extremidade do corpo do antropomorfo anteriormente descrito, com o n.º 193. Mede 0,020 m de diâmetro.
- Fig. 196 - Covinha.** Conjunto de negativos, com contorno circular ou oval, e de dimensões médias a grandes, realizados por picotagem directa. Deve associar-se à covinha antes referida, formando par. Mede 0,020 m de diâmetro.
- Fig. 197 - Serpentiforme.** Gravado através de picotagem directa, oferece negativos, quase contínuos, de contorno oval, em bago de arroz e com grandes dimensões. Sobrepõe a oval descrita com o n.º 198, assim como antropomorfo esquemático (Fig. 194) e idoliforme (Fig. 201). Mede 0,200 m de comprimento total.

**Fig. 198 - Oval.** Representada através de picotagem directa, oferece negativos com contorno circular ou oval, de grandes dimensões, embora não constituam linha contínua. Encontra-se parcialmente sobreposta pelo serpentiforme anteriormente descrito (Fig. 197). Mede 0,040 m de comprimento máximo.

**Fig. 199 - Oval.** Figurada com picotagem directa, mostra negativos de contorno circular ou oval, de grandes dimensões, constituindo linha descontínua. Encontra-se adossada à figura precedentemente descrita. Mede 0,070 m de comprimento máximo.

**Fig. 200 - Oval.** Gravada através de picotagem directa, apresenta negativos de contorno oval, com dimensões médias a grandes, embora constituindo linha descontínua. Encontra-se adossada à figura antes mencionada. Mede 0,080 m de comprimento máximo.

**Fig. 201 - Idoliforme.** Oferece forma trapezoidal e foi gravado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval e de grandes dimensões, constituindo linha larga e profunda, quase contínua (Fig. 8). Sobrepõe o antropomorfo descrito com o n.º 194, é sobreposto pelo serpentiforme n.º 197 e no seu interior observam-se as figuras n.ºs 198, 199 e 200. Encontra-se orientado no sentido norte-sul. Mede 0,225 m de altura e 0,220 m de largura máxima.



**Fig. 8** Idoliforme ou esteliforme. Rocha 11 de Gardete (foto M. V. Gomes, R V/ 01-35).

**Fig. 202 - Círculo.** Formado por picotagem directa, apresenta negativos com contorno circular ou oval, de médias a grandes dimensões, constituindo linha descontínua. Mede 0,060 m de diâmetro.

**Fig. 203 - Mancha.** Conjunto de levantamentos dispersos, com contorno circular ou oval, de grandes dimensões, produzidos por picotagem directa. Mede 0,250 m de comprimento.

- Fig. 204 - Trapézio.** Foi figurado através de picotagem directa, com negativos de contorno oval e de dimensões médias a grandes, formando linha descontínua. Mede 0,110 m de comprimento.
- Fig. 205 - Mancha.** Núcleo de negativos, realizados por picotagem directa, com contorno oval e de dimensões médias a grandes. Mede 0,100 m de comprimento.
- Fig. 206 - Oval.** Foi gravada através de picotagem directa, com negativos de contorno circular e de dimensões pequenas a médias, constituindo linha larga e contínua. Mede 0,060 m de comprimento máximo.
- Fig. 207 - Mancha.** Conjunto de picotados dispersos, com contorno circular ou oval e de médias dimensões, produzidos por picotagem directa. Mede 0,050 m de comprimento máximo.
- Fig. 208 - Covinha.** Aglomerado de negativos, com contorno circular e de dimensões pequenas a médias, realizados por picotagem directa. Mede 0,025 m de diâmetro.
- Fig. 209 - Covinha.** Aglomerado de negativos, de contorno circular e com dimensões pequenas a médias, produzidos por picotagem directa. Deve encontrar-se associada à figura anteriormente descrita, constituindo par. Mede 0,020 m de diâmetro.
- Fig. 210 - Antropomorfo.** Apresenta os braços curvos e dois segmentos de recta adossados, figurando o corpo, ou seja em forma de  $\pi$ . Foi figurado através de picotagem directa, com negativos de contorno circular ou oval e de dimensões médias a grandes, formando linhas descontínuas. Mede 0,130 m de altura.
- Fig. 211 - Círculo.** Trata-se de esboço, formado por levantamentos de contorno circular e com pequenas dimensões, constituindo linha descontínua, obtida por picotagem directa. Mede 0,035 m de diâmetro.
- Fig. 212 - Círculo.** Esboço, formado por negativos de contorno circular e com pequenas dimensões, constituindo linha descontínua, produzida por picotagem directa. Mede 0,030 m de diâmetro.

## 7. Suporte e técnicas

Referimos anteriormente as principais características da rocha cujas gravuras descrevemos (cf. Cap. 5), importando, agora, tentar perceber de que modo alguns dos seus atributos poderão ter intervindo, sugestionado ou limitado fisicamente, a acção criativa dos gravadores.

Também interessa tentarmos caracterizar, com objectividade, as técnicas de gravação usadas e perceber se elas poderão, ou não, encontrarem-se relacionadas com a diacronia dos motivos a que deram forma.

As dimensões, forma, inclinação, cor e as muitas fracturas e fissuras que mostra a rocha 11 de Gardete, por certo que condicionaram comportamentos dos gravadores no decorrer da produ-

ção das insculpturas e das próprias manifestações sócio-religiosas que elas testemunham. Contudo, aqueles atributos certamente que sugeriram ou, até, provocaram, a realização de algumas gravuras, como ajudaram a construção de outras, conforme referimos e interessa, ainda, sublinhar.

Por exemplo, foi conferida importância particular a depressões naturais do suporte, em forma de covinhas, tendo uma delas recebido picotados no interior (Fig. 32) e a outra esboço de círculo (Fig. 45).

A utilização de fissuras na formação das figuras surge, discretamente, em alguns círculos e ovais ou, de modo bem evidente, na do grande idoliforme sub-rectangular, com cabeça destacada, que utiliza vários de tais acidentes no seu contorno (Fig. 124). E parece ser conjunto de fissuras que sugeriu a gravação de uma das pegadas, talvez por isso produzida com picotagem muito descontínua (Fig. 176).

Por outro lado, fissuras e estalamentos ulteriores à realização de certas gravuras têm obliterado parte importante daquelas, dificultando a nossa leitura e interpretação.

Tanto os bordos da rocha, como algumas fissuras e fracturas, constituem elementos de grande importância na delimitação de espaços onde se integraram gravuras. As figuras 104 a 107, que julgamos formarem composição, ilustram tal situação, pois enquadram-se perfeitamente na forma e nos limites do sector de rocha que lhes serve de suporte. O mesmo acontece, por exemplo, com as figuras 115 a 118, três antropomorfos, muito esquemáticos, e círculo, ao que parece associado a um daqueles, constituindo cena.

De igual modo, os antropomorfos esquemáticos, descritos como figuras 54, 147 e 150, integram-se perfeitamente nos limites das zonas do suporte em que foram gravados, definidos por fissuras, embora tivesse havido a preocupação de manter a orientação, dos eixos maiores daqueles, no sentido noroeste-sudeste.

Três ovais e um círculo (Figs. 119 a 122) ocupam a zona central de painel trapeziforme definido por largas fissuras e constituindo, apenas, mais um exemplo, entre muitos outros casos semelhantes, de integração de gravuras nos limites e formas dos suportes.

Importa ainda referir que a orientação das gravuras mais antigas, e também de muitas ulteriores, segue a disposição das principais fissuras que segmentam a superfície rochosa, ou seja, a direcção noroeste-sudeste, enquanto bom número de gravuras, atribuídas a períodos mais recentes, apresentam orientação norte-sul. Outras há, contudo, que mostram disposição sul-norte, existindo, também, exemplares orientados nascente-poente.

De acordo com os atributos registados no catálogo (Cap. 6), observam-se acentuadas variações técnicas nas gravuras que preenchem a quase totalidade da rocha 11 (Fig. 9).

O conjunto de curtas incisões filiformes, sub-paralelas (Fig. 149), é o único exemplo daquele tipo de gravação, pelo que todas as restantes figurações foram obtidas por picotagem, ou seja, através da percussão de artefactos, líticos ou metálicos, na superfície da rocha.

A picotagem, directa ou, mais raramente, indirecta (quando o artefacto incisor é actuado por percutor), produziu negativos com contornos de diferentes formas e, também, com profundidades distintas, podendo variar, ainda, a sua densidade, constituindo manchas dispersas ou aglomerados de levantamentos, tal como linhas contínuas ou descontínuas. Também variam a largura e profundidade das linhas gravadas.

A utilização de picotagem indirecta detectou-se somente em três gravuras (Figs. 5, 7 e 106), correspondendo a 1,42% do total daquelas, embora se admita que tal avaliação contenha alguns erros, dado que assentou na observação macroscópica.

Apenas a cabeça do idoliforme, descrito como figura 124, o báculo (Fig. 63), dois trapézios (Figs. 69 e 83) e um círculo (Fig. 118), foram preenchidos por picotado, a que, caso se tratasse de

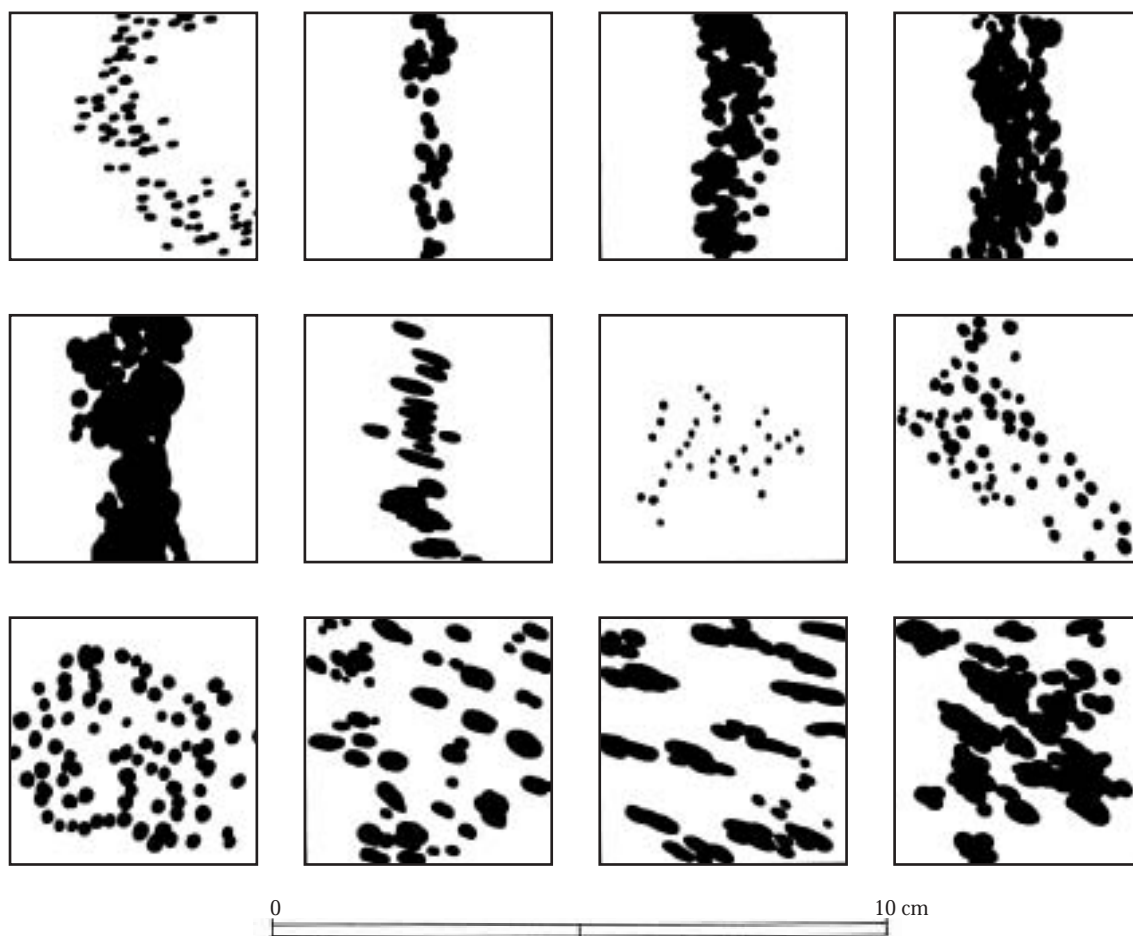


Fig. 9 Variantes de gravação através da picotagem. Linhas e manchas (seg. M.V. Gomes).

pintura, corresponderia a cobrimento do interior dos motivos, variante técnica a que se tem vindo a denominar “tinta plana”.

São quase sempre indissociáveis dos atributos técnicos da gravação os graus de pátina, ou de desgaste, motivados pela exposição das insculturas à acção dos agentes meteóricos e, sobretudo, no presente caso, à erosão das águas do Tejo que, ao longo dos milénios, as têm vindo ciclicamente a cobrir.

Pudemos observar que as gravuras da rocha 11 de Gardete, obtidas por picotagem, oferecem cinco variantes técnicas, a que atribuímos valor cronológico. Assim, figuras constituídas por negativos de contorno circular ou oval, com pequenas dimensões e pouco profundos, alguns obtidos por picotagem indirecta, formando linhas algo descontínuas ou contínuas, mas não muito densas e de aspecto muito erodido, indicam pertencer a um primeiro momento de gravação.

Insculturas produzidas com negativos de dimensões algo maiores que os acima referidos, originando linhas mais densas e profundas, mas também ligeiramente menos desgastadas, podem constituir uma segunda fase de produção iconográfica, onde se utilizou a picotagem directa.

Negativos bem maiores que os antes mencionados, principalmente de forma oval, enformam linhas contínuas e descontínuas, ainda com acentuado grau de pátina, enquanto gravuras tecnicamente semelhantes às anteriores, embora menos erodidas, fazem parte de uma quarta variante.

Por fim, figuras bem visíveis, produzidas com negativos de dimensões médias a grandes, de contorno circular ou oval, muitos deles com a típica forma oval alongada, ou de bago de arroz, dando origem a linhas largas e profundas, mas com menor grau de pátina, constituem o último “período técnico” de gravação desta rocha.

Os levantamentos em forma de bago de arroz, produzidos com artefactos metálicos, identificaram-se em vinte e uma figuras (9,90%), predominando os círculos e as ovais, que totalizam onze ocorrências (5,18%), seguindo-se-lhes as manchas com seis exemplares (2,83%), tendo-se ainda identificado dois círculos concêntricos, trapézio, grande esteliforme e podomorfo, onde foi usada a mesma variante técnica de representação.

## 8. Iconografia

O acervo figurativo identificado na rocha 11 de Gardete totaliza, conforme registámos, duzentas e doze imagens, algumas das quais compósitas, ou seja constituídas por outras mais simples, assim como por exemplares que sofreram pequenas alterações ou transformações, ao longo dos tempos, mas que foram por nós tomados, apenas, como uma unidade.

Quadro I. Síntese iconográfica da rocha 11 de Gardete.

	<i>PO?</i>	<i>P IV-A</i>	<i>P IV-B</i>	<i>P V</i>	<i>PVI-A</i>	<i>PVI-B</i>	<i>PVI-C</i>	<i>Indet.</i>	<i>Total</i>	<i>%</i>
<i>Antropomorfos</i>	-	2	16	-	1	-	-	-	19	8,96
<i>Idoliformes/esteliformes</i>	-	2	1	-	3	1	-	-	7	3,30
<i>Círculos</i>	-	9	3	3	16	16	-	4	51	24,06
<i>Circ. c/ ponto central</i>	-	-	-	1	2	-	-	-	3	1,42
<i>Circ. concêntricos</i>	-	-	-	2	-	1	-	-	3	1,42
<i>Ovais</i>	-	1	1	1	14	20	-	5	42	19,81
<i>Trapézios</i>	-	-	-	-	1	5	-	-	6	2,83
<i>Semicírculos</i>	-	-	-	-	1	2	-	1	4	1,89
<i>Bucrânio</i>	-	-	1	-	-	-	-	-	1	0,47
<i>Serpentiformes</i>	-	1	-	-	2	2	-	-	5	2,36
<i>Podomorfos</i>	-	-	-	-	4	-	-	-	4	1,89
<i>Meandro</i>	-	-	-	1	-	-	-	-	1	0,47
<i>Espiral</i>	-	-	-	1	-	-	-	-	1	0,47
<i>Linhas</i>	-	2	-	-	2	3	-	1	8	3,77
<i>“Báculo”</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	1	0,47
<i>Covinhas</i>	-	1	-	-	-	-	5	-	6	2,83
<i>Linha de covinhas</i>	-	-	-	-	-	-	1	-	1	0,47
<i>“Raspagem”</i>	1	-	-	-	-	-	-	-	1	0,47
<i>Manchas</i>	-	-	1	-	11	15	1	20	48	22,64
<i>Total</i>	1	19	23	9	57	65	7	31	212	100,00
<i>%</i>	0,47	8,96	10,85	4,25	26,89	30,66	3,30	14,62	100	

Ilustra aquele tipo de comportamento o adereço, em forma de barra horizontal com as extremidades voltadas para cima, que foi gravado sobre antropomorfo (Fig. 194), tendo sido, em momento ulterior, transformado em círculo (Fig. 26), talvez tentando representar a cabeça da figura a que foi associado. Alteração semelhante pôde ser observada na rocha 175 de Fratel, em antropomorfo ostentando armação de caprino (Fig. 171-1), tendo esta sido ulteriormente fechada, de modo a obter-se forma quase circular, que terá passado a identificar-se como uma cabeça. Na mesma rocha, outros antropomorfos esquemáticos sofreram, igualmente, a adição de grandes cabeças circulares (Gomes, 2000a, p. 86, 91-95, Fig. 6)



Também o antropomorfo descrito com o n.º 37, da rocha 11 de Gardete, foi parcialmente sobreposto por oval, enquanto dois pequenos círculos, que se encontram no interior daquela (Figs. 35 e 36), podem corresponder a representações de olhos.

Na rocha agora estudada, entre as gravuras que sugerem reproduzir o real, ou pictogramas, contam-se os antropomorfos, apesar do grande esquematismo da maioria deles, as figurações de serpentes e de artefactos, como os idoliformes e/ou esteliformes e um “báculo”.

Os antropomorfos correspondem às imagens mais numerosas desta categoria, somando dezanove exemplares, ou seja, 8,96% do total das imagens inventariadas, enquanto os restantes pictogramas oferecem presença muito modesta (idoliformes/esteliformes – 3,30%; serpentiformes – 2,36%; “báculo” – 0,47% (cf. Quadro I).

Os ideogramas, que devem representar sinteticamente ideias ou conceitos, mantendo alusões formais por vezes nem sempre fáceis de reconhecer, constituem as gravuras mais comuns da rocha 11, recorrendo, na grande maioria dos casos, a imagens geométricas, com destaque para os círculos simples e seus derivados, embora também se tenha identificado um meandro, pequena espiral, bucrânio e quatro podomorfos.

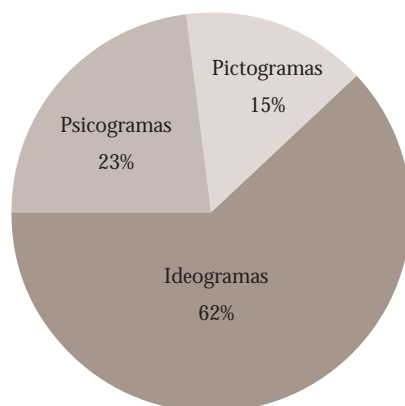
Os círculos e as ovais, podendo considerar-se estas como círculos imperfeitos, foram as figuras mais representadas, reconhecendo-se noventa e três exemplares (43,87%), embora três outros círculos mostrem ponto central, existindo quatro semicírculos e três conjuntos de círculos concêntricos, totalizando as cinco formas de ideogramas referidas, que podemos considerar afins, cerca de metade do total do acervo iconográfico da rocha 11 (48,60%).

Os restantes ideogramas surgem discretamente, pelo menos em termos percentuais, não invalidando, por isso, o possível muito significativo desempenho de alguns deles, no contexto simbólico.

Se exceptuarmos o conjunto de curtos traços filiformes, paralelos, a que denominámos “raspagem”, a categoria dos psicogramas, representando estados de espírito, descargas de energia ou singela participação iconográfica, é formada por quarenta e oito manchas de negativos (22,64%), apresentando formas e dimensões diversas, mais ou menos densas e com diferente extensão.

A simples observação percentual daqueles testemunhos (23%) reforça a sua importância no contexto iconográfico geral e dos rituais que tiveram lugar na rocha em apreço, onde as figuras consideradas pictogramas atingem, apenas, 15% e, conforme seria de esperar, uma vez que se trata de arte esquemática, os ideogramas dominam largamente (62%). Todavia, nunca é demais recordarmos que, no presente domínio, a fronteira entre pictogramas e ideogramas por vezes se esbate, dificultando a sua clara classificação (cf. Quadro II).

Quadro II. Grandes categorias de imagens reconhecidas na rocha 11 de Gardete



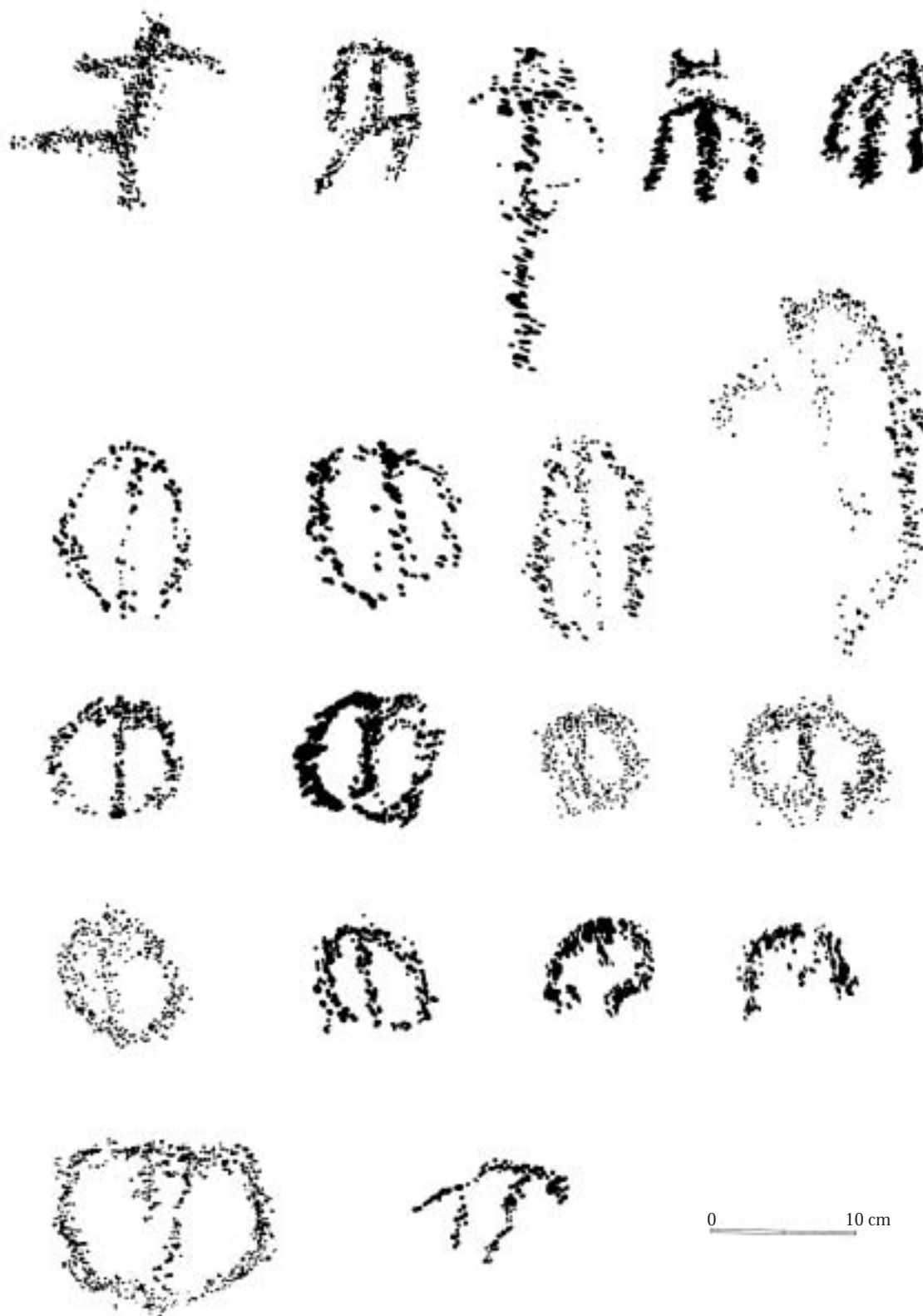


Fig. 10 Antropomorfos da rocha 11 de Gardete (seg. M. V. Gomes).

### 8.1. Antropomorfos

Registaram-se dezanove ocorrências, correspondendo a 8,96% do total das figuras identificadas (Fig. 10).

Apresentam seis grandes variantes formais, embora apenas um exemplar mostre aspecto mais próximo do real (Fig. 7), com cabeça, tronco e ambos pares de membros, que podemos, em termos estilísticos, classificar como seminaturalista.

Figurações semelhantes são conhecidas na arte do Vale do Tejo, a partir do Neolítico, integrando o período III ou Estilizado-Dinâmico e, sobretudo, o período IV, ou Meridional, da sua evolução crono-estilística, em tempos holocénicos, correspondendo ao Neolítico Final e ao Calcolítico (Gomes, 1983, p. 279-282, 1987, p. 34-39, 1989, p. 63-70).

Julgamos pertinentes as afinidades morfológicas detectadas com antropomorfos da primeira fase iconográfica da rocha 175 de Fratel (Gomes, 2000a, p. 92, 93, Fig. 5.), podendo facilmente coligir-se outros paralelos em todas as estações de arte rupestre do mesmo complexo. Também algumas figuras antropomórficas da arte megalítica revelam semelhanças estilísticas, importando recordar pequenas representações da Arquinha da Moura (Cunha, 1995, Est. X) ou o antropomorfo que suporta imagem solar, do menir 17, do cromeleque da Portela de Mogos (Gomes, 2001, p. 64, Fig. 6).

Outro antropomorfo, da rocha 11 de Gardete (Fig. 106), mostra os braços dobrados em ângulo recto, tal como uma das pernas, aspecto que também é recorrente em diversas figurações do Vale do Tejo.

Uma terceira forma de antropomorfo da rocha 11 de Gardete, representada somente por um exemplar, exhibe cabeça circular, corpo e membros inferiores reduzidos a longa linha e braços arqueados (Fig. 160). Também não é difícil encontrar semelhanças formais em outros arqueossítios rupestres do Vale do Tejo para esta síntese figurativa, existindo excelente paralelo publicado, pertencente à rocha 37 da Lomba da Barca, onde é ulterior a “cena de caça” de estilo Estilizado-Dinâmico, devendo integrar o período Meridional (Gomes, 2001, p. 60, Fig. 3).

A quarta forma de antropomorfos da superfície em estudo, melhor representada, é bem mais sintética que as descritas anteriormente, circunscrevendo-se a linha semicircular ou oval, por vezes quase fechada, figurando os braços, e a segmento recto ou a elemento em forma de V, gravado no interior daqueles, correspondendo ao corpo. Trata-se dos antropomorfos com “forma de andorinha”, onde não foram representados os membros inferiores, conforme lhes chamou P. Acosta (1968, p. 32-35), sendo bem conhecidos nas pinturas dos abrigos do Sul da Península Ibérica, embora predominando na região pertencente à margem esquerda do Guadiana, mas subindo até zonas bem setentrionais, como ilustram pinturas de Las Batuecas (Salamanca) ou do abrigo de Penas Róias (Mogadouro) (Almeida e Mourinho, 1981, p. 45, Fig. 4).

Excelentes paralelos, não raro associados aos pares, conforme também acontece na rocha 11 de Gardete, encontram-se nos abrigos de Puerto de Las Gradass (Serra de Cordoneros) e na Serra de San Servan (Almadén) (Breuil, 1933, Ests. V, XXXII). Importa referir representação do mesmo tipo, mas oculada, que fez parte de estela, depois integrada como esteio do corredor no dólmen de Soto (Trigueros, Huelva), onde se observa invertida e indica cronologia *ante quem* para a edificação daquele enorme monumento funerário tardo-neolítico (Obermaier, 1924, p. 14, Est. V – B).

Antropomorfo de Gardete, do tipo que temos estado a referir, mas com adereço sobre a cabeça (Figs. 194 e 26), apresenta semelhanças com pinturas de La Graja de Jimena, onde antropomorfos esquemáticos mostram, igualmente sobre a cabeça, adereços sub-rectangulares com pontas voltadas para cima (Breuil, 1935, Est. II). Figuras com adereços afins observam-se no abrigo de

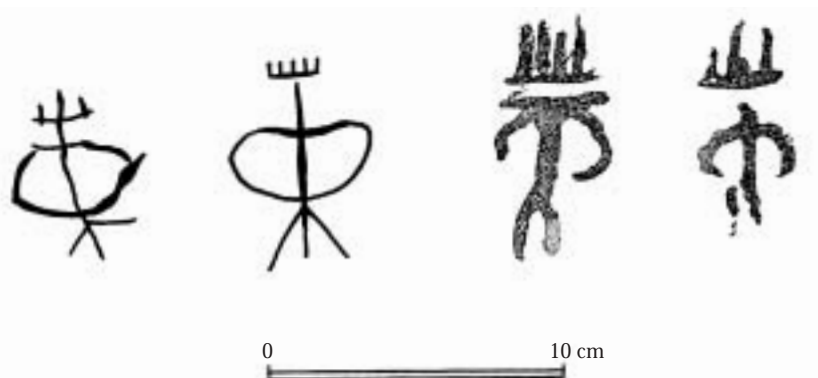


Fig. 11 Antropomorfos com adereços sobre a cabeça. La Graja de Jimena e Penas Róias (seg. Breuil, 1935, Est. II e M. V. Gomes).

Penas Róias (Mogadouro), onde um de tais artefactos é idêntico ao agora dado a conhecer (Almeida e Mourinho, 1981, p. 45) (Fig. 11). Tais objectos podem, ainda, figurar cornos ou pentes, como sugere a presença de um daqueles últimos utensílios sobre idoliforme, no esteio de cabeceira do dólmen de Antelas (Oliveira de Frades, Viseu) (Castro, Ferreira e Viana, 1957, Est. IV).

Não faltam, na enorme massa documental que constituem as mais de 20 000 gravuras do Vale do Tejo, paralelos para a forma antropomórfica antes mencionada. De facto, na rocha 12 de Gardete, observam-se figurações idênticas, registando-se outras, por exemplo, na rocha 31 da Lomba da Barca e na rocha 85 de Fratel (Gomes, 2001, p. 75, Fig. 10). Julgamos, ainda, pertinentes os paralelos com gravuras das *tholoi* da Nora Velha e de Vega de Guadancil, que voltaremos a invocar.

Círculo com segmento central recto sugere, igualmente, constituir antropomorfo esquemático (Fig. 85), aliás semelhante aos antes referidos, mas a que P. Acosta (1968, p. 28-32) denominou figura humana com os braços em asa ou em forma de *phi*. São bem conhecidos antropomorfos idênticos, pintados nos abrigos do Sul da Península Ibérica, nomeadamente nas zonas de Cádiz e da Serra Morena mas, também, na bacia do curso médio do Guadiana. Detectam-se bons paralelos, por vezes associados aos pares, no Puerto de Vistalegre, El Olivar de las Grajas ou no Callejón del Peñón Amarillo de las Grajas, abrigos dos arredores de Almadén (Breuil, 1933, ests VII, X). Também pedra da cobertura do corredor do monumental dólmen de Soto (Trigueros, Huelva) mostra, gravada, figura idêntica às que temos vindo a tratar (Obermaier, 1924, p. 15, 16).

Uma sexta forma corresponde a figuras de contorno oval, subdivididas por dois traços (Fig. 99), idêntica a outras integradas nos contextos que antes referimos.

Por fim, a sétima forma mostra aspecto semelhante ao da letra *pi* ( $\pi$ ), encontrando, ainda, paralelos em pinturas esquemáticas dos abrigos do Sul da Península Ibérica, como em La Silla ou, até, em Valdejunco (Breuil, 1933, Ests. XXIX, XXIV, XL; Acosta, 1968, p. 40-42).

## 8.2. Idoliformes e/ou esteliformes

Reconheceram-se sete figurações (3,30%) cujas particularidades formais permitem a sua identificação, ou possíveis paralelos, com os denominados ídolos ou ídolos-bétilo, assim como com estelas antropomórficas (Fig. 12).

Uma daquelas gravuras (Fig. 124), com corpo rectangular alongado e cabeça quadrangular aproxima-se, em termos formais, de bétilos e de estelas de pedra e, mais precisamente, da estela exumada no Castro do Cruito, em Gove (Baião) (Viana, 1963, p. 174, Fig. 11). Desconhece-se, no

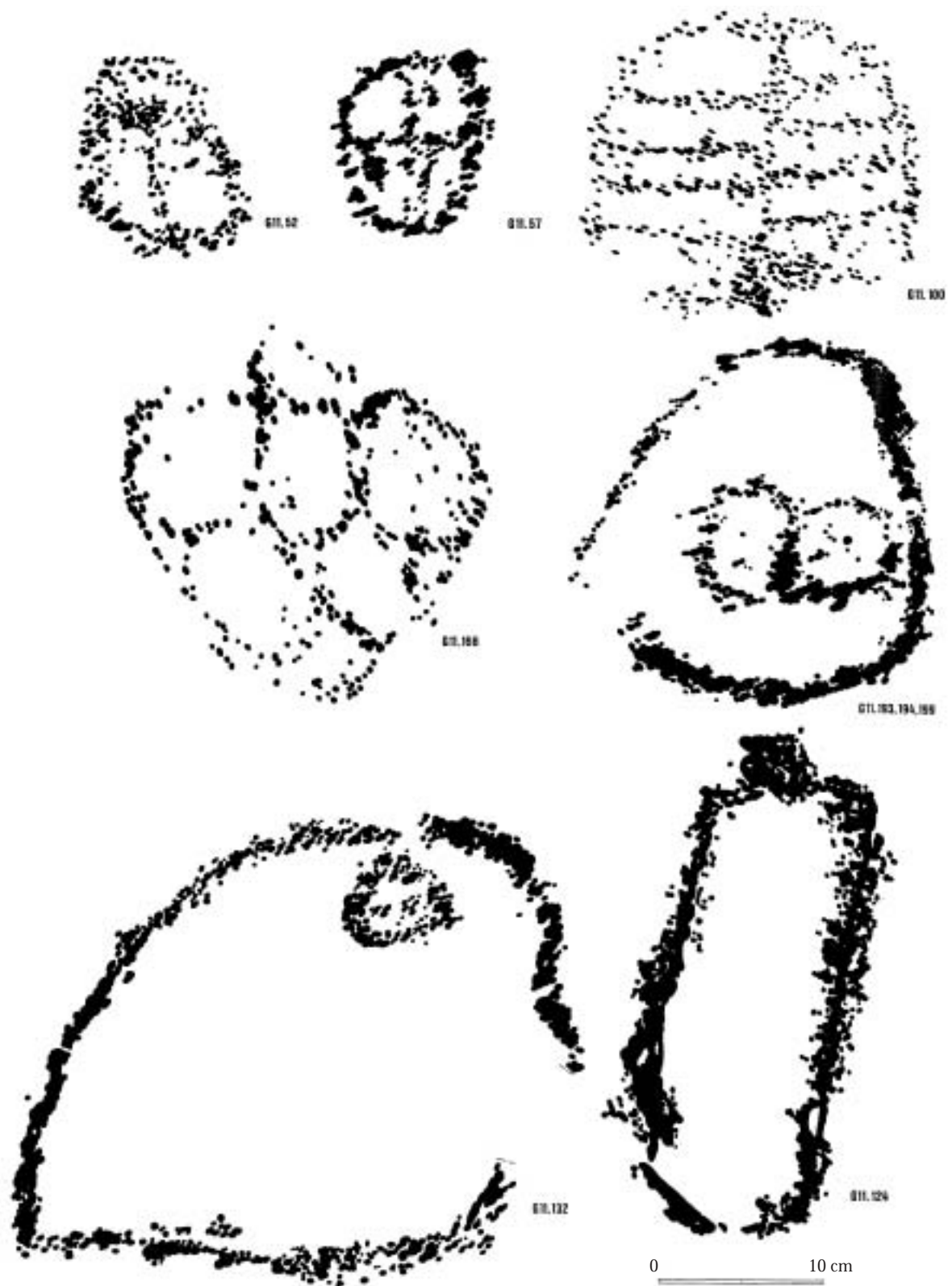


Fig. 12 Idoliformes e/ou esteliformes. Rocha 11 de Gardete (seg. M. V. Gomes).

entanto, o contexto daquele monólito que, todavia, poderia corresponder à ocupação proto-histórica do local de origem.

Outra figuração idoliforme, com característicos rasgos antropomórficos (Fig. 52), mostra corpo trapeziforme, olhos e subdivisão central, talvez figurando o nariz, assemelhando-se a algumas das bem conhecidas placas de xisto e de grés ou, até, aos ídolos de “tipo Comporta”, procedentes dos povoados de Comporta (Grândola), Vidigal (Montemor-o-Novo), São Caetano (Évora) e Perdigões (Reguengos de Monsaraz). Estas ocorrências encontram-se bem datadas na Neolítico Final, dado associarem-se a contextos contendo taças carenadas e pesos de tear paralelepípedicos. Já em outra ocasião considerámos que tais representações sugeriam traduzir, à escala privada ou “familiar”, monumentos públicos como as estátuas-menires, tendo, possivelmente, finalidade propiciatória no seio das actividades quotidianas e não ligadas ao “mundo dos mortos”, conforme acontecia com as placas de xisto ou de grés (Gomes, 1997a, p. 271, 273, 274, Fig. 11).

Gravuras idoliformes das rochas do Vale de Tejo podem reproduzir entidades semelhantes às que acabamos de indicar, nomeadamente as das rochas 65 e 71 do Cachão do Algarve (Gomes, 1987, p. 38, Fig. 31, 1997a, p. 271, Fig. 11, 2001, p. 21, Fig. 9).

Considerámos, de igual modo, idoliformes, duas figurações com contorno oval e o interior reticulado (Figs. 57 e 100), tal como imagem de contorno sub-triangular (Fig. 166), com o interior preenchido por formas subcirculares. Além de paralelos com outras representações do Vale do Tejo, nomeadamente com figura da rocha 102 do Cachão do Algarve (Gomes, 1989, p. 73, Fig. 23), também não são raras, nas pinturas rupestres dos abrigos do Sul da Península Ibérica, as figurações idoliformes. Cerca de uma dezena de tais imagens, com o interior reticulado, pode ser observada no abrigo de Las Moriscas – Helechal e outro, igualmente muito semelhante à figura 100 da rocha 11 de Gardete, foi pintado no Callejón del Peñón Amarillo de las Grajas, onde surge conjuntamente com antropomorfos em forma de  $\Phi$  (Breuil, 1933, Ests. X, XXV).

Duas imagens trapezoidais, da rocha 11 de Gardete, uma contendo dois círculos geminados que lhe acentuam o aspecto antropomórfico (Fig. 201) e outra (Fig. 132) círculo junto ao topo, podem, também, reproduzir idoliformes ou estelas, com forma vagamente humana.

A figura 132 é semelhante à que se observa na rocha 12 do mesmo arqueossítio, também com face subcircular, mas encontrando-se rodeada por antropomorfos esquemáticos, talvez reproduzindo cena de culto. Possível representação esteliforme, com grandes dimensões e em cujo interior se observam círculos e espirais, ocupa a rocha 39 de Fratel (Gomes, 1989, p. 71, Fig. 19).

Não devemos pôr de parte a hipótese de outras figuras trapezoidais, por vezes com o interior preenchido por picotados dispersos, puderem, ainda, corresponder a representações idoliformes, a bétilos ou, até, a estelas antropomórficas, talvez em alguns casos construídas em materiais perecíveis, que têm vindo a ser identificadas em contextos arqueológicos desde o Neolítico à Idade do Ferro (Gomes, 1993, p. 15, 16, Fig. 5).

### 8.3. Círculos e ovais

Os círculos, aparentemente isolados, organizados em linhas, dispostos em pares ou em séries concêntricas, tal como associados a outras figuras, antropomórficas ou zoomórficas, dos períodos precedentes e, não raro, sobrepondo ou envolvendo algumas delas, são muito comuns na arte rupestre do Vale do Tejo, constituindo, mesmo, os ideogramas mais recorrentes. Eles surgem, sobretudo, a partir do período IV, ou Meridional, associados a outras imagens esquemáticas, tardo-

-neolíticas ou calcolíticas, embora o seu número registre assinalável crescimento nos dois períodos seguintes (período V, ou Atlântico, e período VI, ou dos Círculos e Linhas).

As diferenças dimensionais e técnicas observadas na quase centena de círculos e ovais da rocha 11 de Gardete são acentuadas, importando registrar que a maior parte daqueles integra as etapas terminais da produção iconográfica registada naquele suporte.

Aspectos técnicos, onde se releva a picotagem com negativos de pequenas dimensões, e em geral mais patinados, tal como a estratigrafia horizontal, indicam que alguns círculos, nomeadamente os associados a antropomorfos, pertencem às fases iniciais de gravação da rocha 11 e, portanto, ainda do Neolítico Final, a atendermos principalmente à tipologia daquelas figurações, e do Calcolítico (período IV ou Meridional).

Os círculos referidos podem conter conotação solar, dado que, em outras estações do Vale do Tejo, antropomorfos idênticos aos referidos se associam a círculos radiados, denunciando tal simbolismo, problemática a que adiante voltaremos.

Os círculos surgem, embora em quantidade bem mais discreta, na arte megalítica do Alto Alentejo. De facto, já nos finais do século XIX, É. Cartailhac (1886, p. 176), assinalava círculo, medindo 0,20 m de diâmetro, gravado no esteio do corredor da anta 2 da Herdade do Freixo de Cima, perto de Évora.

Identificámos círculos isolados (15), alguns de grandes dimensões, nos menires 2, 49, 64 e 83 do denominado cromeleque dos Almendres (Évora) (Gomes, 2002a, p. 189), pelo menos nos menires 17 e 32 que constituem o cromeleque da Portela de Mogos (Évora) (Gomes, 2002a, p. 190) e nos monólitos 1, 24 e 37 do cromeleque do Xarez (Reguengos de Monsaraz) (Gomes, 2000b, p. 56-59, 68, 70, 76, 77, 137) ou, ainda, nos menires do Monte da Ribeira e do Barrocal, no concelho de Reguengos de Monsaraz, ou como no de Vale-de-Rodrigo, nos arredores de Évora (Gomes, 1994c, p. 322).

Recordemos que os círculos simples também constituem os motivos mais comuns figurados nos dólmenes irlandeses e britânicos, surgindo em quase metade deles (Twohig, 1981, p. 113).

#### 8.4. Círculos com ponto central

Os três exemplares, registados na rocha 11, encontram abundantes paralelos na restante arte do Vale do Tejo.

Aquelas figuras, que a arqueologia anglo-saxónica divulgou como “*dot-and-circle*” ou “*cup-and-ring-mark*”, mostram, na Europa Atlântica, quatro grandes zonas de concentração: uma respeitante à Escandinávia, outra às Ilhas Britânicas, a terceira ao Noroeste Peninsular e a quarta ao Vale do Tejo. Elas foram identificadas em penedos ao ar livre ou em monumentos megalíticos, tanto dólmenes como menires e estátuas-menires.

Também detectámos tais motivos no megalitismo da região de Évora-Monsaraz, circunscrevendo-se, por ora, às superfícies de menires e de estátuas-menires, tanto isolados (Barrocal, Monte da Ribeira) como integrados em cromeleques (Almendres, Portela de Mogos, Xarez).

Os círculos com ponto ou covinha central podem, em alguns casos, remontar ao Neolítico Final, como demonstra a existência de tais figuras no santuário exterior do Escoural ou em estátuas-menires dos arredores de Évora, embora a maioria deva pertencer ao Calcolítico e à Idade do Bronze (Gomes, 2002b, p. 195).

Aquelas mesmas figuras têm sido interpretadas, por alguns autores, como representações solares, significando tal símbolo, na escrita hieroglífica egípcia, o Sol e a Eternidade (*Kha*). Elas

encontram-se associadas, em menires dos cromeleques de Almendres, Portela de Mogos e Xarez, assim como no menir das Vidigueiras (Reguengos de Monsaraz), a figurações de báculos. Também o enorme menir do Monte da Ribeira, apresenta, na superfície próxima de uma das faces, conjunto de círculos com ponto central (Gonçalves, Balbín-Behrmann e Bueno-Ramírez, 1997, p. 240).

### 8.5. Círculos concêntricos

Foram apenas detectados três conjuntos na rocha 11 de Gardete (Fig. 9), embora a mesma iconografia seja, por vezes, abundante, como acontece em superfícies de São Simão, no Cachão do Algarve ou de Fratel, onde se encontra bem representada nas rochas 129 e 155 (Gomes, 1983, p. 282, 283) (Fig. 13).

Idêntica temática é bem conhecida em rochas da região de Viseu e do Noroeste Peninsular, onde tem sido atribuída à Idade do Bronze. Par de serpentiformes, da rocha 222 de São Simão, parece associado a conjunto de círculos concêntricos (Gomes, 1999, p. 232, Fig. 6).

O menir 58 do cromeleque dos Almendres apresenta, junto ao topo, conjunto de três pequenos círculos concêntricos, da base dos quais partem longas linhas onduladas verticais, figurando soliformes (Gomes, 2002b, p. 347), testemunho que faz recuar aquela iconografia ao Neolítico Final ou aos inícios do Calcolítico.

No Vale do Tejo os círculos concêntricos surgem, principalmente, durante o período Atlântico.

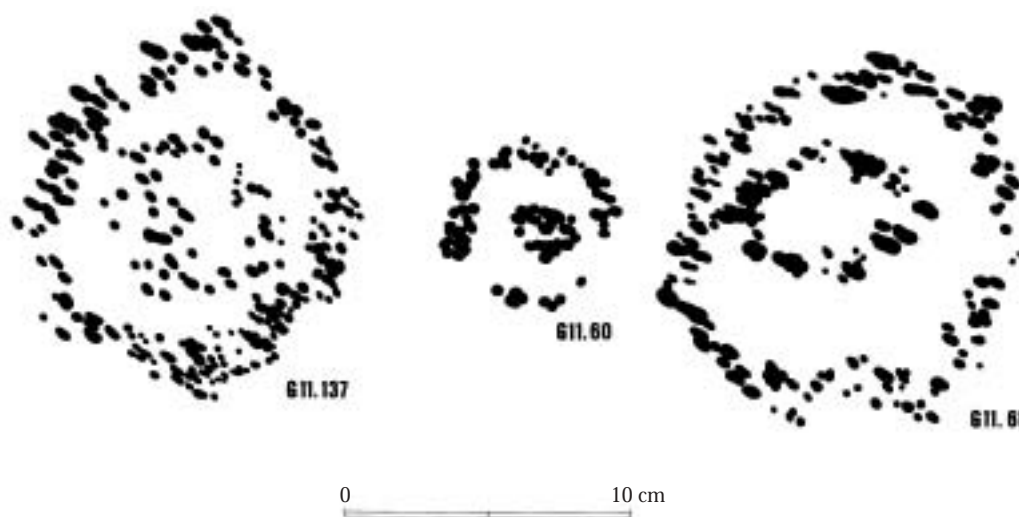


Fig. 13 Círculos concêntricos da rocha 11 de Gardete (seg. M. V. Gomes).

### 8.6. Semicírculos

Podem, em alguns casos, ser considerados círculos incompletos, embora à grande maioria tivesse sido propositadamente dada a forma semicircular ou aproximada, com o aspecto de ferradura ou de U invertido.

Aqueles motivos são recorrentes na arte rupestre, tanto megalítica como ao ar livre, podendo surgir isolados, agrupados em linhas ou em conjuntos concêntricos como, ainda, associados a outras gravuras.



Para certos autores tratar-se-ia de estilizações antropomórficas femininas, enquanto para outros poderiam corresponder a representações especificamente de carácter sexual.

Conhecem-se numerosos ideogramas deste tipo em quase todas as estações com arte rupestre do Vale do Tejo, encontrando-se na rocha 113<sup>1</sup> de Fratel, conjunto de sete representações, em forma de U invertido, alinhadas horizontalmente. Signos semelhantes foram recenseados no santuário exterior do Escoural, de idade tardo-neolítica, e na Alagoa (Tondela), com cronologia da Idade do Bronze Médio-Final, demonstrando a sua recorrência.

O esteio 12 da câmara da *tholos* da Granja de Toniñuelo (Badajoz) apresenta, no quadrante superior direito, quatro figurações semicirculares, em contorno, com cronologia do III milénio a.C. (Bueno-Ramírez e Balbín-Behrmann, 1997, p. 110, 113, Fig. 18).

### 8.7. Bucrânio

Trata-se de figuração esquemática, de bovídeo doméstico, que apresenta armação semicircular, embora com parte de um dos ramos inflectida (Fig. 9). Ela é semelhante a bucrânios das rochas 11, 107 e 113<sup>3</sup> C de Fratel, como a muitos outros do santuário exterior do Escoural (Montemor-o-Novo), onde lhes foi possível conferir, graças à sobreposição das rochas decoradas por estruturas e níveis de ocupação calcolíticos, cronologia tardo-neolítica (Gomes, Gomes e Santos, 1983, 1993; Gomes, 1991).

Os bucrânios do Escoural apresentam armação de forma semicircular, liriforme ou angular, sendo os primeiros mais antigos e acompanhando alguns círculos ou semicírculos. Encontram-se isolados, associados em pares ou às representações de carro e de arado, tal como de recintos ou cercados.

Na rocha 107 de Fratel observam-se dois bucrânios a par, conforme acontece no Escoural (rochas 4 e 9), indicando a utilização dos animais que representam como força de tracção.

Erradamente tomados por esquemas humanos, reconhecemos bucrânios nas pinturas de abrigos centrados na região do curso médio do Guadiana (Cerro Estanislado, Peñon Amarillo, San Servan, Los Buitres de Peñalsordo), existindo outros exemplares, tanto em zonas meridionais, como Cádiz (Chinchilla I), em regiões setentrionais, nos arredores de Segóvia (Cueva de la Nogaleta) ou alcançando as proximidades de Leão (Sésamo, Veja de Espinareda) (Breuil, 1933, p. 76-79, Fig. 24, 25, Ests. XV, XXII, XXIII; Breuil e Burkitt, 1929, p. 8, 77, est. XXII; Gomes, Gomes e Santos, 1983, p. 296, 298; Gomes, 1991, p. 30; González e Álvarez, 1968, p. 63; Lucas, 1980, p. 519, 520).

### 8.8. Serpentiniformes

Os cinco serpentiniformes reconhecidos devem representar ofídeos, de corpo ondulado, observando-se em três deles a figuração da cabeça (Figs. 78, 104 e 161) (Fig. 14).

Já em trabalhos anteriores tivemos oportunidade de discorrer sobre este tipo de figurações, sobre as formas que geralmente apresentam, as associações que constituem ou os significados e a cronologia que podem auferir. De facto, registámos, recentemente, cerca de duas dezenas de colubriformes isolados, a par ou enrolados durante a cópula, como associados a covinhas naturais ou artificiais, a círculos, a círculos concêntricos ou a espirais, em outras estações de arte rupestre do Vale do Tejo (Gomes, 1987, p. 43, 1989, p. 74, 75, 1999, p. 231-238, Figs. 5 e 6, 2000a, p. 102, 103, Fig. 9) (Fig. 15).



Fig. 14 Serpentiformes da rocha 11 de Gardete (seg. M.V. Gomes).

Uma de tais representações alcança 0,750 m de comprimento (rocha 177 de Fratel), embora, em geral, elas tenham entre 0,300 m e 0,500 m. Mostram o corpo ondulado, reproduzindo o reptar e, por vezes, a cabeça levantada, em dois casos com a figuração de orelhas ou de pequenos cornos (rocha 113<sup>4</sup> de Fratel e rocha 50 do Cachão do Algarve), iconografia que devemos atribuir aos tempos proto-históricos.

Na rocha 175 de Fratel, dois serpentiformes, a par, devem reproduzir colubrídeos durante o pré-acasalamento. Podem estar associados a espiral, que se encontra próxima, e sobrepõem imagem de caprino (Gomes, 2000a, p. 88, 102).

As figurações de colubrídeos distinguem-se dos denominados serpentiformes, que correspondem a linhas mais ou menos onduladas, sem princípio nem fim (cabeça e cauda), bem conhecidas na arte megalítica atlântica.

No Vale do Tejo, as figurações de ofídeos tinham sido classificadas na Idade do Bronze ou na Idade do Bronze Final, ou seja, nos períodos V e VI da nossa evolução crono-estilística, embora a figura 104 da rocha 11 de Gardete permita recuar até ao Calcolítico, ou mesmo, ao Neolítico Final a atribuição genérica de tal temática, e indo, afinal, ao encontro da cronologia dos serpentiformes do santuário exterior do Escoural (rochas 4 e 8) (Gomes, 1991, p. 21).

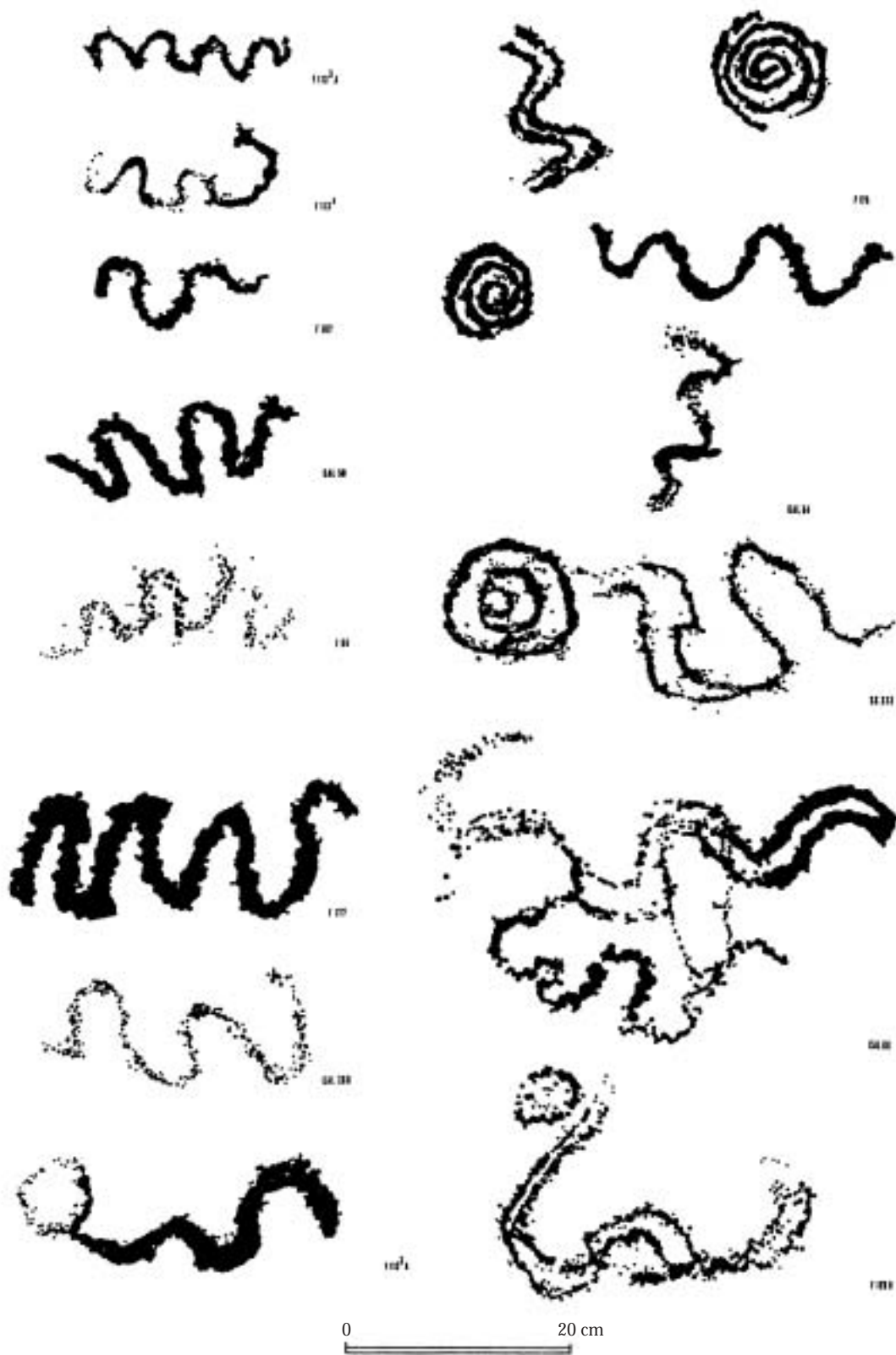


Fig. 15 Serpentiformes do Vale do Tejo (seg. M.V. Gomes).

### 8.9. Podomorfos

As quatro figurações de pegadas da rocha 11 (Figs. 82, 96, 171 e 176), representam pés humanos calçados, dado não oferecerem o recorte dos dedos ou a separação do calcanhar (Fig. 16).

Tais ideogramas são bem conhecidos na arte pré-histórica portuguesa, nomeadamente no complexo rupestre da vertente oriental da Serra do Caramulo, como de outras zonas da Europa (Escandinávia, Alpes Italianos), onde têm vindo a ser atribuídos à Proto-História.

As pegadas citadas integram três dos sete grupos morfológicos (A a G) que definimos para podomorfos congêneres, a partir das relações de simetria entre três zonas (anterior, mesial, posterior), das medidas dos eixos de largura daquelas e das formas dos bordos, patentes nas rochas da Alagoa (Tondela, Viseu) (Gomes e Monteiro, 1974-77, p. 154, 155). Duas delas (Figs. 171 e 176), com contorno oval alongado, não simétricas mas com os bordos mesiais paralelos, pertencem ao grupo A, reconhecido, na Alagoa, em apenas 8% dos exemplares estudados. Outra pegada (Fig. 82) com a zona anterior assimétrica e as duas restantes simétricas, embora o eixo da largura da zona anterior



Fig. 16 Podomorfos da rocha 11 e de outras rochas de Gardete (seg. M. V. Gomes).

seja maior, mais de 0,5 cm que o eixo da largura da zona posterior, e portanto mais estreita no terço posterior, integra o grupo D, o mais comum nas rochas da Alagoa (26%). A quarta pegada (Fig. 96), assimétrica tanto na zona anterior como na posterior, sendo simétrica na zona mesial, com o eixo anterior maior mais de 0,5 cm do que o da zona posterior, corresponde à forma F, que abrange, na estação da Alagoa, apenas 4% do total dos exemplares (Gomes e Monteiro, 1974-77, p. 155, 156).

Duas das pegadas da rocha 11 de Gardete indicam tratar-se de pés esquerdos, não tendo sido possível constatar uma orientação predominante dos exemplares ali identificados, embora dois deles fossem gravados na direcção sudeste-noroeste, próxima da orientação nascente-poente que reconhecemos em podomorfos nas rochas 9 e 10 do mesmo arqueossítio ou na rocha 1 do Ocrea.

São numerosas as figurações de pés calçados, em contorno, existentes na arte do Vale do Tejo (cf. Quadro III), embora se conheça, na rocha 10 (G10.8) de Gardete, exemplar esquerdo descalço, dado observarem-se tanto a representação dos cinco dedos como a demarcação do calcanhar. Ainda em Gardete, as rochas 1 (G1.6), 9 (G9.7) e 12 (G12.2) apresentam podomorfos, o primeiro daqueles mostrando linha ao centro, que pode pertencer a correia para melhor fixação do calçado ao pé. Esta mesma linha mesial, por vezes dupla ou até múltipla, é bem conhecida em pegadas do Valcamónica ou da Escandinávia, onde tem vindo a ser interpretada do mesmo modo (Sognnes, 2001, p. 56-58, 69, 70).

Foram detectados outros podomorfos em rochas de Fratel (rocha 175), Cachão do Algarve (rochas 57, 61, 66 e 69B), São Simão e Ocrea (rocha 1), embora não se tenham identificado, para além do caso citado da rocha 10 de Gardete, exemplares que se aproximem do modelo humano, ou seja com as três zonas assimétricas e com a figuração dos dedos.

A média obtida para os comprimentos dos podomorfos de Gardete (0,221 m) é próxima da que constatámos para cento e dez figuras congéneres analisadas nas rochas da Alagoa (0,213 m), sendo semelhante à das médias observadas nos pés humanos de indivíduos adultos. Todavia, podomorfos mais pequenos podem indicar a presença de crianças ou de adolescentes.

Importa registar o facto dos podomorfos do Vale do Tejo surgirem isolados e não em conjuntos ou em pares, conforme acontece em locais da Beira Alta (Alagoa, Picoto, Carregueira, Rasto dos Mouros), da Extremadura (Castillo de Pinofranqueado) ou, até, mais raramente, no Noroeste Peninsular (Gomes, 2000a, p. 102).

Tais ideogramas devem, no entanto, associar-se a gravuras pré-existentes, por certo conferindo-lhes novo significado religioso, pelo que, em geral, se sobrepõem àquelas.

Quadro III. Podomorfos do Vale do Tejo.

<b>Localização</b>	<b>rocha/n.º de Fig</b>	<b>Formas</b>	<b>comp. (m)</b>	<b>orientação</b>
<i>Gardete</i>	11.82	D	0,195	S-N
<i>Gardete</i>	11.96	F	0,180	O-E
<i>Gardete</i>	11.171	A	0,175	SE-NO
<i>Gardete</i>	11.176	A	0,235	SE-NO
<i>Gardete</i>	10.8	E	0,275	E-O
<i>Gardete</i>	1.6	A	0,240	NO-SE
<i>Gardete</i>	9.7	D	0,220	E-O
<i>Gardete</i>	12.2	A	0,250	NE-SO
<i>Fratel</i>	175.6	D	0,180	SO-NE
<i>Cachão do Algarve</i>	57	A	0,230	—
<i>Cachão do Algarve</i>	61.1	C	0,220	—
<i>Cachão do Algarve</i>	66	G	0,150	—
<i>Cachão do Algarve</i>	69B	G	0,178	—
<i>São Simão</i>	43.5	B	0,160	—
<i>Ocrea</i>	1.4	F	0,160	E-O

Registou-se podomorfo na rocha central do santuário exterior do Escoural, com orientação nascente-poente, figurando pé calçado e em contorno, a que foi conferida idade proto-histórica (Gomes, Gomes e Santos, 1983, p. 306).

A informação estratigráfica obtida para pegadas do Vale do Tejo indica que elas integram o seu período artístico terminal, com cronologia da Idade do Bronze Final ou dos alvares da Idade do Ferro, atribuição que é conferida aos podomorfos que sobrepõem figurações de espadas em Castillo de Pinofranqueado (Cáceres), como ao existente na rocha de Molelinhos (Tondela), e que se associa a armas dos inícios da Idade do Ferro, como aos descobertos em ambiente cultural castrejo (Santa Tecla, Briteiros). Neste contexto importa, ainda, valorizar as pegadas representadas em estelas funerárias da Idade do Bronze Médio, do Baixo Alentejo (Gomes Aires e Ervidel I), ou da Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular (Pardieiro, Odemira) (Sevillano, 1970; Gomes e Monteiro, 1974-77, p. 160; Gomes, 1994a, p. 125, 131, 2000a, p. 102).

### 8.10. Meandro e espiral

Conhecem-se muitas outras rochas, do Vale do Tejo, contendo representações de meandros e de espirais, temas que, além de abundantes, surgem, por vezes, associados e que são, portanto, contemporâneos.

A rocha 11 de Gardete mostra, apenas, um exemplar de cada uma daquelas formas, o que aliado à escassez de círculos concêntricos ou de círculos com ponto central, permite deduzirmos acentuada redução das actividades sócio-religiosas, com produção de gravuras, junto às águas do Tejo e durante o período Atlântico, ou, pelo menos, em parte dele (Fig. 17).

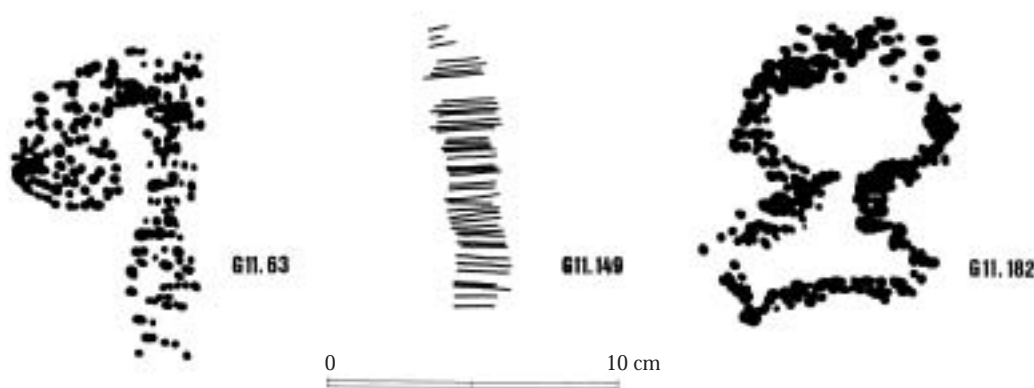


Fig. 17 "Báculo", "raspagem" e meandro da rocha 11 de Gardete (seg. M.V. Gomes).

A rocha 129 de Fratel apresenta duas enormes espirais, uma das quais contém, no centro, meandro, sendo rodeadas por motivos idênticos e por conjuntos de círculos concêntricos, o mesmo acontecendo na rocha 42 do mesmo arqueossítio ou em gravuras rupestres do Noroeste Peninsular (Gomes, 1983, p. 283, Fig. 7, 1987, p. 40, Fig. 33)

Também se identificaram gravuras meândricas ou labirintiformes, isoladas, conforme ilustram as rochas 37 da Lomba da Barca, 222 de São Simão, 491, 162 e 175 de Fratel, entre muitas outras (Gomes, 1990, p. 172, 2000a, p. 101). Naquela última, um meandriforme quase oblitera antropomorfo esquemático enquanto, ainda na mesma rocha, pequena espiral sobrepõe zoolomorfo, representando, muito provavelmente, um cão (Gomes, 2000a, p. 88, 95, Fig. 6).

As espirais, sobretudo sinistrorsas, são numerosas em quase todas as estações com petróglifos do Vale do Tejo, sendo bem conhecidas nas maiores, como Fratel, Cachão do Algarve ou São Simão, onde se podiam observar tais motivos e que, por vezes, atingiam grandes dimensões.

Espirais, meandros e círculos concêntricos, constituem a iconografia mais característica do período V, ou Atlântico, da arte do Vale do Tejo, datável na Idade do Bronze Inicial e Médio, existindo numerosos casos de sobreposições daqueles temas em relação aos dos períodos anteriores. No mesmo período artístico devemos integrar escassas representações de armas, como outra iconografia, nomeadamente certos antropomorfos esquemáticos (Gomes, 2000a, p. 101).

Nos anos trinta, perante os testemunhos então disponíveis, Alberto Souto (1931, p. 411-413) defendeu que o reportório figurativo acima referido, por ele detectado na rocha dos Fornos dos Mouros, na Serra do Arestal (Aveiro), constituiria a “(...) *mais meridional das manifestações de arte rupestre galaico-lusitana (...)*”, tendo sido atribuída aos construtores dos *tumuli* encontrados perto e à influência cultural tanto do Mediterrâneo Oriental, como das devidas às relações atlânticas. O mesmo autor voltaria a tratar tal problemática quando deu a conhecer a rocha decorada do Outeiro dos Riscos (Gatão, Cepelo, Vale de Cambra), altura em que considerou o rio Vouga como limite meridional de tal iconografia, a que conferiu origem céltica e idade proto-histórica (Souto, 1932). Mais tarde, A. Souto (1938) retomou a abordagem da mesma temática, reafirmando a influência da Bretanha e Irlanda sobre a Galiza, desde os tempos neolíticos, tese em que foi seguido por, entre outros, R. S. Lorenzo-Ruza (1957, p. 54, 55).

A problemática sobre a génese e difusão dos motivos circulares e, sobretudo, das espirais, em contextos da Europa Ocidental e Atlântica, foi recuperada por E. MacWhite (1951) que, na esteira de R. Vaufrey (1936, 1938, p. 27, 28), defendeu terem tais formas, origem no Egipto pré-dinástico, daí passando ao Norte de África, às Canárias e à Europa, contrariando a explicação, até então mais corrente, que fazia proceder tal iconografia do Egeu ou de outros que propuseram a sua formação na Irlanda (Déchelette, 1912, p. 44; Breuil, 1934, p. 322). Ulteriormente, R. S. Lorenzo-Ruza volta a defender a origem mediterrânea para aquela temática (círculos, espirais, labirintos) que relaciona com a exploração metalífera, nomeadamente de estanho, no Noroeste Peninsular, no que refere autores anteriores e, sobretudo, H. Obermaier (1923, p. 34; 1925; 1925a), tendo produzido numerosa bibliografia, alguma de índole monográfica, sobre este assunto (Lorenzo-Ruza, 1946, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956a, 1956b, 1957).

Apesar da abundante iconografia do Vale do Tejo que se encontra divulgada sobre esta temática, ainda trabalhos recentes defenderam, anacronicamente, o Vale do Vouga como limite meridional da expansão das espirais (Rodrigues, Silva, Almeida e Vaz, 1989, p. 276).

A iconografia que temos vindo a referir encontra abundantes paralelos na arte rupestre do Noroeste Peninsular, integrando o vasto mundo cultural Atlântico, cujos reflexos artísticos se encontram na decoração dos túmulos megalíticos da Irlanda (Loughcrew, New Grange, Bryn Cili Ddu, entre outros), Ilhas Britânicas e da Bretanha (Gravinis, Petit Mont) e, segundo alguns autores, atingindo, a sul, o arquipélago das Canárias e o Norte de África, abrangendo larga diacronia, desde o tardo-neolítico às idades dos metais.

### 8.11. Linhas

Encontrámos pequenas linhas, como as que unem pares de círculos, como outras, com maior extensão, sugerindo ainda ligar figuras, mas, também, exemplares isolados e nem sempre muito

perceptíveis, dado serem constituídos por picotagem pouco densa e, por vezes, irregular, tanto em termos dimensionais como no que concerne à sua disposição.

Algumas delas, como acontece com a Fig. 189, que mostra dois ângulos rectos, podem corresponder a imagens inacabadas.

### 8.12. “Báculo”

A única representação identificada como “báculo” (Fig. 63) é semelhante a outras recensadas na arte megalítica do Alto Alentejo e nos abrigos da Andaluzia (Fig. 17). Trata-se de figuração que devemos integrar na forma 1 das três por nós definidas e que corresponde à tradução, com diferentes graus de realismo, dos “báculos” decorados, de xisto ardosiano, de cor negra, exumados sobretudo nos grandes sepulcros tardo-neolíticos do Alto-Alentejo e da Baixa Estremadura, ou, melhor dizendo, dos protótipos que enformaram aqueles. De facto, tais artefactos votivos e figurações, como as que se observam na arte megalítica ou rupestre ao ar livre, devem reproduzir objectos, construídos em materiais perecíveis, mas capazes de representarem estatuto social diferenciado, possivelmente de âmbito religioso e ligado ao prestígio das elites (Gomes, 1997b, p. 25-30, 2000b, p. 140, 2002b, p. 353-378).

Desconhecem-se, nas gravuras do Vale do Tejo, outras figurações deste tipo, embora tenham sido identificados “báculos” em forma de bengala (forma 2) ou de ponto de interrogação (forma 3).

O “báculo” da rocha 11 de Gardete é muito semelhante à maioria das representadas no menir 57 do recinto dos Almendres, com característico cabo curto, forma que também se encontra em imagem de artefacto semelhante, gravado no menir 48 daquele mesmo monumento.

Aquelas figurações, formalmente idênticas a diversos báculos de xisto, com cabo curto e a extremidade larga e bem arqueada, devem ser atribuídas ao Neolítico Final, não só devido aos paralelos apresentados, como por se encontrarem figuradas sobre menires e, sobretudo, em estátuas-menires pertencentes às fases mais tardias de cromeleques como Almendres e Portela de Mogos.

### 8.13. Covinhas e linha de covinhas

Recensaram-se seis covinhas, quatro formando dois pares (Figs. 195 e 196; 208 e 209), uma quinta (Fig. 6) associada a antropomorfo e outra isolada (Fig. 16), assim como alinhamento de pequeníssimas covinhas (Fig. 79) que rodeiam gravura de forma oval (Fig. 65).

As covinhas são o motivo rupestre mais recorrente, em todas as épocas e latitudes, sendo conhecidas na Europa, pelo menos, a partir do Paleolítico Médio (La Ferrassie) até à Idade do Ferro. Porém, a sua simplicidade formal, e talvez a abundância, tem obstado a um maior interesse pelo seu estudo, embora tais atributos sugiram indicar significado múltiplo, alterado consoante as épocas e a especificidade dos contextos que integraram.

Embora este tema não seja muito recorrente na arte do Vale do Tejo, conhecem-se algumas dezenas de covinhas e encontra-se, na ribeira do Pracana, rocha que se destaca da margem direita daquele curso de água, contendo cerca de uma centena de tais motivos (Monteiro e Gomes, 1974-77).

A importância da profundidade, ou seja da terceira dimensão e que varia a par dos tamanhos dos diâmetros, em paralelo com os distintos modos de distribuição ou de disposição das covinhas, tanto em suportes horizontais como verticais, permitem reforçar a hipótese da sua multi-



funcionalidade.

Alguns autores tomaram as covinhas como contentores para oferendas, receptáculos de libações ou de sacrifícios cruentos, por símbolos diversos, desde os de carácter sexual feminino, a cartografias, de constelações e terrestres, ou tidas como indicadores de espaços sagrados, de caminhos migratórios, de locais com alto valor mágico e propiciatório, até às interpretações mais prosaicas, como aquelas que as entendem como tabuleiros para jogos, a marcadores de operações pré-numéricas, mas, também, ligadas a cultos litolátricos, aquáticos, destinados a promover ou a incrementar a fertilidade em geral e, particularmente, a feminina.

Os paralelos etnográficos não faltam e, ainda recentemente, David S. Whitley (2000, p. 98-101) registou a tradição, entre ameríndios da Califórnia, de reconhecerem rochas profusamente cobertas por covinhas como “rochas da fertilidade” e de elas resultarem de práticas sócio-religiosas ligadas, sobretudo, com a fecundidade feminina. Acreditava-se que o poder sobrenatural se encontrava no interior da rocha e nas partículas procedentes das covinhas, aspecto também registado por diferentes autores, em Portugal, ainda nos inícios do século XX.

Importa, naqueles contextos, sobrelevar o simbolismo sexual da morfologia das covinhas e a forma fálica dos percutores de pedra com que se extraíam os pequenos pedaços de rocha.

Também muitos dos “lugares de acesso” ao mundo sobrenatural são rochas com covinhas, por onde nele se penetraria e a partir do qual era possível provocar a chuva, a fecundidade e o bem-estar geral das comunidades humanas.

As covinhas constituem as gravuras mais comuns da arte megalítica do Alto Alentejo, encontrando-se representadas sobre muitos dos menires ali existentes, dispostas em conjuntos aparentemente desordenados mas, também, aos pares, em grupos de quatro, definindo quadriláteros, ou organizadas em linhas com número variável de exemplares e, em dois casos, dispostas em espiral (menir 5 do cromeleque dos Almendres e menir 51 do cromeleque do Xarez). Esta organização, iniciando-se perto do bordo da superfície do topo do menir e terminando no centro, pode corresponder ao jogo de serpente, que remonta, no Egipto, ao IV milénio a. C. e se difundiu a toda a Bacia do Mediterrâneo, África, Ásia e Europa (Gomes, 2002b, p. 388-390).

O alinhamento de pequenas covinhas da rocha 11 de Gardete (Fig. 79) encontra paralelo nas seis covinhas congéneres que, na rocha 69B do Cachão do Algarve, sobrepõem podomorfo (Gomes, 2001, p. 75, Fig. 10).

Em trabalhos anteriores abordámos a problemática decorrente da interpretação das covinhas em séries e que relacionámos com a realização de jogos, ligados a cerimónias de carácter religioso e, designadamente, oracular (Gomes, 2002b, p. 390; Gomes, Gomes e Santos, 1983, p. 296, 305, 1994, p. 96, 107).

#### 8.14. “Raspagem”

No Vale do Tejo recordamos motivo idêntico apenas em rocha da ribeira do Pracana, acompanhando diversos suportes repletos de covinhas, abertas em diferentes momentos (Monteiro e Gomes, 1974-77, p. 98, est. II-B) (Fig. 17).

Aquela iconografia encontra-se bem representada na Gruta do Escoural, onde foi possível conferir-lhe cronologia paleolítica, mais precisamente nas etapas finais do Paleolítico Superior (Magdalenense) ou a período de transição para os tempos holocénicos (Santos, Gomes e Monteiro, 1980, p. 235-238; Gomes, 1994b, p. 7, 8). A mesma temática foi muito difundida no Vale do Côa, sendo atribuída ao Solutrense Médio-Final e, sobretudo, ao Magdalenense (Baptista e Gomes, 1997).

Mais do que representar construções ou artefactos, como alguns autores já sugeriram, as “raspagens” devem, antes, integrar actos de participação iconográfica, integrados em rituais onde parece que os suportes detiveram significado preponderante, mas que, possivelmente, nunca viremos a conhecer.

Os ideomorfos em forma de escala são, igualmente, conhecidos na arte móvel quaternária europeia, registando-se exemplares gravados sobre osso desde o Gravetense (Isturitz), embora tenha surgido maior número de ocorrências durante o Magdalenense e atingindo o Azilense, onde se conhecem abundantes testemunhos (D’Errico, 1994).

### 8.15. Manchas

São muito recorrentes, na arte do Vale do Tejo, como em outros complexos de gravuras rupestres, as manchas de picotados, mais ou menos densas, como com diferente forma e extensão.

As manchas por vezes quase cobrem as superfícies de algumas rochas gravadas com outros motivos, enquanto em outros casos preenchem figuras como, mais raramente, serviram para esconder ou obliterar imagens pré-existentes, conforme detectámos em Fratel.

Tal como muitas outras gravuras, também as manchas de picotados devem ter diversas origens e funções, embora pareça podermos atribuir a maior parte dos exemplares, a simples actos de participação iconográfica, reflectindo, no entanto, práticas sócio-religiosas, talvez ligadas à comunicação com o transcendente, conforme poderia acontecer também com as covinhas, aspecto a que anteriormente aludimos.

Na rocha 11 de Gardete as manchas são numerosas, tendo-se contado quarenta e oito, ou seja, 22,64% do total dos elementos iconográficos recenseados.

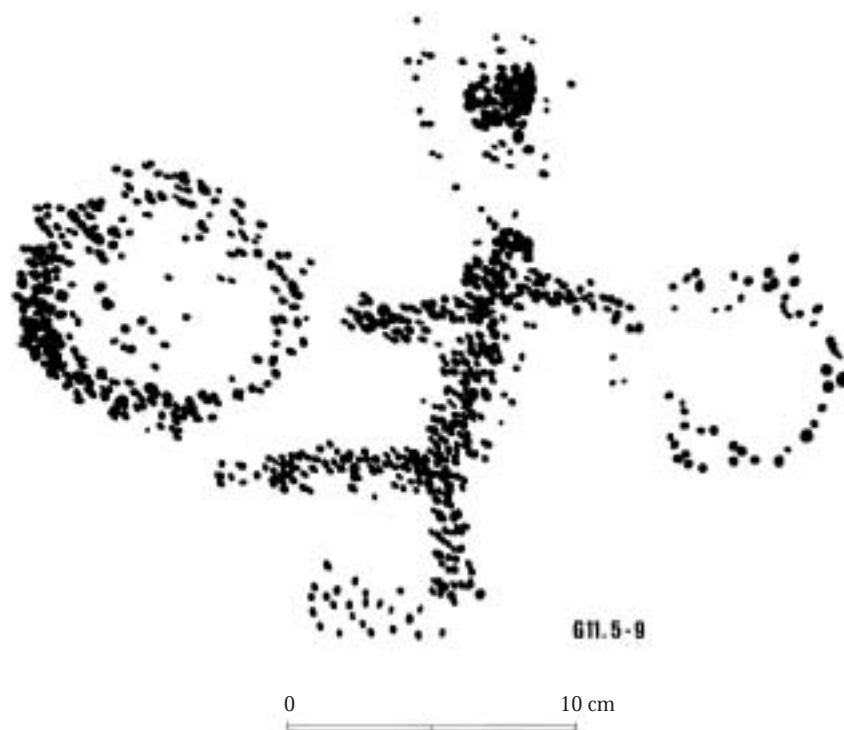


Fig. 18 Antropomorfo, círculos e covinhas, constituindo cena. Rocha 11 de Gardete (seg. M. V. Gomes).

### 9. Estratigrafia vertical e associações

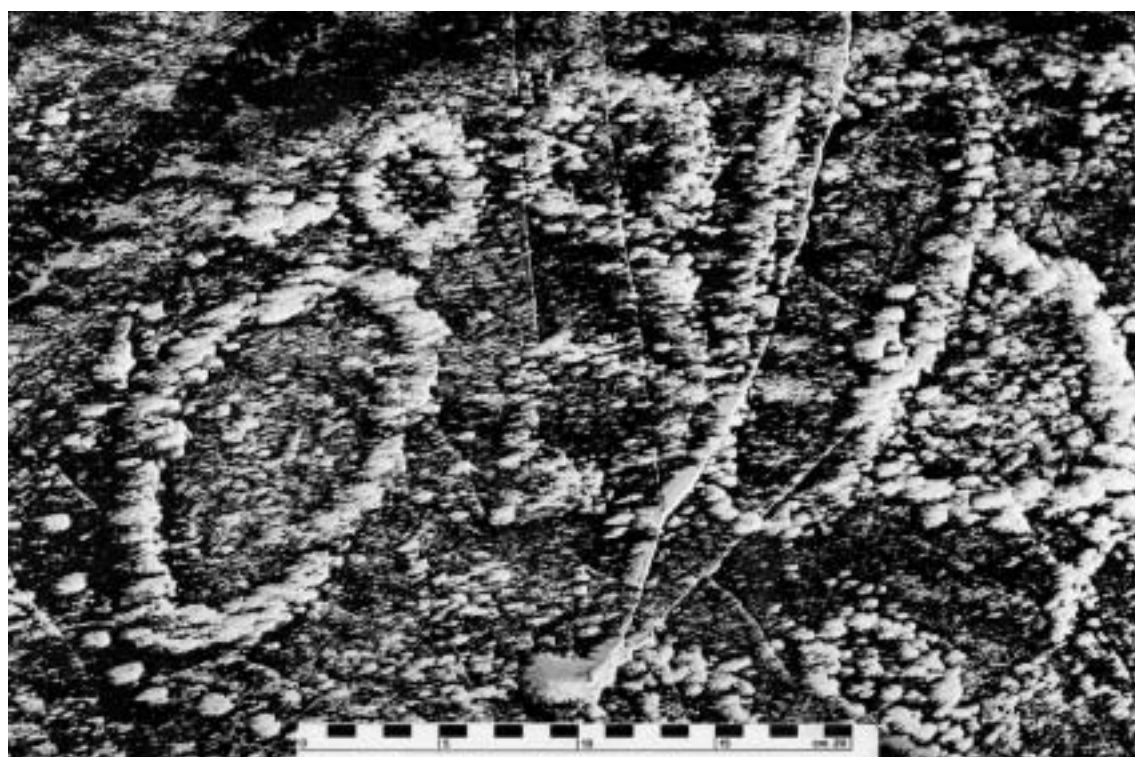
As numerosas figuras detectadas da rocha 11 de Gardete, ultrapassando as duas centenas, oferecem importantes sobreposições, tal como significativas alterações de carácter morfológico e estilístico, apesar do esquematismo de tal acervo, devendo reflectir diferentes momentos e evolução de carácter histórico e cultural.



Fig. 19 Evolução estratigráfica. Par de antropomorfos, círculo, idoliforme e serpentiforme. Rocha 11 de Gardete (seg. M. V. Gomes).



**Fig. 20** Evolução estratigráfica. Antropomorfo, oval, trapézio e podomorfo. Rocha 11 de Gardete (seg. M. V. Gomes).



**Fig. 21** Podomorfo sobrepondo trapézio. Rocha 11 de Gardete (foto M. V. Gomes, R V / 01-34).

As observações técnicas e os graus de patina observados, permitiram detectar (cf. Capítulo 7) que as imagens mais recuadas, onde se contam antropomorfos, idoliformes, alguns círculos e a figuração de báculo, foram executadas com negativos pequenos e pouco profundos, raramente originando linhas contínuas, oferecendo acentuado grau de desgaste. Por outro lado, imagens mais recentes, como outros círculos, ovais e novos idoliformes, distinguem-se bem daquelas, dado apresentarem traços largos e profundos, enformando, em geral, figuras com maiores dimensões, cujos picotados se encontram menos patinados.

Entre as alterações técnicas verificadas importa registar, nas figuras mais recentes, a presença de negativos em forma de “bago de arroz”, típicos por serem produzidos com artefactos metálicos, de bronze ou de ferro, e, portanto, de clara idade proto-histórica.

Bom número de sobreposições, ou de estratigrafias verticais, tal como de associações ou estratigrafias horizontais, contribuem para o entendimento diacrónico e a interpretação funcional das gravuras agora dadas a conhecer.

É bem evidente a sobreposição de círculo (Fig. 5) por círculo menor (Fig. 191) associando-se, por certo, àquele primeiro o antropomorfo que se encontra junto (Fig. 7) e a este, talvez, a covinha (Fig. 6), situada sobre a sua cabeça, como o círculo do lado direito (Fig. 9). Este foi, por sua vez, sobreposto por conjunto de picotados de maiores dimensões. Quatro das figuras referidas parecem constituir cena (Fig. 18).



Fig. 22 Evolução estratigráfica. Antropomorfo, par de círculos, oval e semicírculo. Rocha 11 de Gardete (seg. M. V. Gomes).



Fig. 23 Oval sobrepondo idolíformo e pequeno círculo. Rocha 11 de Gardete (foto M. V. Gomes, R V / 01-31).



Fig. 24 Evolução estratigráfica. Bucrânio, podomorfo, círculo e serpente. Rocha 11 de Gardete (seg. M. V. Gomes).

Grande figura idóliciforme (Fig. 201) sobrepõe antropomorfo esquemático (Fig. 194), que se encontra associado a imagem congénere (Fig. 193), formando par ou casal. Um deles mostra, sobre a cabeça, adereço que será transformado em círculo. No interior do idóliciforme reconhecem-se três figuras ovais (Figs. 198, 199 e 200), duas delas formando motivo oculado. Um serpente (Fig. 197), gravado com negativos em forma de bago de arroz, sobrepõe o idóliciforme, uma das ovais antes mencionadas (Fig. 198), tal como o par de antropomorfos (Figs. 193, 194), evidenciando-se, pelo menos, quatro momentos distintos de gravação, com técnica, pátina e iconografia bem diferenciadas (Fig. 19).



Fig. 25 Associação formada por antropomorfo, serpentina e dois círculos. Rocha 11 de Gardete (seg. M. V. Gomes).

Podomorfo (Fig. 82), orientado sul-norte, sobrepõe pequeno trapézio, de contorno largo e profundo, encontrando-se preenchido por picotados dispersos (Fig. 83) interceptando ambas figuras oval (Fig. 84) que também sobrepõe antropomorfo esquemático (Fig. 85), reconhecendo-se quatro diferentes fases de gravação (Figs. 20 e 21).

Antropomorfo esquemático (Fig. 42) foi sobreposto por oval (Fig. 41) que, por sua vez, também sobrepõe par de círculos (Figs. 39 e 40), tal como por pequeno semicírculo (Fig. 43) (Fig. 22).

Também uma oval (Fig. 55), formada por linha descontínua, com negativos pequenos e pouco profundos, foi sobreposta por círculo (Fig. 56) e por idoliforme (Fig. 57), ambos figurados com linhas contínuas e profundas, menos pátinadas que a daquela primeira imagem.



Fig. 26 Associação formada por antropomorfo, serpentiforme e círculo com ponto central. Rocha 11 de Gardete (seg. M. V. Gomes).





Fig. 27 Pares de antropomorfos esquemáticos. Rocha 11 de Gardete (seg. M. V. Gomes).

Figura oval incompleta, gravada com negativos do tipo bago de arroz (Fig. 102), corta parte de idoliforme com o interior reticulado (Fig. 100) e pequeno círculo (Fig. 101), observando-se técnicas de execução e pátinas muito distintas (Fig. 23).

Dois círculos concêntricos (Fig. 137), pouco mais que esboçados, encontram-se sob pequeno círculo (Fig. 138), definido por traço contínuo, largo e profundo, possivelmente contemporâneo de grande figura esteliforme (Fig. 132). O círculo referido poderia representar face antropomórfica do esteliforme, no interior do qual contam-se mais quatro figuras (Fig. 8).

Outro interessante conjunto estratigráfico integra bucrânio (Fig. 98), que pode ter sido mais tarde associado a serpentiforme (Fig. 78), orientado nascente-poente e repetindo simbologia reconhecida no santuário exterior do Escoural (Montemor-o-Novo). Aquele foi sobreposto por podomorfo (Fig. 96) e ambas figuras por círculo (Fig. 97), a que se associa o serpentiforme (Fig. 78). Este sobrepõe o podomorfo (Fig. 14) (Fig. 24).

Associação importante é formada por serpentiforme, antropomorfo esquemático e dois círculos, oferecendo técnica de gravação e pátinas idênticas, encontrando-se integrada em sector bem definido do suporte (Figs. 104 a 107) (Fig. 25).

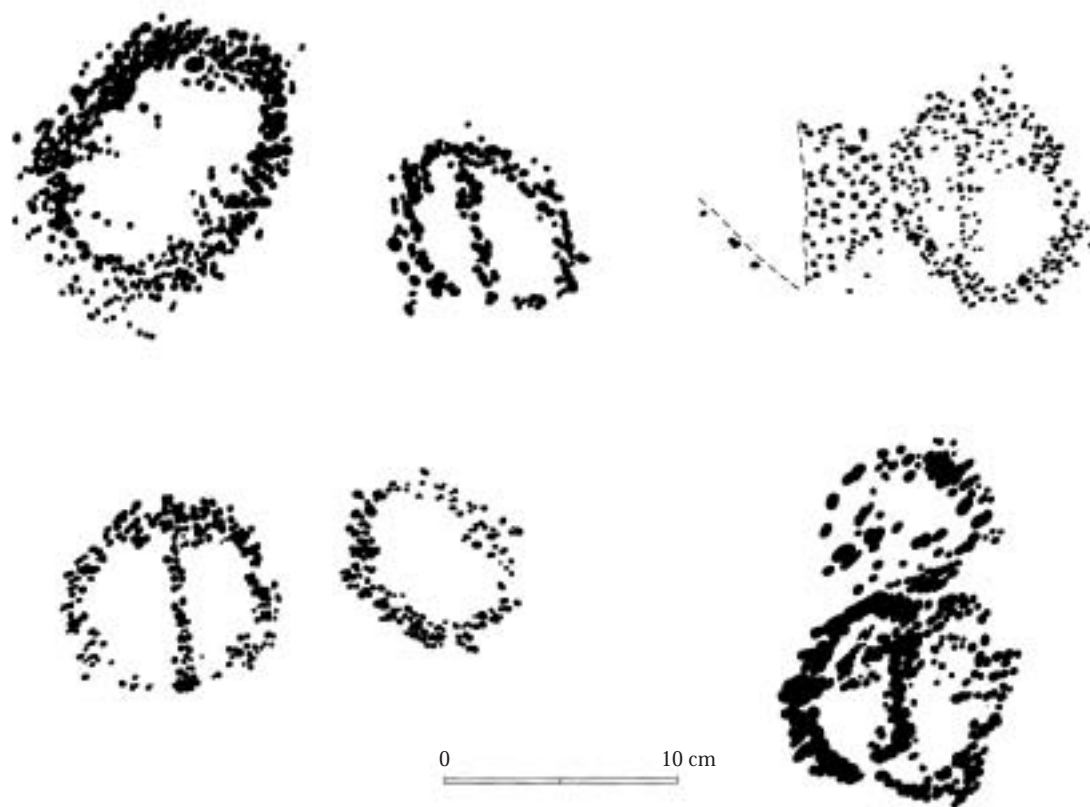


Fig. 28 Antropomorfos esquemáticos associados a círculos. Rocha 11 de Gardete (seg. M. V. Gomes).



Fig. 29 Conjunto de círculo e de ovais. Rocha 11 de Gardete (foto M. V. Gomes, R V / 01-24).



**Fig. 30** Pares de círculos, ligados por segmento de recta. Rocha 11 de Gardete (seg. M. V. Gomes).

Antropomorfo (Fig. 160), serpentiforme (Fig. 161) e círculo com ponto central (Fig. 162), podem, igualmente, ter constituído cena com significado afim da que antes descrevemos (Fig. 26).

Além de pares de antropomorfos esquemáticos, dispostos lado a lado (Figs. 193 e 194; 147 e 150), detectámos dois outros pares, com configuração semelhante, embora tenham sido gravados em linha, um sobre o outro (Figs. 115 e 116; 142 e 143) (Fig. 27).

Antropomorfos, de forma similar às anteriormente referidas, encontram-se, ao que parece, isolados (Figs. 35, 54, 99 e 210), enquanto outros idênticos estarão associados a círculos (Figs. 2 e 3; 85 e 87; 117 e 118) (Fig. 28).

Igualmente alguns círculos e ovais surgem associados entre si, conforme acontece no grande idoliforme preenchido com círculos (Fig. 166) ou nos círculos e nas três ovais (Figs. 119 a 122), dispostos em cruz e bem visíveis, no sector sul da rocha que temos vindo a tratar (Fig. 29).

Encontrámos, ainda, três pares de círculos ligados por linhas (Figs. 67 e 81; 108 e 109; 183 e 185), dois deles com picotados no interior, recordando elementos oculados (Fig. 30).

É provável que a representação de “báculo” esteja associada a pequeno círculo que se observa, com a mesma técnica de execução e pátina, ao seu lado direito, embora depois alterado por picotados de maiores dimensões (Figs. 63 e 64). Combinações idênticas registaram-se nos menires 37 do cromeleque do Xarez, 48 do cromeleque dos Almendres e 31 do cromeleque da Portela de Mogos, assim como no menir das Vidigueiras (Gomes, 2002b, p. 347).

Também inventariámos dois pares de covinhas (Figs. 195 e 196; 208 e 209).

## 10. Topologia

É no lado nordeste da rocha em estudo que encontrámos maior acumulação de gravuras, ou seja, na sua zona mais afastada das águas do Tejo.

Conjunto de gravuras constituído por antropomorfo esquemático (Fig. 7), dois círculos (Figs. 5 e 9) e pequena covinha (Fig. 6), situada pouco acima da cabeça daquela primeira figura, dada a técnica utilizada na gravação, o avançado grau de desgaste que apresentam, a tipologia e, ainda, a sobreposição de um dos círculos por figura congénere (Fig. 191), e do outro por picotados dispersos, tecnicamente bem diferentes e menos pátinados, constituem, muito possivelmente, as mais antigas gravuras holocénicas deste suporte. Elas situam-se na zona mais alta da rocha, junto ao bordo superior e quase ao centro daquele limite natural, em posição dominante. Três linhas de fractura ajudam a delimitar a área contendo as gravuras referidas.

Também se encontram em posição destacada, na zona mais alta desta rocha, mas em superfície inclinada para noroeste, antropomorfo esquemático (Fig. 2) e oval (Fig. 3).

Igualmente o idoliforme descrito com o n.º 54 destaca-se por se situar a meio do bordo norte da rocha, ocupando ângulo definido pelos limites daquela.

Ao centro do suporte que temos vindo a analisar, em posição preponderante, observam-se facilmente, devido tanto às grandes dimensões, como à profundidade e largura das linhas com que foram produzidas, duas figurações idoliformes ou esteliformes (Figs. 201 e 132), ambas de contorno trapezoidal.

O centro da metade sudoeste desta rocha foi ocupado por figura, de grandes dimensões e bem visível, que julgamos corresponder a idoliforme (Fig. 124) e que, conforme referimos, aproveita, na sua definição, porções de fissuras do suporte.

Grande figura de contorno sub-rectangular, situada junto ao topo do canto noroeste da rocha, e a que se associaram dois apêndices rectos, destaca-se não só pela localização indicada mas também por ter sido gravada com picotados de grandes dimensões, constituindo linhas contínuas (Fig. 19).

Conforme referimos, em duas superfícies destacadas, no lado nascente, gravaram-se composições que as preenchem (Figs. 104 a 107; 115 a 118) e que se quiseram fisicamente limitadas.

O menor aproveitamento, como suporte de gravação, da metade sul desta rocha, pode dever-se a factores diversos, como o seu maior fraccionamento, por fracturas ou fissuras, à circunstância de possuir cotas mais baixas ou de situar-se mais próxima de rio Tejo.

## 11. Periodização e integração cultural

A análise interna das gravuras patentes na rocha 11 de Gardete permitiu, a partir dos atributos antes identificados, determinar diacronia que, conforme ficou demonstrado, integra os períodos IV, V e VI da evolução crono-estilística, por nós há anos proposta, para o ciclo artístico rupestre do Vale do Tejo.

Apenas a “raspagem”, ou conjunto de curtos traços filiformes sub-paralelos, poderá pertencer a episódio bem mais antigo, talvez a um Período 0 que integre as gravuras paleolíticas surgidas no rio Ocreza, nomeadamente o excelente cavalo acéfalo de estilo solutrense (Bahn, 2000; Gomes, 2001, p. 54, 2002a, p. 178).

Foi possível conferir ao período IV, ou Meridional, significativo conjunto de figuras (19,81%) e determinar, pelo menos, dois momentos de gravação daquelas, ou fases (IV-A e IV-B). A primeira é sobretudo caracterizada, para além de se observarem diferenças técnicas e de maior grau de pátina, pela presença de “báculo” e de antropomorfos ainda próximos, estilisticamente, do semi-naturalismo herdado das sociedades neolíticas (período III ou Estilizado-Dinâmico) e a segunda por antropomorfos muito esquemáticos, com os corpos reduzidos a traço vertical e longos braços ovais, semicirculares ou, mesmo, circulares.

Já em trabalhos anteriores verificámos que o período Meridional da arte do Tejo comportava, pelo menos, duas fases; uma mais recuada (Neolítico Final), onde ainda se descobrem conjuntos de gravuras com características descritivas, formando cenas, realizadas com técnicas não muito distintas das do período anterior (Estilizado-Dinâmico) e outra, com carácter ideomórfico (Calcolítico), onde se identificam imagens esquemáticas, esquecido o sentido realista das formas, em geral de maiores dimensões que as primeiras, produzidas por incisões mais profundas e largas, com aspecto geometrizarante, técnica e estilo de representação que haveriam de ter continuidade no período Atlântico (Idade do Bronze) (Gomes, 1991, p. 24).

As formas inventariadas na rocha 11 e que correspondem ao período IV da arte do Vale do Tejo, encontram abundantes paralelos, lógico-formais, em pinturas situadas em abrigos ou na arte megalítica evoluída, de idade tardo-neolítica e, sobretudo, calcolítica, onde se reconhece renovação iconográfica que reflecte influxos culturais de filiação meridional.

Par de antropomorfos gravados, semelhantes aos que referimos acima, pode, conforme antes indicámos, observar-se na pedra de fecho da câmara da *tholos* de Nora Velha (Ourique), ou em um dos ortóstatos de monumento similar de Vega del Guadancil, na Estremadura Castelhana, onde se associava a gravura à pintura (Bueno-Ramírez e Balbín-Behrmann, 1997, p. 96, 97, 99, Fig. 3), para mencionarmos, somente, imagens contextualizadas em termos arqueológicos.

Devem pertencer ao período V, ou Atlântico, apenas nove gravuras desta rocha (4,25%), sendo iconograficamente mais característicos os círculos concêntricos ou com ponto central e o meandro. Trata-se do período menos representado, aspecto que se estende a todas as rochas decoradas de Gardete e se deve, certamente, à perda momentânea de importância do santuário, quiçá tendo-se valorizado, para o mesmo fim, locais de montanha, como o de Cobragança, situado na mesma região (Mação) (Gomes, 2002a, p. 171).

O período melhor documentado é o VI, ou dos Círculos e Linhas, e nele podemos isolar, pelo menos, três grandes etapas de gravação (PVI-A, PVI-B e PVI-C). Conforme acentuámos, a sua iconografia é constituída, sobretudo, por círculos e ovais mas além daquelas, identificaram-se outras, como os serpentiniformes, idoliiformes ou esteliiformes e os podomorfos. As gravuras deste período, de excepcional produção artística em todo o Vale do Tejo, correspondem a 60,85% de todas as catalogadas.

Os serpentiformes de outras estações de arte rupestre do Vale do Tejo, ascendendo a mais de duas dezenas, já foram por nós referidos, tendo-se observado a sua associação em pares, durante a cópula ou a covinhas, círculos, círculos concêntricos ou a espirais e incluem-se nos momentos finais de gravação desta rocha (Gomes, 2000a, p. 102, Fig. 9).

Os idolíformes ou esteliformes sugerem continuidade na realização de representações de entidades antropomórficas, não sabemos se com idênticas finalidades que os produzidos nos períodos anteriores e que se radicam no Neolítico Final ou, quiçá, em período cultural anterior.

Por fim, os podomorfos têm vindo a ser datados, como mencionámos (cf. Cap. 8), na Idade do Bronze Final ou nos inícios da Idade do Ferro, cronologia que os exemplares da rocha 11 de Gardete não desmentem, dado dois deles terem sido gravados com artefactos metálicos. Por outro lado, a sobreposição de representações de espadas, com lâmina larga e encabamento rebitado, por podomorfos, em Castillo de Pinofranqueado ou a presença de pegadas em estelas da Idade do Bronze e da Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular, confirmam tal atribuição, conforme antes registámos.

## 12. Interpretação paleoetnológica

As duzentas e doze figuras reconhecidas na rocha 11 de Gardete, distribuem-se segundo indicámos por, pelo menos, sete grandes momentos de realização, que integram quatro períodos da evolução crono-estilística da arte do Vale do Tejo (cf. quadro I).

O acervo iconográfico agora dado a conhecer corresponde, como também tivemos oportunidade de constatar, em grande parte a ideogramas ou à arte dita esquemática. Talvez pela complexidade que o seu reconhecimento acarreta, ela tem vindo a ser muito menos estudada, sobretudo em termos interpretativos, do que aquela onde se identificam seres vivos e/ou artefactos, apesar da multiplicidade de significados que os mesmos possam auferir.

Não esqueçamos que um santuário rupestre deve não só testemunhar diferentes comportamentos sócio-religiosos, em cada momento da sua vida activa, como, na maioria dos casos, a sua larga pervivência conduz a que os vestígios de tais práticas chegados até nós, nomeadamente as gravuras rupestres, constituam verdadeiros palimpsestos, produzidos e reinterpretados durante gerações, muito embora traduzam, apenas, pequena parte das actividades neles processadas.

Para além dos sacerdotes, feiticeiros ou xamãs, e dos respectivos acólitos, não sabemos quem frequentaria santuários como o de Gardete, como desconhecemos quem para além dos personagens referidos, poderia produzir gravuras.

Seria aquele um local sagrado, somente franqueado a alguns ou, pelo contrário, estaria aberto a todos quantos ali desejassem acorrer? Seria um sítio tradicional de reuniões ou somente cerimonial?

Sabemos, apenas, que ali se produziram imagens, durante extensa diacronia, pelo menos desde os finais do Neolítico e até à Idade do Bronze Final ou aos inícios da Idade do Ferro, não valorizando a possível gravura paleolítica que, de qualquer modo, indicaria a existência de longo hiato, até ao início da produção das primeiras imagens holocénicas. Sabemos, ainda, que os impactos dos percutores líticos nas rijas superfícies xisto-grauváquicas, tendo em vista a produção de gravuras por picotagem, provocaram sons, capazes de ecoarem naquela zona do vale e de serem ouvidos a longa distância. Será que tal acção foi acompanhada por orações, cânticos, palmas, música, de performances, incluindo, talvez, refeições rituais, libações ou sacrifícios?

É bem possível que se acreditasse que ali se pudesse comunicar com o sobrenatural, através das massas rochosas cujas superfícies constituíram o suporte das gravuras, pela acção da picotagem, ou conforme as épocas, através das águas do grande rio, imensa fonte de vida e elemento, por excelência, fecundador. E não temos dúvidas de que tumultuosas torrentes cobriram ciclicamente as gravuras, durante as estações chuvosas, como que lhes transmitindo parte da sua força regeneradora, vivificando-as.

Conforme é apanágio da arte esquemática, circunscrita à associação de signos que representam ideias ou conceitos, reconhecemos somente três ou quatro cenas, ou seja, conjuntos com mais de duas figuras produzidas no mesmo momento, constituindo composições centradas, ou assim parecem ser, por imagens antropomórficas. Em uma delas o antropomorfo tem a cada um dos lados um círculo e sobre a cabeça pequena covinha, rodeada por mancha de negativos (Figs. 5-9). Podemos encontrarmo-nos perante figurações solares, representando aquela estrela nas suas três posições limites (nascente, meio-dia, poente), temática bem conhecida na arte do Vale do Tejo, através de antropomorfos, certamente divindades, que em Fratel (rocha 126A) e em Ficalho (rocha 12) levantam, com os braços bem erguidos, soliformes radiados, enquanto outro antropomorfo, na primeira estação de arte rupestre mencionada, ergue círculo (Fratel, rocha 13). Também este-liforme de rocha 129D de Fratel mostra, no interior, esquema humano cuja cabeça corresponde a imagem solar, estreitando a ligação entre os dois elementos simbólicos referidos.

Reconhecemos, gravado no menir 17 do cromeleque da Portela de Mogos (Évora), antropomorfo suportando, com os braços levantados, representação solar, evidenciando a extensão à arte megalítica alto-alentejana, nos finais do Neolítico, da iconografia onde se exaltam personagens, em geral fállicas, e a simbologia solar. Esta temática conduz-nos às pinturas do esteio de cabeceira do dólmen conhecido por Arquinha da Moura (Tondela), pois ali se identifica, ao centro de complexa composição, antropomorfo que segura, através de dois longos raios, representação solar, situada acima da cabeça e de onde parece nascer um segundo antropomorfo com armação de caprino. Trata-se, muito possivelmente, de teogonia, ligada a cultos da fecundidade e da fertilidade (Cunha, 1995, Est. X; Gomes, 2001, p. 64-66, Fig. 6).

A presença dos dois círculos, um de cada lado do antropomorfo de Gardete, repete o que acontece com idoliforme do Cachão do Algarve (rocha 65), com antropomorfo daquele arqueossítio (rocha 69B) ou, ainda, com antropomorfo da rocha 18 de Gardete, que mostra dois grandes círculos sob os braços semi-erguidos, conferindo-lhe aspecto de borboleta (Gomes, 2001, p. 72-75, Figs. 9 e 10).

Antropomorfo esquemático, com círculo sobre a cabeça e outro sob os pés, a que se associa serpentiforme, unido a uma das mãos daquele, constitui, conforme antes descrevemos, outra das raras cenas detectadas na rocha 11 de Gardete (Figs. 104-107). As representações de colubriformes, abundantes na arte tagana, conforme tivemos oportunidade de referir, eram ali conhecidas associadas a círculos ou a espirais, mas não a antropomorfos. É possível que o mesmo tema se encontre pintado no abrigo de Valdejunco (Esperança, Arronches), onde se associaram antropomorfo e serpentiforme (Breuil, 1933, Est. XL).

Podem constituir uma terceira cena, relacionável com a que antes descrevemos, antropomorfo, serpentiforme e círculo (Figs. 160-162), da rocha 11 de Gardete, apesar daquela primeira figura se encontrar algo afastada das duas outras.

Embora com carácter bem mais esquemático, três antropomorfos e círculo (Figs. 115-118), ainda da rocha 11 de Gardete, sugerem constituir composição. Dois dos antropomorfos formam par, enquanto o outro se associa ao círculo, talvez com conotação solar. Esta composição repete-se na rocha 12 do mesmo arqueossítio.

Os restantes antropomorfos da superfície que temos vindo a estudar quase sempre se associam em pares, correspondendo a reportório bem conhecido não só na arte do Vale do Tejo, como na arte esquemática das pinturas em abrigos, tanto do Ocidente, como do Sul da Península Ibérica e, ainda, na arte megalítica da região de Viseu, como ilustram pinturas da Orca do Tanque (Sátão) ou da Orca dos Juncais (Queiriga, Vila Nova de Paiva) e as já citadas *tholoi* da Nora Velha e de Vega de Guadancil (Twohig, 1981, Figs. 44, 45, 58).

Tais associações podem traduzir a presença de casais genesíacos, representar casamentos sagrados (hierogâmias) ou gémeos primordiais e protectores. A iconografia do par divino é conhecida no Neolítico e no Calcolítico do Leste Europeu, da Anatólia, como do Próximo Oriente, encontrando-se figurada em terracotas, pedra, na ourivesaria ou através de pinturas e de gravuras rupes- tres (Gimbutas, 1974, p. 228-230; Gomes, 2000a, p. 107, 108; Peschlow-Bindokat, 2003, p. 44, 45; Temizsoy, 1975, Fig. 58).

Simetrias culturais e lógico-formais, tal como influxos sócio-culturais e ideológicos, terão sido responsáveis pela difusão daquela temática por todo o Mediterrâneo, alcançando a Península Ibérica. Todavia, ela deverá de responder à necessidade provocada pela consolidação das economias agrícolas de se idealizarem novas divindades, mais dinâmicas e fortes, capazes de melhor dominarem os elementos naturais, de controlarem o Sol e a chuva, a terra e as forças subterrâneas nela residentes, de modo a provocar a germinação da vida e a fazer crescer a vegetação, proporcionando melhor bem-estar, conforme defendeu Mircea Eliade (1952, p. 26).

É, também, naquele contexto que devemos integrar os antropomorfos associados a círculos, gravados junto a um dos lados, de que se conhecem pelo menos quatro casos na rocha 11 de Gardete (Figs. 2 e 3; 85 e 87; 117 e 118), mas muito recorrentes em outras superfícies deste complexo artístico-religioso. Publicámos exemplos de tais associações, observadas em São Simão (rocha 67), Lomba da Barca (rocha 31), Cachão do Algarve (rocha 69A), Fratel (rocha 85) e Chão da Velha Jusante (rocha s/n.º), tal como exemplares de São Simão (rocha 137A) e de Fratel (rocha 85), que surgem junto de círculos radiados. Todavia, outros círculos foram representados sobre a cabeça de antropomorfos, situação em que sugerem substituir a imagem solar mais explícita (Gomes, 1983, p. 282, Fig. 4A, 2001, p. 22, 23, Fig. 75).

Paralelos hauridos na cultura material indicam que, pelo menos, alguns idoliformes integram, ainda, o mesmo grande momento ideológico-artístico que temos vindo a tratar, correspondendo, sobretudo, ao período Meridional da arte do Vale do Tejo e participando em contexto onde ocorreram significativas transformações económicas e sociais, a que A. Beltrán (1979, p. 65) chamou “revolução calcolítica”. Contudo, reconhecemos os idoliformes ou esteliformes, como conceptualizações antropomorfizadas de divindades, podendo abarcar diacronia que se inicia, nesta superfície, no Neolítico Final, se atendermos principalmente às semelhanças entre a figura descrita com o n.º 52 e os ídolos de “tipo Comporta”, como de outras em relação às placas de xisto decoradas ou, também, aos idoliformes pintados no dólmen dos Juncais (Queiriga, Vila Nova de Paiva) e, principalmente, no de Antelas (Pinheiro, Oliveira de Frades) e já antes mencionados.

O grande idoliforme, com par de enormes círculos geminados (Fig. 201), deve, em nosso entender, integrar o acervo das diferentes hierofanias da grande deusa-mãe mediterrânica de olhos solares, o mesmo podendo acontecer com, pelo menos, alguns pares de círculos, sobretudo os ligados por pequeno segmento de recta, apesar de não serem radiados, melhor se identificando com os olhos solares, como acontece na rocha 4 de Gardete.

Temos vindo a registar, em quase todos os arqueossítios com arte rupestre do Vale do Tejo, a presença de faces antropomórficas, muito sintéticas, com olhos circulares e raramente com a boca ou o nariz representados, limitadas por linha ou por fissuras do suporte, que bem podem



relacionar-se com os pares de círculos referidos. A uma daquelas “máscaras”, de São Simão, gravada em suporte subvertical, associavam-se os seios, sugerindo composição de tipo estelar (Gomes, 1997, p. 274).

Outros esteliformes e/ou idoliformes serão mais tardios, da Idade do Bronze, como o exemplar que muito recorda o talhado em pedra e exumado no Castro do Cruito (Fig. 124), dado a conhecer por A. Viana (1963, p. 174, Fig. 11), ou como o grande esteliforme (Fig. 132), podendo continuar a representarem divindades tutelares.

Conforme discorremos anteriormente é, ainda, aos tempos tardo-neolíticos que devemos atribuir o bucrânio que denuncia a actividade ganadeira, reconhecendo-se em alguns paralelos a sua utilização como animais de tracção de arados e carros, possibilitando a prática da agricultura intensiva e em extensão, que muito contribuiu para a evolução das estruturas económica e social de então.

Os pequenos conjuntos de círculos concêntricos, os círculos com ponto central, a espiral e o meandro, devem integrar a Idade do Bronze e o período Atlântico da arte do Tejo, podendo aquelas duas últimas formas representar espaços e formas que “prendem”, ligados ao grande rio, talvez conotados com forças ctonianas e infernais mas, também, regeneradoras.

Àquele mesmo período e ao seguinte (Círculos e Linhas) devem pertencer os serpentiformes, à excepção do que integra cena que classificámos, ainda, como neolítica.

Em trabalhos anteriores (Gomes, 1999, 2000a, p. 108, 109) tivemos oportunidade de abordar as problemáticas que envolvem tais representações no Ocidente Peninsular, principalmente durante a Proto-História, quando surgem associadas a círculos, conjuntos de círculos concêntricos, a espirais, a reticulados ou a podomorfos.

Três das figurações de ofídios da rocha 11 de Gardete sugerem a associação a círculos, tal como acontece com o colubríteo da rocha 113<sup>3</sup>A de Fratel, em que a cauda integra aquela figura geométrica, ou com a serpente da Citânia de Troña, na Galiza, como com figuras congéneres da Serra da Arada (São Pedro do Sul) e do Castro da Cárcoda (Carvalhais, São Pedro do Sul), atribuídas aos tempos proto-históricos (Silva, 1978, p. 169; Gomes, 1999, p. 228, 229, Fig. 4 – D).

Alguns dos colubríteos figurados nas rochas do Vale do Tejo, mostrando realismo anatómico e comportamental, parecem deslocar-se na direcção das águas daquele rio, orientação que sugere terem os serpentiformes correspondentes às figuras 145 e 161 da rocha 11 de Gardete, embora dois outros (Figs. 78 e 197) se encontrem orientados no sentido nascente-poente, um com a cabeça dirigida para a primeira daquelas direcções e o outro na direcção contrária.

As longas representações de ofídios, conhecidas por “Bicha Pintada” (Vila de Rei, Castelo Branco) e a serpente da Beilhosa (As Fragas, Campo Lameiro, Pontevedra) olham para nascente, conforme acontece com três dos colubríteos da rocha 11 de Gardete. As orientações referidas e as curvas do corpo daquelas cobras devem conotar-se com movimentos astrais ou com a existência das correntes fluviais, intermináveis elementos fecundadores da terra. Mircea Eliade (1977, p. 207, 212, 213) tomou como epifania da Lua o binómio serpente-água, ligado com as águas dos rios ou das chuvas que, dadas as suas capacidades, combatem a esterilidade feminina e a morte. Recordemos que os ofídeos hibernam metade do ano (de Out./Nov. a Fev./Março), no interior da terra onde se acreditava que se uniam às águas primordiais para, ciclicamente, renascerem.

As pegadas ou *vestigia pedis* representam as extremidades do corpo que tocam a terra, sendo vulneráveis à entrada da morte e, por isso, tornaram-se símbolos da vida espiritual. Recordemos que a serpente subterrânea ataca os homens através dos pés, tal como aconteceu com a flecha que atingiu Aquiles. Por outro lado, os podomorfos têm vindo a ser conotados com os conceitos de presença ou de passagem, de heróis civilizadores ou de divindades, exprimindo hierofanias inte-

gradas no contexto dos mitos de viagem; a viagem sagrada ou peregrinação, que repete percurso primordial em direção ao divino, assim se afirmando a estada perante a divindade.

Podomorfos associados a serpentes, como acontece na rocha 11 de Gardete, na 66 do Cachão do Algarve, no Monte de Eiró, no Alagoa ou na Pedra de Serpe (Coto de Penalba, Campo Lameiro, Pontevedra), confirmam a hierofania representada por aquele réptil, conferindo-lhe dimensão humana (Gomes, 1999, p. 236).

Enorme quantidade de círculos, como de figuras afins, na maior parte dos casos isolados, fizeram, tal como as restantes gravuras, parte de contexto semiológico muito rico, embora constituindo mensagens que, por ora, nos escapam e onde, claramente, se plasma o triunfo dos ideogramas sobre os pictogramas.

A ausência de gravuras atribuíveis aos três primeiros períodos da arte holocénica do Vale do Tejo, parece indicar que o conjunto de rochas decoradas de Gardete corresponde a santuário do período de expansão dos locais sagrados, fenómeno que se terá verificado a partir do Neolítico Final.

As gravuras do núcleo de arte rupestre “centrado” pela rocha 11, traduzem comportamentos ritualizados, relacionados com o ambiente envolvente, onde o rio Tejo e as suas margens abruptas proporcionaram o cenário privilegiado de tais práticas. É possível que aquele local sagrado tivesse constituído uma espécie de interface entre o mundo dos vivos e o dos espíritos, entre o real e o sobrenatural, ligado às forças e divindades ctonianas, que se acreditava habitarem o interior da terra, local a que, mais facilmente, conduziriam, as águas do Tejo.

Trata-se de mundo complexo que a rocha agora publicada testemunha, sobretudo através de ideogramas, com cerca de dois mil e quinhentos anos de existência, ou mais de dez mil se atendermos à possível datação da série de incisões filiformes, e em que não só se produziram gravuras, como se reinterpretaram ou integraram em novos discursos simbólicos as pré-existentes.

Talvez aquele sítio representasse a totalidade do Universo, constituindo o Céu, a Terra e o Rio, uma trindade de *logoi*, onde as rochas emergentes das profundezas das águas indicavam o caminho para o mundo sobrenatural, dos espíritos e das divindades.

---

## NOTAS

\* Da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes.  
Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
Av. de Berna, 26-C  
1069-061 Lisboa

<sup>1</sup> Este código cromático refere-se às *Munsell Soil Color Charts* (1975) e, por isso, deve entender-se como aproximado.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ACOSTA, P. (1968) - *La Pintura Rupestre Esquemática en España*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- ALMEIDA, C. A. F. de; MOURINHO, A. M. (1981) - Pinturas esquemáticas de Penas Róias, Terra de Miranda do Douro. *Arqueologia*. Porto. 3, p. 43-48.
- ANATI, E. (1968) - *Arte Rupestre nelle Regioni Occidentali della Penisola Iberica*. Capo di Ponte: Centro Camuno di Studi Preistorici.
- BAHN, P. G. (2000) - New rock-art find in Portugal. *Antiquity*. Cambridge. 74, p. 753, 754, Fig. 4, 5.
- BAPTISTA, A. M. (1981) - *A Rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.

- BAPTISTA, A. M. ; GOMES, M. V. (1997) - Arte rupestre. In *Arte rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, p. 211-406.
- BELTRÁN, A. (1979) - *Da Cacciatori ad Allevatori. L'Arte Rupestre del Levante Spagnolo*. Milano: Jaca Book.
- BREUIL, H. (1933) - *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique. II Bassin du Guadiana*. Lagny: Imprimerie de Lagny.
- BREUIL, H. (1934) - Presidential adress. *Proceedings of the Prehistoric Society of East Anglia*. Braintree. 7, p. 289-322.
- BREUIL, H. (1935) - *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique. IV - Sud-Est et Est de l'Espagne*. Lagny: Imprimerie de Lagny.
- BREUIL, H.; BURKITT, M. C. (1929) - *Rock Paintings of Southern Andalusia*. Oxford: Clarendon Press.
- BUENO-RAMÍREZ, P. ; BALBÍN-BEHRMANN, R. (1997) - Arte megalítico en sepulcros de falsa cúpula. A propósito del monumento de Granja de Toniñuelo (Badajoz). *Brigantium*. La Coruña. 10, p. 91-121.
- CARTAILHAC, É. (1886) - *Les Âges Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: Ch. Reinwald Libraire.
- CASTRO, L. de A.; FERREIRA, O. da V. ; VIANA, A. (1957) - O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38, p. 325-346, XI est.
- CUNHA, A. L. da (1995) - Anta da Arquinha da Moura (Tondela). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:3, p. 133-151.
- DÉCHELETTE, J. (1912) - Une nouvelle interprétation des gravures de New Grange et de Gavr'Inis. *L'Anthropologie*. Paris. 23, p. 29-52.
- D'ERRICO, F. (1994) - *L'art gravé azilien. De la technique à la signification*. Paris: CNRS.
- ELIADE, M. (1952) - Puissance et sacralité dans l'histoire des religions. *Eranos-Jarhbuch*. Berlin. 21, p. 11-44.
- ELIADE, M. (1997) - *Tratado de História das Regiões*. Lisboa: Cosmos.
- GIMBUTAS, M. (1974) - *The Gods and Goddesses of Old Europe, 7000 to 3500 B.C., Myths, Legends and Cult Images*. London: Thames and Hudson.
- GOMES, M. V. (1983) - Arte esquemática do Vale do Tejo. *Zephyrus*. Salamanca. 36, p. 277-285.
- GOMES, M. V. (1987) - Arte rupestre do Vale do Tejo. In *Arqueologia do Vale do Tejo*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, p. 26-43.
- GOMES, M. V. (1989) - Arte rupestre do Vale do Tejo - Um santuário pré-histórico. *Cuadernos de San Benito*. Alcántara. 2, p. 49-75.
- GOMES, M. V. (1990) - A rocha 49<sup>1</sup> de Fratel e os períodos Estilizado-Estático e Estilizado-Dinâmico da arte do Vale do Tejo. In *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*, vol. I. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, p. 151-177.
- GOMES, M. V. (1991) - Corniformes e figuras associadas de dois santuários rupestres do Sul de Portugal. Cronologia e interpretação. *Almorsor*. Montemor-o-Novo. 9, p. 17-74.
- GOMES, M. V. (1994a) - *A Necrópole de Alfarrobeira (São Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no Concelho de Silves*. Silves: Câmara Municipal.
- GOMES, M. V. (1994b) - Escoural et Mazouco. Deux sanctuaires paléolithiques du Portugal. *Les Dossiers d'Archéologie*. Paris. 198, p. 4-9.
- GOMES, M. V. (1994c) - Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português - Trabalhos recentes e estado da questão. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 2, p. 317-342.
- GOMES, M. V. (1997a) - Estátuas-menires antropomórficas do Alto-Alentejo. Descobertas recentes e problemática. *Brigantium*. La Coruña. 10, p. 255-279.
- GOMES, M. V. (1997b) - O menir da Herdade das Vidigueiras (Reguengos de Monsaraz, Évora). Resultados dos trabalhos efectuados em 1988. *Cadernos de Cultura*. Reguengos de Monsaraz. 1, p. 17-37.
- GOMES, M. V. (1999) - A "Bicha Pintada" (Vila de Rei, Castelo Branco) e as serpentes na Proto-História do Centro e Norte de Portugal. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 7, p. 221-240.
- GOMES, M. V. (2000a) - A rocha 175 de Fratel- Iconografia e interpretação. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 8, p. 81-112.
- GOMES, M. V. (2000b) - Cromeleque do Xarez: a ordenação do Caos. *Memórias d'Odiana*. Beja: EDIA. 2, p. 17-190.
- GOMES, M. V. (2001) - Arte rupestre do Vale do Tejo (Portugal) - Antropomorfos (estilos, comportamentos, cronologias e interpretações). In *Semiótica del Arte Preistórico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, p. 53-82.
- GOMES, M. V. (2002a) - Arte rupestre em Portugal: perspectiva sobre o último século. *Arqueologia e História*. Lisboa. 54, p. 139-194.
- GOMES, M. V. (2002b) - *Cromeleque dos Almendres- Um Monumento Sócio-Religioso Neolítico*. Lisboa: Universidade Nova.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L. (1989) - A mais antiga representação de *Equus* do Vale do Tejo. *Almorsor*. Montemor-o-Novo. 7, p. 167-181.
- GOMES, M. V.; MONTEIRO, J. P. (1974-77) - As rochas decoradas da Alagoa. Tondela-Viseu. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III. 7-9, p. 145-164.
- GOMES, R. V.; GOMES, M. V.; SANTOS, M. F. dos (1983) - O santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*. Salamanca. 36, p. 287-307.
- GOMES, R. V.; GOMES, M. V.; SANTOS, M. F. dos (1993) - O santuário exterior do Escoural. Sector SE (Montemor-o-Novo, Évora). In *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. vol. 2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 93-108.
- GONÇALVES, V. dos S.; BALBÍN-BEHRMANN, R. de; BUENO-RAMÍREZ, P. (1997) - A estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal). *Brigantium*. La Coruña. 10, p. 235-254.

- GONZÁLEZ, J. A. G.; ÁLVAREZ, J. L. A. (1986) - *Las Pinturas Rupestres Esquemáticas de Sésamo, Vega de Espinareda (León)*. Madrid: Centro de Investigación y Museo de Altamira.
- LORENZO-RUZA, R. S. (1946) - Los signos podomorfos del petroglifo de Santa Tecla y los del mismo tipo conocidos hasta la fecha en Europa. *El Museo de Pontevedra*. Pontevedra. 4, p. 131-134.
- LORENZO-RUZA, R. S. (1951) - Petroglifos e labirintos. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 61, p. 378-393.
- LORENZO-RUZA, R. S. (1952) - Origen de los petroglifos gallego atlánticos. *Zephyrus*. Salamanca. 3, p. 125-149.
- LORENZO-RUZA, R. S. (1953) - Los motivos de laberintos y su influencia en los petroglifos gallegos atlánticos. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 63, p. 56-82.
- LORENZO-RUZA, R. S. (1954) - Petroglifos prehistóricos europeos. In *Congreso Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas*. Madrid: Ministerio de Cultura, p. 465-468.
- LORENZO-RUZA, R. S. (1955) - Datos para el estudio de los petroglifos de tipo atlántico. In *III Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza, p. 224-260.
- LORENZO-RUZA, R. S. (1956a) - Ensayo de datación de los laberintos grabados europeos tipo Tagliatella. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 66, p. 426-444.
- LORENZO-RUZA, R. S. (1956b) - Ensayo sobre los motivos de discos solares en los petroglifos gallego atlánticos. *Zephyrus*. Salamanca. 7, p. 11-19.
- LORENZO-RUZA, R. S. (1957) - Bosquejo para un estudio de los petroglifos portugueses. *Caesaraugusta*. Zaragoza. 7-8, p. 49-65.
- LUCAS, M. R. (1980) - Aproximación al conocimiento de las estaciones rupestres y de la pintura esquemática en el Barranco del Duratón (Segovia). In *Altamira Symposium*. Madrid: Ministerio de Cultura, p. 505-526.
- MAC WHITE, E. (1951) - *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la Edad del Bronce*. Madrid: Disertaciones Matritenses.
- MONTEIRO, J. P. ; GOMES, M. V. (1974-77) - Rocha com covinhas na ribeira do Pracana. *O Arqueólogo Português*. Série III. Lisboa. 7-9, p. 95-99.
- OBERMAIER, H. (1923) - Impresiones de un viaje prehistórico por Galicia. *Boletín Arqueológico de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*. Orense. 7, n.os 148, 149.
- OBERMAIER, H. (1924) - El Dolmen de Soto (Trigueros; Huelva). *Boletín de la Sociedad Española de Excursiones*. Madrid. 32, p. 1 - 31.
- OBERMAIER, H. (1925a) - Die bronzezeitlichen Felsgravierungen von Nordwestspanien (Galicien). *Jahrbuch für Prähistorische und Ethnographische Kunst*. Berlin. 1, p. 51-59, est 13-19.
- OBERMAIER, H. (1925b) - *El Hombre Fósil*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas.
- PESCHLOW-BINDOKAT, A. (2003) - *Frühe Menschenbilder. Die Prähistorischen Felsmalereien des Latmos-Gebirges (Westtürkei)*. Berlin: von Zabern.
- RODRIGUES, J. B.; SILVA, C. T. da; ALMEIDA, D.; VAZ, J. L. I. (1989) - A Pedra dos Pratos. In *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu: Governo Civil, p. 275-281.
- SANTOS, M. F. dos; GOMES, M. V.; MONTEIRO, J. P. (1980) - Descobertas de arte rupestre na Gruta do Escoural (Évora, Portugal). In *Altamira Symposium*. Madrid: Ministerio de Cultura, p. 205-242.
- SEVILLANO, M. del C. (1976) - Un petroglifo con inscripción en la Comarca de las Hurdes (Cáceres). *Zephyrus*. Salamanca. 26-27, p. 269-290.
- SILVA, C. T. da (1978) - Gravuras rupestres inéditas da Beira-Alta. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. 1. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 165-184.
- SOGNNE, K. (2001) - *Prehistoric Imagery and Landscapes, Rock Art in Stjordal, Trøndelag, Norway*. Oxford: British Archaeological Reports.
- SOUTO, A. (1931) - Un document nouveau de l'art rupestre galaico-portugais. Les sculptures de l'Arestal. In *XVe Congrès International d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistorique*. Paris: Librairie E. Nourry, p. 410-413.
- SOUTO, A. (1932) - Arte rupestre em Portugal (Entre Douro e Vouga). *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 5, p. 285-300.
- SOUTO, A. de (1938) - Arqueologia préhistorica do distrito de Aveiro-Arte rupestre. As insculpturas do Arestal e o problema das combinações circulares e espiralóides do Noroeste Peninsular. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro. 4, p. 5-19.
- TEMIZSOY, M. I. (1975) - *Le Musée des Civilisations Anatoliennes*. Ankara.
- TWOHIG, E. S. (1981) - *The Megalithic Art of Western Europe*. Oxford: Clarendon Press.
- VAUFREY, R. (1936) - L'âge des spirales de l'art rupestre nord-africain. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 33, p. 624-638.
- VAUFREY, R. (1938) - L'âge de l'art rupestre nord-africain. *Jahrbuch für Prähistorische und Ethnographische Kunst*. Berlin. 12, p. 10-29.
- VIANA, A. (1963) - Cidade de Âncora - Sua importância - explorações de 1960 e 1961. *Lucerna*. Porto. 3, p. 167-178.
- WHITLEY, D. S. (2000) - *L'Art des Chamanes de Californie, Le Monde des Amérindiens*. Paris: Seuil.